



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Thalita Schuh Venancio da Costa

**Elementos urbanísticos no Vale do Supe-Peru entre o terceiro  
e o segundo milênio AEC: o desenvolvimento das primeiras  
cidades e a questão do Estado**

Desterro

2024

Thalita Schuh Venancio da Costa

**Elementos urbanísticos no Vale do Supe-Peru entre o terceiro e o segundo milênio AEC: o desenvolvimento das primeiras cidades e a questão do Estado**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de História, do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção de título de Bacharel e Licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Lucas de Melo Reis Bueno  
Coorientador: Prof. Dr. Fabio Augusto Morales

Desterro

2024

Ficha catalográfica gerada por meio de sistema automatizado gerenciado pela BU/UFSC.  
Dados inseridos pelo próprio autor.

Costa, Thalita Schuh Venancio da  
Elementos urbanísticos no Vale do Supe-Peru entre o  
terceiro e o segundo milênio AEC : o desenvolvimento das  
primeiras cidades e a questão do Estado / Thalita Schuh  
Venancio da Costa ; orientador, Lucas de Melo Reis  
Bueno, coorientador, Fabio Augusto Morales, 2024.  
147 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -  
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de  
Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em História,  
Florianópolis, 2024.

Inclui referências.

1. História. 2. Relação entre a cidade e o Estado no Vale  
do Supe entre o terceiro e o segundo milênio AEC. 3.  
Arqueologia Andina . 4. Urbanismo Andino. I. Bueno, Lucas  
de Melo Reis. II. Morales, Fabio Augusto . III.  
Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em  
História. IV. Título.



## ATA DE DEFESA DE TCC

Aos dois dias do mês de dezembro do ano de dois mil e vinte e quatro, às dez horas por videoconferência, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelo Professor Lucas de Melo Reis Bueno, Orientador e Presidente, pela Professora Daniela La Chioma Silvestre, Titular da Banca, e pelo Professor Lucas Bond Reis, Suplente, designados pela Portaria nº 27/2024/HST/CFH do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de arguirm o Trabalho de Conclusão de Curso da acadêmica **Thalita Schuh Venancio da Costa**, subordinado ao título: **"Elementos urbanísticos no Vale do Supe-Peru entre o terceiro e o segundo milênio AEC: o desenvolvimento das primeiras cidades e a questão do Estado"**. Aberta a Sessão pelo Senhor Presidente, a acadêmica expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, a mesma foi arguida pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo a candidata recebido do Professor Lucas de Melo Reis Bueno a nota final 10,0, da Professora Daniela La Chioma Silvestre a nota final 10,0 e do Professor Lucas Bond Reis a nota final 10,0; sendo aprovada com a nota final 10,0 A acadêmica deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital à Coordenadoria do Curso de História até o dia nove de dezembro de dois mil e vinte e quatro. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pela candidata.

Florianópolis, 2 de dezembro de 2024.

Banca Examinadora:

Prof. Lucas de Melo Reis Bueno

Prof.a Daniela La Chioma Silvestre

Prof. Lucas Bond Reis

Candidata Thalita Schuh Venancio da Costa

*Lucas Bond Reis*



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**  
Campus Universitário Trindade  
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina  
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que o acadêmico(a) Thalita Schuh Venancio da Costa, matrícula n.º 23150484, entregou a versão final de seu TCC cujo título é Elementos urbanísticos no Vale do Supe-Peru entre o terceiro e o segundo milênio AEC: o desenvolvimento das primeiras cidades e a questão do Estado, com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 09 de dezembro de 2024.

---

Orientador(a)

## RESUMO

Neste trabalho, investiga-se a relação entre a cidade e o Estado no Vale do Supe entre o terceiro e o segundo milênio AEC, questionando modelos eurocêntricos sobre a formação dos Estados e das civilizações. A metodologia utilizada abrange a análise das publicações de sítios arqueológicos da região e uma revisão crítica da literatura acadêmica existente, incluindo as teorias de Ruth Shady e as críticas de outros arqueólogos. As revisões indicam que as características dos sítios arqueológicos do Vale do Supe, como a urbanização e a complexidade arquitetônica, não apresentam evidências claras de uma administração estatal centralizada. As conclusões do trabalho destacam a possibilidade da existência de “Cidades sem Estado”, sugerindo que as estruturas sociopolíticas podem ter se desenvolvido de forma diferente das narrativas tradicionais. A ideia central do trabalho reside na necessidade de descolonizar a historiografia acerca da formação dos Estados nas sociedades andinas, oferecendo novas interpretações sobre a urbanização e a organização social. As bases teóricas que embasaram a pesquisa incluem as teorias de Meneses, Graeber e Wengrow, que proporcionam um entendimento mais amplo das dinâmicas sociais e políticas na região.

**Palavras-chave:** Cidades; Estados; Cidades sem Estado.

## RESUMEN

Este trabajo investiga la relación entre ciudad y Estado en el Valle de Supe entre el tercer y el segundo milenio AEC, cuestionando los modelos eurocéntricos sobre la formación de Estados y civilizaciones. La metodología utilizada abarca el análisis de las publicaciones de sitios arqueológicos de la región, así como una revisión crítica de la literatura académica existente, incluyendo las teorías de Ruth Shady y las críticas de otros arqueólogos. Las revisiones indican que las características de los sitios arqueológicos del Valle de Supe, como urbanización y complejidad arquitectónica, no presentan evidencias claras de una administración estatal centralizada. Las conclusiones del trabajo destacan la posibilidad de la existencia de “Ciudades sin Estado”, sugiriendo que las estructuras sociopolíticas podrían haberse desarrollado de manera diferente a las narrativas tradicionales. La idea central del trabajo reside en la necesidad de descolonizar la historiografía sobre la formación de Estados en las sociedades andinas, ofreciendo nuevas interpretaciones sobre urbanización y organización social. Las bases teóricas que sustentaron la investigación incluyen las teorías de Meneses, Graeber y Wengrow, que proporcionan una comprensión más amplia de las dinámicas sociales y políticas en la región.

**Palabras llaves:** Ciudades, Estado, Ciudades sin Estado.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Sítios arqueológicos situados no Norte Chico . . . . .	14
Figura 2 – Mapa de distribuição dos principais sítios Formativos Iniciais nos Andes Centrais, com a área Centro-Norte delimitada por um círculo . . . . .	17
Figura 3 – Assentamentos do Formativo Inicial que compartilham a mesma região do Vale do Supe . . . . .	18
Figura 4 – a) Quipus; b) Edifícios; c) Métodos construtivos . . . . .	19
Figura 5 – Enterramentos da elite em Áspero . . . . .	20
Figura 6 – Cultura material diversa . . . . .	21
Figura 7 – Arquitetura monumental de Caral . . . . .	22
Figura 8 – Área Centro-Norte do Peru, de 400 por 300 km de extensão . . . . .	24
Figura 9 – Padrões arquitetônicos compartilhados da “civilização Caral” . . . . .	25
Figura 10 – Rotas de Comunicação . . . . .	108

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Sistemas cronológicos empregados na periodização dos Andes Centrais	. 26
Tabela 2 – Sítios arqueológicos do Vale do Supe . . . . .	. 70
Tabela 3 – Sequência de ocupação dos assentamentos de Caral . . . . .	. 76

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>13</b>
1.1 APRESENTAÇÃO DO TEMA E CONTEXTUALIZAÇÃO	13
<b>1.1.1 Terminologias espaço-temporais utilizadas pelos investigadores dos Andes</b>	
<b>Centrais</b>	<b>25</b>
1.2 PROBLEMA	26
1.3 JUSTIFICATIVA	26
1.4 OBJETIVOS	27
1.5 METODOLOGIA	27
<b>2 RESULTADOS E DISCUSSÕES</b>	<b>31</b>
2.1 PRINCIPAIS TEORIAS, CONCEITOS E METÓDOS USADOS PARA O ESTUDO DO ESTADO E URBANISMO NOS ANDES	31
<b>2.1.1 Desafios para os estudos da Antiguidade Andina</b>	<b>44</b>
<b>2.1.2 Estado</b>	<b>45</b>
<b>2.1.3 Cidade</b>	<b>52</b>
2.2 VALE DO SUPE	67
<b>2.2.1 Investigadores do Vale do Supe</b>	<b>67</b>
<b>2.2.2 Marco espacial do Vale do Supe</b>	<b>69</b>
<b>2.2.3 Marco temporal do Vale do Supe</b>	<b>72</b>
<b>2.2.4 Sítio Arqueológico de Caral</b>	<b>73</b>
2.2.4.1 Marco espacial do sítio de Caral	73
2.2.4.2 Marco temporal de Caral	74
<b>2.2.5 Material construtivo e estruturas de Caral e sítios arqueológicos correlacionados no Vale do Supe</b>	<b>77</b>
2.2.5.1 Materiais construtivos	77
2.2.5.2 Estruturas	77
2.2.5.3 Classificação das estruturas presentes no Vale do Supe	80
2.2.5.4 Estruturas do sítio de Caral	85
<b>2.2.6 Sítios do Vale do Supe correlacionados a Caral</b>	<b>92</b>
2.2.6.1 Áspero	92
2.2.6.2 Piedra Parada	94
2.2.6.3 El Molino	94

2.2.6.4 Era de Pando	. . . . .	95
2.2.6.5 Pueblo Nuevo	. . . . .	96
2.2.6.6 Lurihuasi	. . . . .	96
2.2.6.7 Miraya.	. . . . .	97
2.2.6.8 Cerro Colorado	. . . . .	98
2.2.6.9 Chupacigarro	. . . . .	98
2.2.6.10 Allpacoto	. . . . .	99
2.2.6.11 Llaqta	. . . . .	100
<b>2.2.7 Cultura material</b>	. . . . .	<b>100</b>
<b>3 ANÁLISE DAS IMPLICAÇÕES TEÓRICAS SOBRE OS SÍTIOS DO VALE</b>		
<b>DO SUPE</b>	. . . . .	<b>107</b>
3.1 ARGUMENTAÇÕES E CONTRA-ARGUMENTAÇÕES	. . . . .	107
<b>3.1.1 Shady e o Estado: conceito e argumentos</b>	. . . . .	<b>111</b>
<b>3.1.2 Shady e a organização social e política</b>	. . . . .	<b>114</b>
<b>3.1.3 Críticas ao modelo interpretativo de Shady e possibilidades de releitura</b>	. . . . .	<b>116</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	. . . . .	<b>132</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	. . . . .	<b>137</b>

## 1 INTRODUÇÃO

### 1.1 APRESENTAÇÃO DO TEMA E CONTEXTUALIZAÇÃO

O Vale do Supe está localizado nas encostas ocidentais do Centro-Norte do Peru, onde o rio Supe corre por cerca de 92 km até desaguar no Oceano Pacífico. Esta região faz parte do Norte Chico, uma área costeira central do Peru próxima à capital Lima, que também inclui os vales de Fortaleza, Pativilca e Huaura (vide Figura 1). A partir do terceiro milênio antes da era comum, surgiram, nessa área, centros com arquitetura monumental permanente e uma economia regional complexa (Haas; Creamer, 2006; Shady *et al.*, 2003).

Essa transformação arquitetônica no Vale do Supe é precedida por uma longa história de ocupação humana no Peru. Evidências arqueológicas sugerem que o país já era habitado por povos com subsistência baseada na caça coletiva desde 12.000 AEC<sup>1</sup> (Lanning, 1967 *apud* Defrance *et al.*, 2009; Dillehay *et al.*, 2017; Rademaker *et al.*, 2014). Segundo Defrance, havia ocupação em várias partes do litoral, principalmente em regiões próximas a nascentes costeiras e canais, onde a água potável era acessível. Pesquisas revelam que a ocupação forrageira foi constante do Pleistoceno Superior de 7000 a 4000 AEC aproximadamente, e que a especialização regional na exploração marinha foi uma característica persistente dos assentamentos costeiros ao longo do tempo (Lavallé; Julien, 2012).

Pesquisas realizadas por Dillehay *et al.* (2017) em Huaca Prieta e Paredones, no vale do baixo Chicama, estendem a presença de forrageadores marítimos a cerca de 15.000 AEC. Esses grupos dependiam sobretudo de métodos tradicionais de coleta e captura de alimentos. Seis gêneros de plantas<sup>2</sup>, incluindo pimenta e abacate, foram identificados, indicando trocas com grupos do interior e um possível estágio inicial de domesticação.

Conforme Varillas (2014), a interdependência entre os recursos costeiros e as práticas de subsistência dos forrageadores marítimos desempenhou um papel fundamental na mudança do tipo de ocupação na costa peruana. Pesquisas sobre mudanças climáticas no Peru sugerem que formações sociais com características diferenciadas, isto é, com construções monumentais, estratificação social e urbanização, podem ter se dado na costa peruana devido

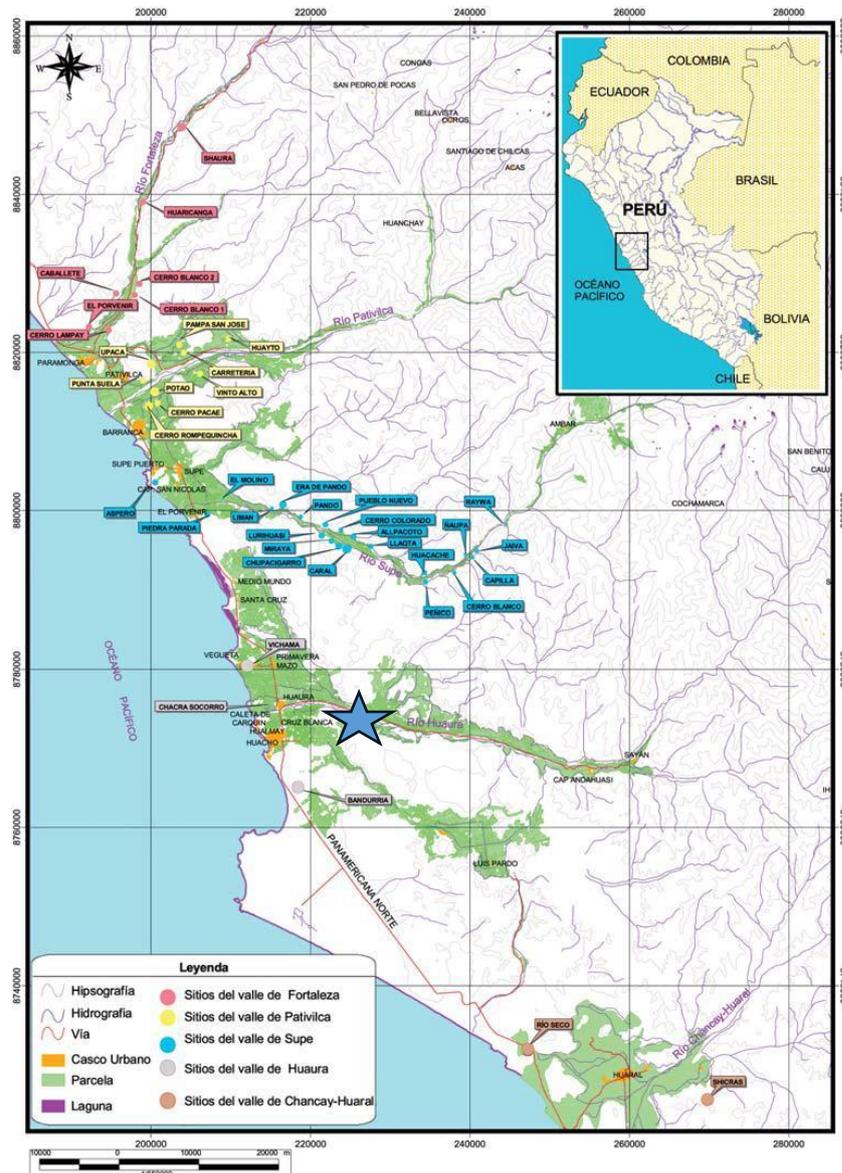
---

<sup>1</sup> A sigla AEC, “Antes da Era Comum”, e EC, “Era Comum”, é um sistema utilizado como uma forma de expressar os mesmos períodos AEC. e A.D., mas sem a referência cristã. De acordo com esse sistema, conta-se o tempo para trás antes da Era Comum (AEC.) e progressivamente na Era Comum (EC).

<sup>2</sup> “Pimenta (*Capsicum spp.*), abóbora (*Cucurbita sp.*), feijão (*Phaseolus sp.*), abacate (*Persea sp.*), junco (*Juncus sp.*) e uma possível planta medicinal (*Tessaria integrifolia*)” (Dillehay *et al.*, 2012, p. 07, tradução nossa).

à abundância de recursos hidrobiológicos, “con abundancia de plancton por el fenómeno de afloramiento provocado por la corriente fría de Humboldt y los vientos alísios” (Ochoa, 2010 *apud* Varillas, 2014, p. 49).

**Figura 1:** Sítios arqueológicos localizados no Norte Chico



Fonte: mapa disponível em: <http://doi.org/10.15021/00002369>, p. 62.  
Acesso em: 27 maio 2024.

Segundo Sandweiss, a ocupação humana nos últimos 13 mil anos, nos Andes<sup>3</sup>, deve ser analisada no contexto das mudanças climáticas associado à diversidade ambiental. O autor

<sup>3</sup> A região Andina é constituída pelos países da América do Sul atravessados pela Cordilheira dos Andes. São eles: Bolívia, Peru, Equador, Colômbia, Chile e Venezuela. É subdividida em seis grandes áreas de integração econômico-social: Circum Caribe, Andes Septentrionais, Andes Centrais, Andes Centro Sul Circum Titicaca, Andes Meridionais e Extremo Sul. Os critérios para a subdivisão da região em seis áreas de integração

sugere que os antigos habitantes se adaptaram a microambientes diversos, domesticando uma variedade de plantas (Sandweiss *et al.*, 2001, 2003). Para ele, a tecnologia, a história, as práticas culturais, a religião, a percepção e as peculiaridades individuais e grupais podem influenciar significativamente a forma como uma sociedade e seus membros interagem dinamicamente com o ambiente e respondem às mudanças ambientais e climáticas. Segundo esse argumento, as características únicas do ambiente dos Andes desempenham papéis fundamentais em muitas teorias influentes<sup>4</sup>, embora controversas, sobre o passado andino (Sandweiss *et al.*, 2001, 2003).

A adaptação aos diversos microambientes andinos teria influenciado os diferentes modos de vida e padrões de assentamento observados na região. Já Canziane (2018) observa que os diversos modos de vida refletem processos produtivos diferenciados, adaptados às características regionais, sem um padrão neolítico específico nos Andes Centrais, mas sim, uma interação contínua entre as sociedades (Canziane, 2018).

Shady também defende que a transição para o neolítico foi gradual e variada entre 8000-6000 AEC, resultando em processos adaptativos regionalizados (Shady; Leyva, 2003). Nas regiões costeiras, a estabilidade dos assentamentos e o aprimoramento de técnicas de cultivo teriam fortalecido a formação aldeã, enquanto que, nas regiões alto-andinas, as sociedades mantiveram um estilo de vida nômade (Canziane, 2008).

Segundo Lumbreras:

el proceso de agrarización o neolitización de los Andes [...] sustentado en avances tecnológicos especialmente ligados al manejo de las fuentes alimentarias, abrió las puertas a una nueva forma de relación entre los seres humanos con lazos de sustento sólido en la extensión comunera de las relaciones de parentesco (Lumbreras, 2020, p. 81).

Esse processo é tomado como evidência para um aumento populacional entre 5000 e 1800 AEC, além do estabelecimento de assentamentos de vilarejos, correspondendo a um primeiro estágio sem cerâmica e sem algodão e, mais tarde, para um estágio sem cerâmica

---

econômico-social baseiam-se principalmente, segundo Lumbreras, na diversidade ambiental, no desenvolvimento histórico-cultural e nas interações socioeconômicas. A variedade geográfica, que inclui desde florestas tropicais e grandes cordilheiras até desertos áridos, define o ambiente natural que influencia diretamente as práticas agrícolas e o modo de vida dos povos andinos. Historicamente, as civilizações pré-colombianas, como os Incas, estabeleceram uma base cultural comum que ainda persiste. As fronteiras políticas modernas também desempenham um papel, refletindo as diferenças administrativas entre países como Colômbia, Equador, Peru, Bolívia, Chile e Argentina. A combinação dessas variáveis – ambiente natural, história compartilhada e relações socioeconômicas – determina as características únicas de cada subárea, enquanto mantém uma unidade cultural subjacente (Lumbreras *et al.*, 1981).

<sup>4</sup> Tema tratado na seção 2.1.

com algodão (2500-1800 AEC)<sup>5</sup>, que corresponde ao início da construção dos grandes centros públicos (Lumbreras *et al.*, 1981; Lumbreras, 2020).

Lumbreras descreve esse processo como uma “revolução” nas relações sociais e de trabalho nos Andes centrais, resultando em distinções entre produtores diretos e especialistas (Lumbreras, 2020). Shady acrescenta também que houve melhorias na tecnologia da pesca e no cultivo de irrigação, aumentando a produtividade econômica e as organizações sociais (Shady; Leyva, 2003).

É nesse momento que surgem os assentamentos com arquitetura monumental e não monumental nas mais diversas regiões dos Andes peruanos, como Huaynuná (Casma) nos Andes Centrais, Caral e Aspero (Vale do Supe), La Galgada (bacia de Chuquicara), Huaricoto (Beco de Huaylas), Piruru (bacia do rio Tecillos, Huamalies) e Kotosh (em Huanuco) nas montanhas (vide Figura 2). De acordo com Shady, a caracterização arquitetônica desses locais permitiu agrupá-los na chamada tradição arquitetônica Kotosh (Shady, 1997; Shady *et al.*, 2003).

Nesse contexto andino, o Vale do Supe se destaca devido às escavações nos sítios de Áspero e Caral. Áspero, escavado por Robert Feldman em 1974, revelou estruturas monumentais, como pirâmides e recintos cerimoniais. Em Caral, Ruth Shady encontrou 35 estruturas, que ela identificou como recintos cerimoniais, administrativos e residenciais, com algumas datando entre 2600 e 1800 AEC. Estudos subsequentes identificaram 21 sítios arqueológicos adicionais no Vale do Supe (vide Figura 3).

A pesquisa tem como escopo os sítios arqueológicos do Vale do Supe, com ênfase no sítio de Caral, entre o segundo e o terceiro milênio AEC. Esses sítios apresentam tamanhos e arquitetura variados, porém, segundo Shady, todos pertencem a uma cultura comum, que ela denominou de cultura Caral.

---

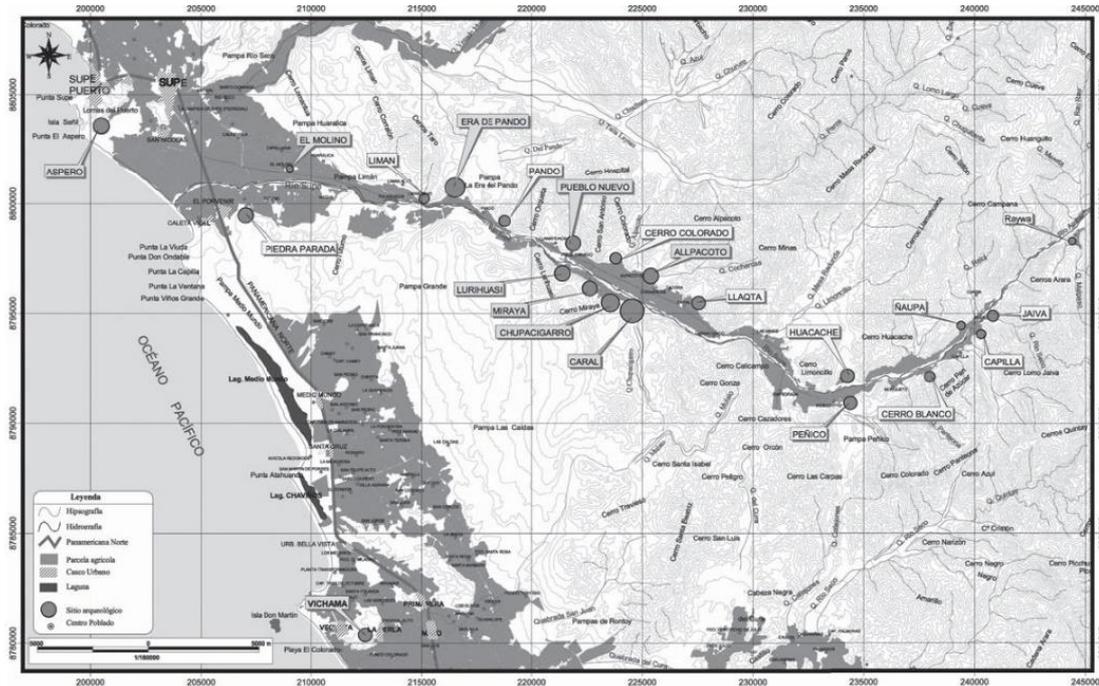
<sup>5</sup> Esse período é definido por Lumbreras (1981) como “Precerâmico pre-algodón e Precerâmico con algodón”. Segundo Canziane, essa definição é importante “ya que no solamente está ausente este cultivo y es de algún modo aún limitado el rol de la horticultura en las subsistencias, sino que tampoco se perciben los profundos cambios económicos, sociales; y en la forma de asentamiento que se advierten en los sitios asociados a la presencia del algodón. Por esta razón, la presencia-ausencia del algodón ha sido asumida por la arqueología andina como un indicador diagnóstico de esta época de grandes cambios correspondiente al Precerâmico Tardío” (Canziane, 2018, p. 61). É importante sinalizar também que esses períodos estão relacionados com o contexto Andino central, uma vez que, no mesmo período, a sociedade Valdivia, localizada na península de Santa Elena, no Equador, produzia peças cerâmicas.

**Figura 2:** mapa de distribuição dos principais sítios Formativos Iniciais nos Andes Centrais, com a área Centro-Norte delimitada por um círculo



Fonte: FLORES, Luiz. *Estudio de unidades residenciales en el subsector I2 de Caral, valle de Supe-Perú*. Tesis de Licenciatura. Lima: UNMSM, 2006. p. 18.

**Figura 3:** Assentamentos do Formativo Inicial que compartilham a mesma região do Vale do Supe



Fonte: mapa disponível em: <https://doi.org/10.18800/boletindearqueologiapucp.200601.004>, p. 68.  
Acesso em: 20 abr. 2023.

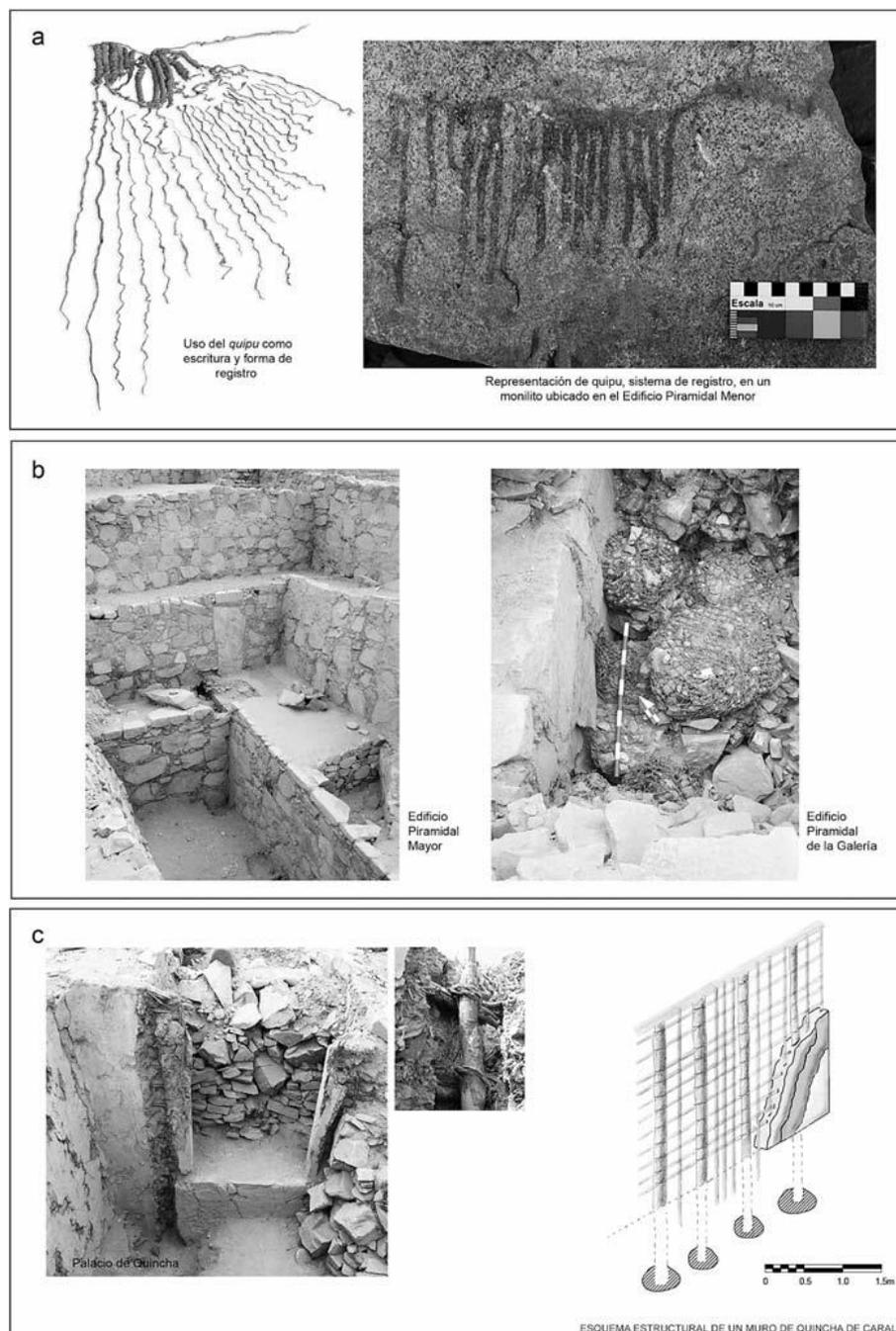
A extensão em hectares desses sítios é bastante diversa. Alguns têm tamanho considerável, como Caral (66,00), Era de Pando (56,54), Lurihuasi (36,97), Chupacigarro (34,93), Allpacoto (18,56), Lllamaruaca (11,42), Piedra Parada (29,33), Cerro Colorado (28,42), Miraya (26,32), Pueblo Nuevo (23,48), Áspero (18,80), Huacache (14,74), Rurihuasi (13,09) e Peñico (13,01). E outros com menos de 10 hectares, como Pando (9,49), Jaiva (8,87), Ñawpa (8,09), El Molino (7,57), Raywa (6,07), Cerro Blanco (3,11), Limán (2,99), Llaqta (2,36) e Capilla (1,61) (Shady, 2014).

Os sítios contam com edifícios piramidais escalonados, praças circulares afundadas no solo e a utilização dos mesmos métodos construtivos. E também contam com as *shicras*<sup>6</sup> (bolsas de fibra vegetal com pedras ou outros materiais orgânicos usadas como parte do enchimento das paredes), uma das expressões mais notáveis da região, além de fogões

<sup>6</sup> Espinoza resume o significado desse termo usualmente encontrado nas seguintes denominações: O termo *shicra*, utilizado para descrever uma “bolsa ou cesta de fibra”, deriva do quechua, conforme registrado no dicionário *Rimaycuna-Quechua de Huánuco* (1998). Em Caral, estas bolsas eram feitas principalmente de junco (*Schoenoplectus sp.*) e *Cortaderia sp.* e serviam para conter pedras utilizadas em construções monumentais. Essas estruturas são interpretadas como elementos de caráter funcional e possivelmente ritualístico, desempenhando um papel tanto estrutural quanto simbólico no processo construtivo. Outros arqueólogos, como Bonavía (1982) e Quilter (1991), denominaram essas bolsas como “bolsas de contensão”, “sacos de fibra” ou “canastas de carga”. Em diferentes sítios arqueológicos da Costa Norte-Central do Peru, as *shicras* variavam em peso (de 5 kg a mais de 50 kg) e tamanho (entre 18 cm e 58 cm de diâmetro), indicando sua adaptação para suportar diferentes quantidades de pedras conforme as exigências arquitetônicas do local (Espinoza, 2004, p.344-354).

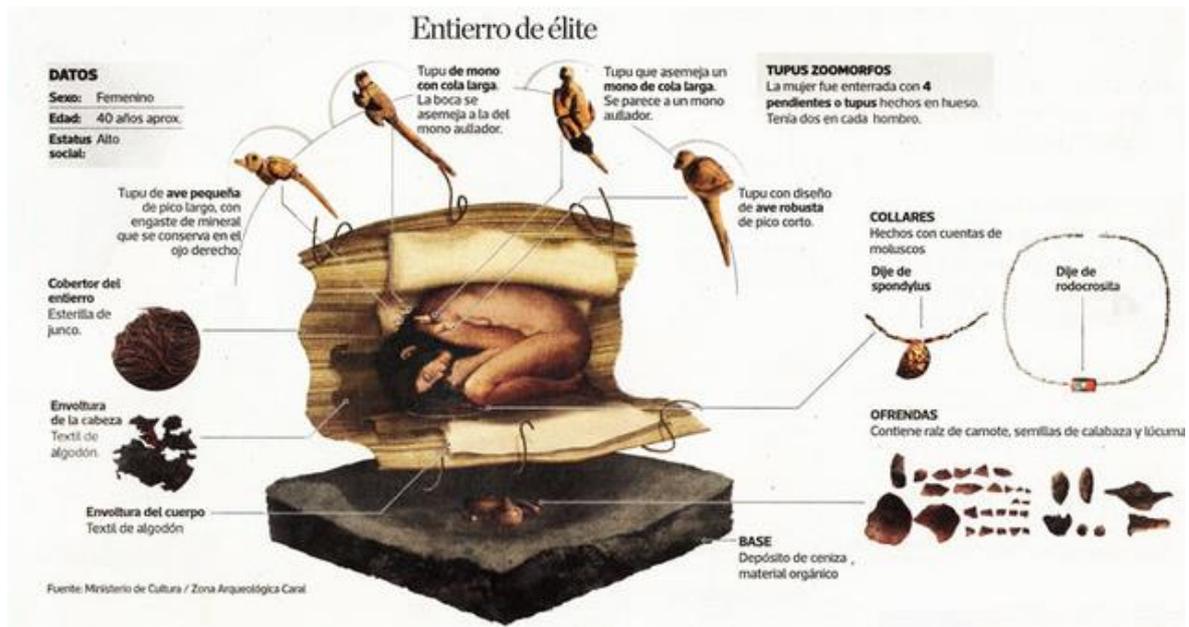
circulares, instrumentos musicais de ossos de aves, numerosos objetos de cabaças, estatuetas antropomórficas e zoomórficas feitas de barro cru, restos de tecidos de algodão, redes de pesca, enterramento de edifícios e rituais vinculados a esses enterramentos. Outros elementos que chamam a atenção nas escavações são a ausência de muralhas, muros ou armas, além do enterramento de uma mulher suntuosamente ornamentada e estatuetas de barro cru nas quais as mulheres parecem mais destacadas que os homens (vide Figuras 4, 5 e 6) (Shady, 1997, 2006, 2014; Shady; Leyva, 2003).

**Figura 4:** a) *Quipus*; b) Edifícios; c) Métodos construtivos



Fonte: esquemas disponíveis em: <http://doi.org/10.15021/00002369>, p. 94.  
 Acesso em: 23 out. 2024.

**Figura 5:** Enterramentos de elite em Áspero

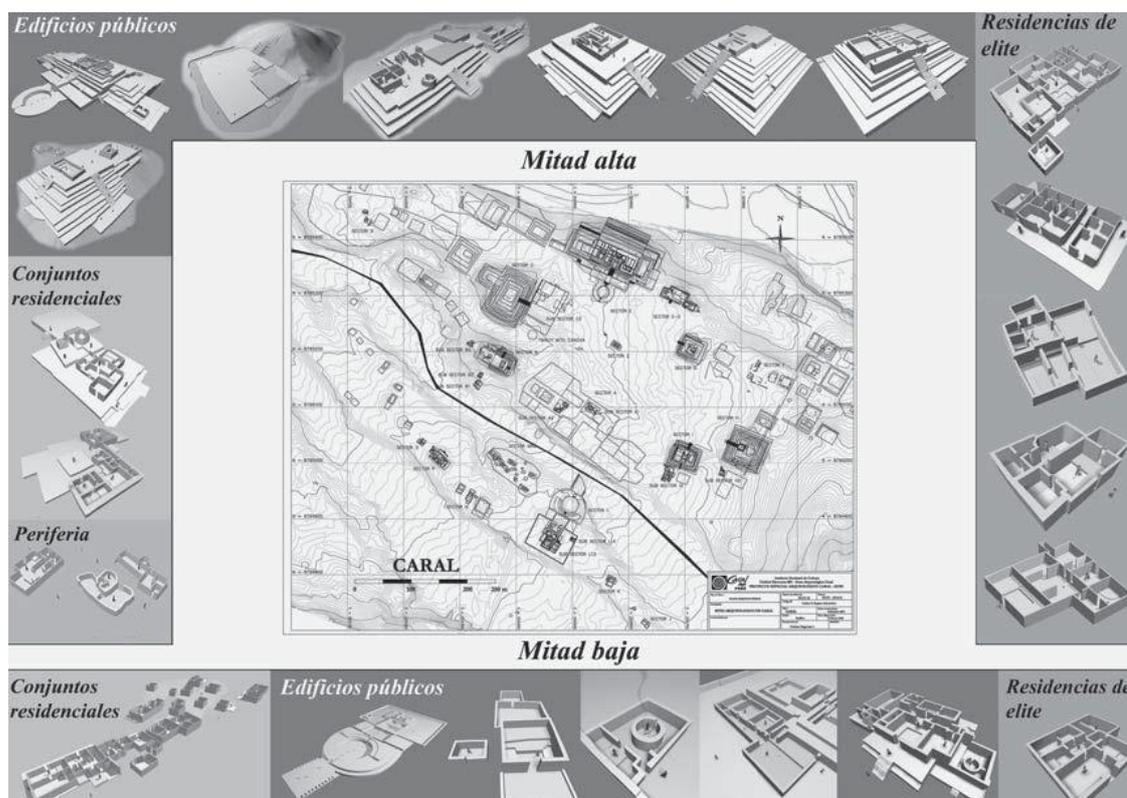


Fonte: disponível em: <https://www.zonacaral.gob.pe/caral-lo-que-revela-el-hallazgo-arqueologico-peruano-del-2016/>. Acesso em: 23 out. 2024.

**Figura 6:** Cultura material diversa

Fonte: acervo pessoal, 2023.

Shady postula que Caral, dentre os sítios do Vale do Supe, teria alcançado o *status* de cidade sagrada central devido à sua complexidade arquitetônica, ampla extensão territorial e localização central na região. A organização urbana planejada é interpretada a partir da distribuição de diferentes setores designados para atividades específicas, como cerimônias religiosas, habitação, administração e distribuição de excedentes. Por causa da ampla quantidade de fogões cerimoniais, acredita-se que Caral tenha sido um importante centro cerimonial, o que explica o sítio ter sido designado como “Cidade Sagrada Caral”. Acredita-se que os estilos construtivos e arquitetônicos teriam sido difundidos para outras cidades no Vale do Supe e vales vizinhos, promovendo a ideia de uma cultura compartilhada em toda a região Norte Central do Peru (vide Figura 7) (Shady; Leyva, 2003).

**Figura 7:** Arquitetura monumental de Caral

Fonte: mapa disponível em: <https://doi.org/10.18800/boletindearqueologiapucp.200601.004>, p. 70.  
Acesso em: 20 abr. 2023.

De acordo com Shady, o sítio de Caral desafia muitas das concepções anteriores sobre as transformações sociais e culturais nas Américas, ao demonstrar que formações urbanas já estavam presentes na região há mais de cinco mil anos. Além disso, os sítios do Vale do Supe levaram a questionar a ideia convencional de que o surgimento das cidades estava intrinsecamente ligado, e tão somente, à prática da agricultura intensiva. Ao contrário, especula-se que os povos indígenas dessas regiões praticavam trocas comerciais entre produtos marinhos e cultivos agrícolas (Shady; Leyva, 2003).

Com base nas obras de Shady sobre Caral, é importante distinguir alguns termos utilizados pela arqueóloga ao longo de suas obras, como “cultura Caral” e “civilização Caral”. Embora interligados, esses termos se distinguem na ênfase dada aos aspectos organizacionais e culturais da sociedade que se conformou no Vale do Supe.

A cultura Caral não é um termo definido explicitamente por Shady. Contudo, a partir da leitura de seus textos, é possível inferir que seu entendimento acerca da cultura Caral é tudo aquilo que abarca uma ampla gama de elementos, incluindo crenças, práticas religiosas, arte, arquitetura, tecnologia, sistemas de escrita (como os *quipus*), rituais funerários e muito mais. Essa cultura compreende tanto os aspectos tangíveis quanto os intangíveis da vida

cotidiana e das crenças compartilhadas pelos habitantes dessa sociedade. Já a expressão que designa a civilização Caral tem relação com o conceito de civilização, defendido por Shady:

Usamos la categoría civilización para calificar a las sociedades que han alcanzado un nivel avanzado de desarrollo cultural, expresado en el diseño y manejo del espacio ocupado, en el conocimiento y aplicación de ciencias exactas y predictivas, como la aritmética, la geometría, la astronomía y en las obras artísticas; que tienen excedentes productivos, clases estratificadas jerárquicamente y son conducidas por gobiernos estatales (Shady, 2002, p. 58).

A definição de civilização de Shady parece se alinhar à noção clássica de civilização, mas ela também busca ampliar<sup>7</sup> o entendimento de como as sociedades podem surgir sem os mesmos pressupostos do “Velho Mundo”. Em vez de focar exclusivamente no uso da escrita ou em exércitos organizados, como em outros modelos de civilização, ela sublinha o papel da religião, a produção econômica agro-pesqueira, a construção monumental e a interação entre as diversas populações que habitavam as regiões da costa, serra e selva, as quais estabeleceram redes de interação e troca, compartilhando recursos, conhecimentos e experiências adaptativas, que foram fundamentais para “la formación de la civilización más antigua del continente” (Shady, 2014, p. 58). Acredita-se que:

el ámbito de mayor extensión en el que se dieron las relaciones intersociales a partir del Período Temprano o del Medio de esta etapa del desarrollo comprendió las diversas regiones del área norcentral, integrada ésta por quince cuencas, en el espacio de 400 km de Norte a Sur, desde el río Santa hasta El Chillón y de 300 km de Oeste a Este, desde el litoral del Océano Pacífico a la cuenca del Amazonas, conforme figura 8 (Shady, 2014, p. 58).

Para Shady, a sociedade do Vale do Supe teria alcançado uma posição de destaque e prestígio significativo na área Centro-Norte em relação às demais regiões. Se comparado aos sítios vizinhos, o *status* privilegiado do Vale do Supe é evidenciado por sítios com maiores extensões, complexidade de espaços construídos e monumentalidade. Essas características são interpretadas pela arqueóloga como indicativos de uma sociedade organizada em termos de planejamento, engenharia e capacidade de mobilizar recursos e mão de obra. Nesse sentido, ela defende que a “civilização Caral” é uma das primeiras organizações humanas complexas a surgir nas Américas, especificamente na região Centro-Norte do Peru.

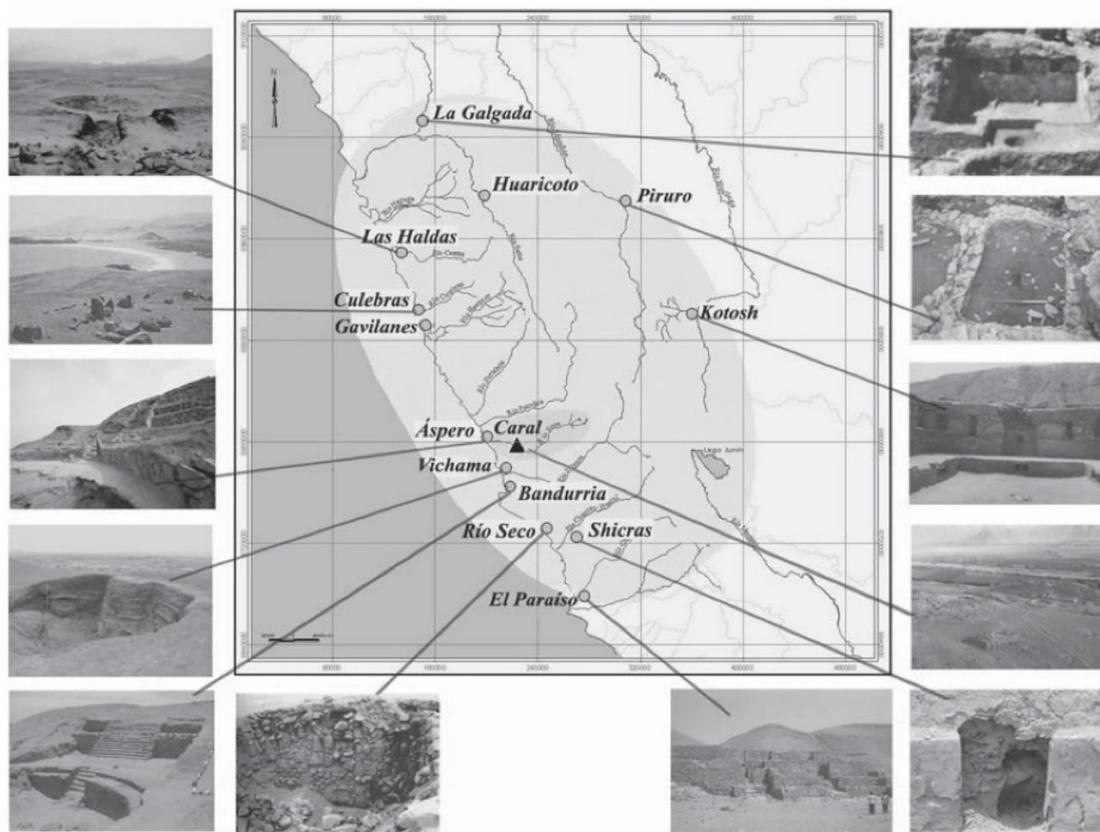
A hipótese de Shady é que a civilização Caral marcou o surgimento de uma forma de organização política complexa e centralizada que se apresenta como o primeiro Estado Andino, enquanto que a cidade de Caral teria sido o local central que controlava a região do

---

<sup>7</sup> Esse conceito será abordado novamente na seção de resultados e discussões do trabalho.



**Figura 9:** Padrões arquitetônicos compartilhados da “civilização Caral”



Fonte: disponível em: <https://doi.org/10.18800/boletindearqueologiapucp.200601.004>. p. 66.  
Acesso em: 20 abr. 2023.

### 1.1.1 Terminologias espaço-temporais utilizadas pelos investigadores dos Andes Centrais

A arqueologia dos Andes Centrais, especialmente no Peru, tem sido estudada por diversos pesquisadores, cada um propondo terminologias distintas para descrever os períodos temporais e as fases de desenvolvimento cultural<sup>8</sup>. Essa diversidade de termos representa um dos desafios para a pesquisa, pois pode gerar confusão durante a leitura e a análise dos dados arqueológicos.

Na Tabela 1, consta um exemplo da sistematização cronológica empregada para a periodização do Andes Centrais, que serve como um parâmetro para guiar as leituras. Ela é

<sup>8</sup> Em sua tese, Flores comenta que “En Julio del 2003, en el 51 Congreso Internacional de Americanistas de Santiago, Chile se trajo al tapete esta discusión, con la ponencia de Ruth Shady sobre ‘*las investigaciones en Caral-Supe y sus implicaciones en el conocimiento del proceso cultural de los Andes centrales*’, así como con la ponencia de Luis G. Lumbreras ‘*Un formativo sin cerámica y cerámica pre-Formativa*’ y la gran cantidad de ponencias de desarrollos a los que todos llamaban Formativo. Esta que se presentó en la mesa, las cuales mostraban una diversidad falta de sintonía dio las primeras clarinadas de alerta, a nivel internacional, sobre el uso y desuso del Término Formativo, porque evidentemente no estábamos hablando de lo mismo cuando estudiosos del Perú y Argentina presentábamos los resultados de nuestros desarrollos Formativos” (Flores, 2006, p. 14).

fundamental para a análise dos processos históricos e culturais descritos nas seções subsequentes deste trabalho.

**Tabela 1:** Sistemas cronológicos empregados para a periodização do Andes Centrais

Años a.C.	Rowe / Lanning 1967	Lumbreras 1974	Kaulicke 1998, Kaulicke y Dillehay 1999	Misión Arqueológica de Tokio: Onuki 1999, Shibata 2004	Flores 2005 (nuestra propuesta)	Sitios Arqueológicos de los Andes Centrales														
						Sitios de la Costa Norte	Sitios de la Costa Norcentral Casma - Lurín	Sitios de la Costa Sur	Sitios de la Sierra Norte	Sitios de la Sierra Central	Sitios de la Sierra Sur	Sitios del Altiplano								
200 300 400 600 800	Horizonte Temprano	Formativo	Formativo Final	Formativo Tardío	Formativo Final	Cupisnique	Garagay	Karwa	Chavín		Chupas Chanapata	Wankarani Cuzapata Titubayani Shilumoco								
Formativo Tardío																				
Formativo Medio																				
900 1200	Periodo Inicial	Formativo	Formativo Temprano	Formativo Medio	Formativo Tardío	Huaca de los Reyes Huaca Lúcia	San Jacinto Huacoy Cardal		Pacopampa Huacaloma		Marcavalle Píccallepata Vichqana	Chiripa Qalayu								
1300 1400 1500 1600 1700			Arauco Final										Formativo Medio	Formativo Medio	Salinas Chao	La Florida Las Aldas Sechin El Paraíso	Hacha	Pandanche Tunshucuyco	Warajirca	Vichqana
1800 1900 2000	Precerámico VI	Arauco	Arauco Tardío	Formativo Temprano	Formativo Temprano		Caral Aspero Huancanga Huaynasa	Asia Onuma Casavica	La Galgada Huancoto	Shillacoto Kotosh	Asana VII									
2500 2600 3000	Precerámico V			Formativo Inicial									Formativo Inicial	Huaca Prieta	Caral Aspero	La Galgada Paullitas	Asana VI			
4000	Precerámico IV			Arauco Medio									Arauco	Proto-Formativo o Formativo Remoto	Aspero	Camizal				Asana V
		Arauco Tardío						Asana IV												
6000 7000 8000	Precerámico III	Lítico	Arauco Temprano	Lítico	Arauco Medio		As-08 Los Gavilanes	K4 Villa del Mar Yara			Asana III y IV									
8000 9000	Precerámico II												Arauco Temprano	Paján	Chivateros	Quebrada de Burros Anillo Tacahua	Guitarero	Lauricocha Pachamachay Telamachay Panulauca	Asana I	Viscachani
9000 10000	Precerámico I																			

Fonte: FLORES, Luiz. *Estudio de unidades residenciales en el subsector I2 de Caral, valle de Supe-Perú*. Tesis de Licenciatura. Lima: UNMSM, 2006. p. 18.

## 1.2 PROBLEMA

A principal questão que orienta esta pesquisa é: Em que medida o desenvolvimento de cidades no Vale do Supe pressupõe a necessidade da formação de um Estado? Isso implica investigar se as características observadas nos sítios arqueológicos do Vale do Supe, como a urbanização e a complexidade arquitetônica, pressupõem a existência de uma estrutura governamental centralizada, ou então, se essas características poderiam ter surgido independentemente de um controle estatal formal.

## 1.3 JUSTIFICATIVA

Estudar o Vale do Supe é fundamental para descolonizar a perspectiva tradicional da historiografia sobre a formação dos Estados e civilizações. Este trabalho busca contribuir para uma compreensão crítica sobre as sociedades nas Américas, desafiando modelos eurocêntricos que frequentemente associam a formação de Estados e cidades à emergência de civilizações. Ao investigar a emergência sociopolítica no Vale do Supe, é possível questionar

as tradicionais suposições sobre a ideia de evolução das sociedades humanas e oferecer novas interpretações acerca dos processos de urbanização e organização social nas Américas. Além disso, a análise dos sítios do Vale do Supe pode permitir uma reflexão crítica sobre as bases das teorias de formação estatal, destacando a importância de contextos locais e regionais.

Ressalta-se ainda que o estudo dos assentamentos do Vale do Supe é relevante por abordar uma cultura ainda pouco discutida na historiografia e por indicar trajetórias socioculturais que divergem dos modelos tradicionais, permitindo uma crítica historiográfica que transcende a história local. Além disso, o estudo de Caral pode contribuir para repensar as hipóteses sobre o surgimento do Estado e das cidades e a relação entre eles.

#### 1.4 OBJETIVOS

O objetivo geral deste trabalho é analisar a formação das estruturas sociopolíticas no Vale do Supe durante o segundo e terceiro milênio AEC.

Os objetivos específicos incluem: a) Levantar e organizar a bibliografia sobre o Vale do Supe; b) discutir e analisar criticamente as diferentes correntes interpretativas dessa bibliografia; e c) discutir o problema teórico da formação do Estado e analisar teorias alternativas sobre a urbanização e a organização social.

#### 1.5 METODOLOGIA

A fundamentação teórica para a metodologia aplicada neste estudo é inspirada na teoria da História Global, proposta por Sebastian Conrad. Essa perspectiva busca questionar a ideia eurocêntrica e universalizante da História, que coloca a Europa como o centro do mundo, ao mesmo tempo que relega as histórias de outras regiões a um segundo plano. Conrad (2019) defende que a História deve ser vista como uma construção social e política, e que diferentes perspectivas e narrativas históricas devem ser valorizadas e integradas em uma História Global mais inclusiva e plural. Nesse sentido, a História Global procura considerar as interações e conexões entre diferentes regiões e culturas ao longo do tempo, sem hierarquizá-las ou reduzi-las a um único ponto de vista. Essa perspectiva alinha-se a esta pesquisa ao propor uma abordagem mais crítica e reflexiva da História, que valoriza a diversidade cultural e histórica do mundo e confirma que a História é uma construção social e política contingente.

A metodologia adotada envolve a análise bibliográfica de documentos publicados por equipes de escavação e críticos das principais teses sobre o Vale do Supe. Foram

analisados revistas científicas, boletins arqueológicos, teses, dissertações e livros, impressos e digitais. A pesquisa documental foi complementada por uma análise crítica das interpretações oferecidas por diferentes estudiosos, buscando identificar convergências e divergências nas teorias sobre a organização sociopolítica do Vale do Supe. Contudo, é importante confrontar essa perspectiva com outras teorias sobre a urbanização e a organização social em outros contextos.

A ideia do Estado como uma forma de organização política pode ser problematizada, conforme discutido por David Graeber e David Wengrow no livro *O despertar de tudo: uma nova história da humanidade*. Nele, os autores argumentam que, ao contrário do que se acreditava anteriormente, o surgimento do Estado não foi uma consequência natural da evolução humana, mas sim, um processo histórico específico, que se desenvolveu em contextos singulares de guerra e conquista.

Para tanto, Graeber e Wengrow questionam a ideia convencional de que o Estado é uma característica fundamental para o processo civilizatório, que se desenvolve a partir da complexificação social, que só é possível com a sedentarização decorrente do domínio agrícola. Em vez disso, propõem outra visão, na qual o Estado pode ter surgido de distintos modos em diversas partes do mundo, e em distintos momentos históricos.

Eles argumentam que o Estado não é uma forma de organização social natural ou inevitável, mas sim, uma construção histórica, que pode ter surgido de várias maneiras. Assim, é importante reconhecer que as sociedades humanas sempre foram muito diversas e que as formas de organização social variam amplamente em diferentes contextos históricos e geográficos (Graeber; Wengrow, 2021). No que diz respeito à formação social diferenciada do Vale do Supe no Peru, a ideia dos autores pode ajudar a entender a organização política e social desses povos.

A complexidade formal e organizacional parece ter sido algo fundamental para o desenvolvimento dos complexos urbanos, mas o que vem a ser uma cidade andina do segundo milênio AEC?

No que se refere a esse conceito, Meneses problematiza a pressuposição dos atributos formais da morfologia urbana apenas como uma apreensão dos elementos empíricos e visuais. Para ele, esses atributos não são imanentes às coisas, sendo necessário desnaturalizar a relação imanente entre a coisa e o sentido formal, pois “a reificação é tal processo de transferência que impede o reconhecimento do lugar de geração das formas, dos valores e sentidos que elas implicam e das funções que desempenham e efeitos que provocam” (Meneses, p. 148, 1996).

Nesse sentido, parece ser necessário desnaturalizar a ideia de cidade como algo dado ou criado, como um produto acabado. Ao contrário, ela deve ser tomada como um objeto que ganha significado diante de sua historização. Para isso, Meneses argumenta que a cidade deve ser entendida segundo três dimensões solidamente imbricadas: a cidade é artefato, é campo de forças e é imagem. É artefato enquanto um segmento apropriado socialmente, que impõe a si uma forma, função e sentido. Todavia, seus espaços, objetos e estruturas foram produzidos por forças econômicas, territoriais, políticas e socioculturais que não podem ser excluídas do seu entendimento e que estão em constante tensão e mudança (Meneses, 1996). Cidade artefato é uma abordagem que entende a cidade como um objeto ou produto que foi construído por seres humanos, ou seja, uma construção humana, e não como um organismo vivo ou um fenômeno natural. Essa abordagem se concentra na forma como as cidades são planejadas, organizadas e estruturadas como um todo, como resultado da ação humana, das condições históricas, políticas e sociais em que foram construídas. Dessa forma, a cidade é vista como um artefato criado pelo ser humano, e não como um organismo vivo ou uma entidade natural. Logo, deve ser abordada como tal, através do estudo de sua morfologia, ou seja, a forma, a estrutura, a organização e a disposição dos elementos que compõem a cidade, como edifícios, ruas, praças, parques, monumentos etc. (Meneses, 1996).

A cidade como campo de forças é a dimensão onde ela é compreendida como um espaço onde diferentes forças e dinâmicas interagem e se manifestam. Essas forças podem ser de natureza social, econômica, política, cultural e ambiental. A cidade é um local onde as relações de poder, os interesses conflitantes e as interações sociais ocorrem. Ela é influenciada por diversos fatores, como a desigualdade social, o desenvolvimento econômico, os processos de gentrificação, os conflitos urbanos, entre outros. Essa dimensão destaca que a cidade é um campo complexo de relações e tensões, onde diferentes atores e forças estão constantemente em jogo (Meneses, 1996).

Na dimensão da cidade como imagem, ela é entendida como uma representação simbólica e imaginária. A cidade vai além de sua materialidade física e se relaciona com a percepção e a construção de significados. Sua imagem abrange a forma como ela é percebida, imaginada e representada mentalmente pelas pessoas. Essa dimensão inclui tanto as imagens visuais, como fotografias, pinturas e representações gráficas, quanto as representações simbólicas e culturais associadas a ela. A imagem da cidade pode ser influenciada pela mídia, pela cultura popular, pelas narrativas históricas e pela memória coletiva, moldando a identidade e a percepção que as pessoas têm dela (Meneses, 1996).

Essas três dimensões (artefato, campo de forças e imagem) fornecem diferentes perspectivas para entender a cidade como um fenômeno complexo, que combina aspectos físicos, sociais, culturais e simbólicos. Essa abordagem multifacetada é importante para compreender a complexidade das cidades antigas, como as encontradas no Vale do Supe, e sua relação com a formação dos Estados (Meneses, 1996).

O conceito de *peer-polity interaction* (PPI), desenvolvido por Colin Renfrew e John F. Cherry (1980) na arqueologia, será útil como base teórica e metodológica para esta análise. Isso porque essa abordagem se concentra na interação entre as diferentes comunidades políticas de uma mesma região. Renfrew e Cherry investigaram como a interação entre as sociedades politicamente independentes desempenha um papel significativo na formação e transformação das culturas e estruturas sociais ao longo do tempo, estabelecendo relações de comércio, alianças, conflitos e trocas culturais. Essas interações influenciaram aspectos como a organização política, a economia, a religião, a arte e a arquitetura (Renfrew; Cherry, 1980).

Segundo essa teoria, as interações entre essas comunidades políticas eram horizontais, ou seja, sem domínio de uma sobre a outra, mas com igualdade ou equilíbrio de poder. Essas interações eram fundamentais para a formação de redes de comunicação e troca de informações entre as diferentes sociedades, influenciando diretamente a evolução social, política e cultural de cada uma delas. Dessa forma, o PPI oferece uma nova perspectiva para entender a dinâmica das sociedades antigas, enfatizando a importância da interação entre as distintas comunidades políticas e sua influência na formação de uma cultura regional compartilhada (Renfrew; Cherry, 1980).

Nesta pesquisa, o PPI representa também um processo fundamental para entender a formação de complexos políticos, como os Estados, pois a interação entre diferentes grupos pode levar a mudanças sociais e políticas concretas. Nesse caso, é possível confrontar a ideia de Shady, que procura mostrar que existe uma transmissão cultural a partir da cidade de Caral. No entanto, se a interpretação a partir do conceito de PPI for aplicada, talvez as semelhanças arquitetônicas não indiquem a existência de uma difusão cultural a partir de um Estado, uma vez que um poder político dominante não é a única justificativa plausível para a ocorrência de semelhanças arquitetônicas.

Essas abordagens teóricas buscam oferecer um quadro conceitual para a análise da formação das cidades e Estados no Vale do Supe. Ao integrar essas perspectivas diversas, esta pesquisa busca oferecer uma compreensão mais abrangente e crítica dos processos históricos que moldaram essas sociedades antigas.

## 2 RESULTADOS E DISCUSSÕES

### 2.1 PRINCIPAIS TEORIAS, CONCEITOS E MÉTODOS USADOS PARA O ESTUDO DO ESTADO E URBANISMO NOS ANDES

O debate sobre a formação dos Estados e do urbanismo andino não é um tema novo na literatura. Como se verá, é bastante complexo e continua relevante de ser problematizado. O estudo do Peru andino requer uma breve contextualização sobre as teorias e os métodos empregados para interpretar o passado das sociedades que habitaram a região. Como essas sociedades não desenvolveram um sistema de transmissão de informação escrita, os aspectos culturais são um dos principais meios de interpretação utilizados pelos pesquisadores. As publicações de pesquisas arqueológicas são, portanto, as principais referências para este trabalho.

O conceito de Estado foi utilizado na arqueologia peruana desde o início do século XX por Max Uhle<sup>9</sup>, Rafael Larco Hoyle e Julio C. Tello, por meio de uma perspectiva fortemente ligada às teorias de Lewis Morgan, que remontam ao século XIX (Tantaleán, 2021). O antropólogo estadunidense, em *Ancient Society* (1877), introduziu a teoria da evolução cultural, defendendo a ideia de que as sociedades passam por estágios de desenvolvimento, desde a barbárie até a civilização, com base em avanços tecnológicos e sociais. Essa é uma abordagem evolucionista descritiva estruturada a partir dos estudos sobre sistemas de parentesco e na ênfase dada à classificação das sociedades. Segundo Trigger, Morgan, ignorando obstinadamente as evidências arqueológicas, sustentou que os espanhóis do século XVI tinham exagerado a sofisticação dos astecas e incas a fim de glorificar sua própria façanha de conquistá-los. Sustentou que os modos de vida tradicionais desses povos diferiam um pouco dos iroqueses do estado de Nova York e afirmou que nenhum grupo nativo do Novo Mundo jamais evoluiu além do nível de uma sociedade tribal (Morgan, 1877 *apud* Trigger, 2004). A visão de Morgan pode ser descrita como etnocêntrica, tendo em vista

---

<sup>9</sup> Max Uhle foi um arqueólogo e etnógrafo alemão cujo trabalho no Peru, Chile, Equador e Bolívia, na virada do século XX, teve um impacto significativo na prática da arqueologia na América do Sul. É considerado um dos pioneiros no campo da arqueologia andina, particularmente por seu trabalho no Peru. Desenvolveu um sistema de classificação e tipologia para a cerâmica pré-colombiana, que permitiu uma melhor compreensão das culturas antigas da região. Exerceu uma influência duradoura na arqueologia andina e é lembrado como um dos primeiros arqueólogos a realizar escavações sistemáticas e estudos detalhados das civilizações antigas sul-americanas. Bibliografia disponível em: [https://de.wikipedia.org/wiki/Max\\_Uhle](https://de.wikipedia.org/wiki/Max_Uhle). Uma bibliografia sobre Uhle foi escrita em 1954, por John Rowe: “Max Uhle, 1856-1944: A Memoir of the Father of Peruvian Archaeology”, disponível em: <https://digitalassets.lib.berkeley.edu/anthpubs/ucb/text/ucp046-001.pdf>. Acesso em: 05 set. 2023.

que defende que o nível mais alto de civilização é representado pelo modelo de sociedade ocidental (Trigger, 2004).

Nesse viés, Uhle, Hoyle e Tello, em suas primeiras pesquisas, utilizaram o conceito de Estado e civilização associado ao processo evolutivo das sociedades humanas e relacionado a etapas de selvageria, barbárie e civilidade, assim como Morgan havia proposto no passado (Tantaleán, 2021). Mais tarde, Uhle e Tello se afastaram parcialmente dessa abordagem e se apropriaram da histórico-culturalista, reconhecendo que as culturas que estudavam eram mais complexas e variadas do que o evolucionismo social sugeria. Nessa fase, Uhle, influenciado pelo culturalismo europeu, procurou valorizar mais a compreensão das culturas em seu contexto histórico e social específico, o que o levou a realizar estudos detalhados sobre a cerâmica, a arquitetura e outros aspectos da cultura material das sociedades antigas (Kaulicke, 2015; Lumbreras, 2020).

A escola histórico-culturalista, na arqueologia, desenvolveu-se ao final do século XIX e início do século XX, influenciada por uma série de teorias e ideias propostas por diversos autores, como os antropólogos Franz Boas, Alfred Kroeber, A.V. Kidder, entre outros.

Franz Boas, considerado um dos fundadores da antropologia moderna, promoveu a ideia de “culturalismo”. Em *The Mind of Primitive Man*, de 1911, enfatizou o estudo das culturas em seu contexto histórico e cultural específico, rejeitando noções de hierarquia cultural e evolucionismo unilinear. Defendia que cada cultura era única e que devia ser compreendida em seus próprios termos (Boas, 1911 *apud* Trigger, 2004).

Segundo Trigger, isso implicava a adesão a duas ideias: o relativismo cultural, que negava a existência de qualquer padrão universal para comparar o grau de desenvolvimento ou valor entre diferentes culturas, e o particularismo histórico, que via cada cultura como o resultado de uma sequência única de desenvolvimento, onde a difusão desempenhava um papel proeminente nas mudanças culturais. Boas argumentava que, embora possa haver regularidades nas mudanças culturais, elas são tão complexas que desafiam uma compreensão simplista. Assim, a única maneira de explicar o passado era identificar os diversos episódios peculiares de difusão que moldaram a transformação de cada cultura (Boas, *apud* Trigger, 2004).

Nos Andes, um dos principais impulsores dessa perspectiva foi Alfred Kroeber, aluno de Boas. Ele trabalhou não só com coleções andinas na University of California, assim como escavou no Peru (Tantaleán, 2021).

Segundo Trigger, ao final do século XIX, o crescente interesse pela etnicidade desempenhou um papel fundamental na formação do conceito de cultura arqueológica. Os estudiosos da área começaram a traçar analogias entre o conjunto de vestígios arqueológicos geograficamente restritos e com características específicas e as culturas etnográficas. Essa abordagem histórico-cultural levou à adoção do conceito de cultura arqueológica, no qual se buscava identificar e estudar os modos de vida transmitidos por povos específicos de geração em geração. A ênfase na etnicidade e na identificação de grupos étnicos através do registro arqueológico era utilizada como uma forma de afirmar ideais nacionalistas por meio da busca de suas origens, momento em que o registro arqueológico passou a ser interpretado como uma evidência de estágios de desenvolvimento cultural (Trigger, 2004).

Gordon Childe, representante do histórico culturalismo europeu, em *The Dawn of European Civilization*, de 1925, e em trabalhos posteriores, apresentou uma nova abordagem acerca do registro arqueológico que forneceu uma significativa mudança de foco da arqueologia europeia na década de 1950 (Childe, *apud* Trigger, 2004).

Conforme esclarece Trigger, Childe passou a interpretar o registro arqueológico não apenas como uma evidência de estágios de desenvolvimento cultural, mas como uma maneira de identificar povos antigos por meio de suas culturas arqueológicas, rastreando seus movimentos e interações. Sob essa perspectiva, o período neolítico, que era visto como um estágio de desenvolvimento, passou a ser entendido como um mosaico de grupos culturais distintos, levantando questões sobre a variação histórica específica e o interesse sobre a vida dos povos antigos. Além disso, Childe enfatizou a importância de entender tanto a variação geográfica quanto temporal no registro arqueológico, destacando a necessidade de uma abordagem mais objetiva e científica na interpretação dos dados arqueológicos (Childe, *apud* Trigger, 2004).

De forma resumida, a abordagem histórico-cultural ressalta a importância se compreender as culturas no contexto de suas próprias histórias e desenvolvimento. E reconhece que as culturas são moldadas por eventos históricos, mudanças sociais e influências externas ao longo do tempo. Segundo Trigger, começou a se desenvolver quando os europeus ocidentais abandonaram a ideia de evolução cultural como um processo natural e passaram a ver a cultura como o resultado de difusão e migração<sup>10</sup>. Já o método preterido se concentrou

---

<sup>10</sup> Em um contexto político, a arqueologia europeia passou a ser vista como uma forma de fornecer informações sobre o desenvolvimento de grupos étnicos em tempos da história profunda. Essa abordagem se encaixou com o nacionalismo emergente na Europa, com os achados arqueológicos sendo usados para promover a ideia de identidade e unidade nacional. Ideologicamente, foi utilizada em contextos nacionalistas onde havia um forte desejo de entender o modo de vida de grupos específicos, em diferentes épocas (Trigger, 2004).

na cultura arqueológica em vez de estágios gerais de desenvolvimento e procurou explicar o registro arqueológico em detalhes precisos (Trigger, 2004).

Nos Estados Unidos, a corrente surgiu devido à complexidade do registro arqueológico, mas, de acordo com Trigger, não havia uma identificação direta entre os pesquisadores e os povos estudados. Essa tendência se desenvolveu mais lentamente por causa da ênfase em listas de traços culturais objetivos. Em ambos os casos, as mudanças nas culturas arqueológicas foram frequentemente atribuídas a fatores externos, como a migração e a difusão. Quando as inovações internas eram evidentes, o processo muitas vezes era deixado inexplicado ou atribuído a características raciais específicas (Trigger, 2004).

O conceito de cultura arqueológica, influenciado inicialmente por estudiosos europeus e posteriormente por antropólogos americanos, como Franz Boas e seus discípulos, foi aplicado na arqueologia peruana. A partir da perspectiva difusionista, estudiosos como Julio C. Tello buscaram explicar a expansão e o desenvolvimento das culturas andinas, utilizando evidências materiais para construir cronologias e identificar influências culturais. Tello aplicou essa perspectiva ao tentar explicar a existência de um império Megalítico difundido a partir de Chavín de Huantar (Tello, *apud* Tantaleán, 2021).

Entretanto, ele estava interessado não apenas em descobrir e catalogar vestígios arqueológicos, mas também em compreender a continuidade cultural entre as populações indígenas anteriores à colonização e às populações indígenas modernas do Peru. E acreditava que a pesquisa arqueológica deveria ser complementada por estudos etnográficos das populações indígenas contemporâneas para melhor entender a história e a continuidade cultural (Lumbreras, 2020).

Para Tantaleán, Tello buscou assemelhar as antigas sociedades andinas com o conceito de Estado-nação contemporâneo, com uma capital que se expande e influencia novos territórios por meio da cultura material, evidenciada principalmente pela arquitetura e cerâmica.

La idea en términos políticos es que una cultura arqueológica se asemeja a un Estado-nación contemporáneo, el que desde un centro nuclear, una capital, se expande mediante los portadores de cultura material y termina dominando o influenciando a nuevos territorios y pueblos (Tantaleán, 2021, p. 42-43).

A partir da década de 1940, surge o neoevolucionismo, corrente difundida principalmente pelos etnólogos e antropólogos Leslie A. White e Julian H. Steward. Conforme explica Trigger (2004), o neoevolucionismo foi um movimento antropológico que surgiu nos Estados Unidos que, em linhas gerais, sustentava um determinismo ecológico,

demográfico ou tecnológico que diminuía a ideia de que a mudança cultural ocorria devido à criatividade individual. Em vez disso, seus defensores, White e Steward, argumentavam que os principais fatores que provocavam mudanças se tratavam de forças externas às sociedades, como o ambiente ou a tecnologia, que pressionavam as sociedades a se adaptar às novas condições. Eles criticavam as perspectivas anteriores que haviam ignorado o papel das forças materiais e ecológicas na determinação do curso da evolução cultural. E, em suas análises, sustentavam que a cultura era um mecanismo de adaptação das sociedades humanas ao meio ambiente e que os principais fatores que impulsionaram a evolução cultural haviam sido mudanças tecnológicas e ambientais (Trigger, 2004).

White, em sua obra, enfatizava a ideia de que a evolução cultural era um processo progressivo e unilinear, impulsionada pelo avanço tecnológico e pelo aumento da eficiência energética nas sociedades. Ele acreditava que as sociedades mais avançadas tecnologicamente eram capazes de controlar mais energia e que, portanto, eram mais capazes de moldar o ambiente e expandir seu controle sobre outros grupos humanos (Trigger, 2004).

A influência de White na teoria do Estado e do urbanismo, na arqueologia peruana, pode ser vista na ênfase dada ao papel da tecnologia, da adaptação ao meio ambiente e da capacidade de controle energético como fatores determinantes na formação dos Estados e no desenvolvimento urbano das sociedades andinas. Para o antropólogo, o progresso cultural estava ligado ao controle sobre as fontes de energia e ao seu uso eficiente, e ele desenvolveu o conceito de energia *per capita* como uma medida do desenvolvimento cultural de uma sociedade (Tantaleán, 2021; Trigger, 2004).

Steward, por sua vez, desenvolveu a teoria do determinismo ecológico, ao defender que as mudanças culturais eram determinadas pela adaptação ao ambiente local, considerando as particularidades geográficas e ecológicas de cada região. Argumentava que o ambiente impunha limites e fornecia oportunidades que influenciavam as práticas culturais e a organização social. Essa perspectiva levou ao desenvolvimento da teoria da evolução multilinear, em que diferentes sociedades poderiam seguir trajetórias evolutivas diversas, dependendo de suas condições ambientais e culturais específicas<sup>11</sup>.

Segundo Trigger, Steward e White eram extremamente críticos ao particularismo histórico de Boas e seus seguidores, pois argumentavam que as afirmações do antropólogo

---

<sup>11</sup> Sem acesso às obras do autor, essas informações foram compiladas a partir da *Encyclopædia Britannica*. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/neoevolutionism>. Acesso em: 06 set. 2023.

sobre a singularidade das culturas e sua incapacidade de procurar regularidades gerais nas mudanças culturais deixavam a antropologia destituída de base científica (Trigger, 2004).

Nos Andes, as ideias de Steward tiveram um impacto significativo no estudo das sociedades andinas, levando à aplicação de abordagens ecológicas na análise de como essas sociedades haviam se adaptado às condições ambientais desafiadoras das regiões montanhosas e costeiras do Peru. Suas concepções influenciaram diretamente os arqueólogos que estudaram a agricultura em áreas de montanha e o desenvolvimento de redes complexas de privacidade nas sociedades pré-hispânicas (Kaulicke, 2015; Tantaleán, 2021). Para Trigger, as críticas ao particularismo histórico de Boas têm origem no materialismo cultural, em que a pesquisa antropológica é explicada a partir do princípio de que os aspectos mais objetivos da vida humana, especialmente a tecnologia e os sistemas de produção e reprodução, moldam a sociedade e a cultura (Trigger, 2004).

Entre as décadas de 1940 a 1960, arqueólogos estadunidenses desenvolveram trabalhos intensivos no Peru, influenciados pelas novas abordagens antropológicas. Dentre eles, destaca-se Gordon Willey, que idealizou o primeiro projeto de investigação arqueológica regional na costa norte peruana, no Vale Virú. Como resultado dessas investigações, a costa norte passou a ser interpretada como uma das primeiras civilizações por Julian Steward. Para Steward e Fanon, as culturas Chavín e Cupisnique são exemplos de estados teocráticos que se desenvolveram na era do Formativo (1000-300 AEC) devido à intensificação agrícola. (Steward; Fanon, 1959, *apud* Tantaleán, 2021).

Segundo Tantaleán, Steward<sup>12</sup> estabeleceu os Andes peruanos “como uno de los grandes centros de civilización temprana” (Tantaleán, 2021, p. 44), em razão da antiguidade e da monumentalidade, o que impulsionou o desenvolvimento de inúmeros projetos de investigação na região, nos anos posteriores.

Dentre as categorias de análise desses projetos, incluindo o Chan Chan-Vale Moche (1969 -1974), liderado por Michael Moseley, o Sítio Wari (1985, 1997), de William Isbel, e o Vale de Moquegua (colonizado pelos Tiwanaku, na costa do extremo sul do Peru) (1980), liderado por Michael Moseley, o Estado foi uma das mais destacadas nas pesquisas da arqueologia processual, na década de 1970, aplicada nos Andes. Os arqueólogos, sobretudo

---

<sup>12</sup> A respeito desse tema, destacam-se: STEWARD, J. Cultural Causality and Law: A Trial Formulation of the Development of Early Civilization. *American Antropologist*, v. 51, n. 1. p. 1-27, 1949; STEWARD, J.; FARON, L. *Native Peoples of South America*. Nueva York: WcGraw-Hill, 1956.; STEWARD, J. *Las civilizaciones antiguas del Viejo Mundo y de América*. Washington: Organización de los Estados Unidos, 1960. Não foi possível acessar nenhuma dessas referências, sendo que as interpretações sobre os autores foram realizadas através de fontes secundárias, como os livros já citados de Tantaleán e de Bruce Trigger (*A História do Pensamento Arqueológico*) e a *Encyclopædia Britannica*.

estadunidenses, influenciados pela arqueologia processual, ao romperem com a abordagem tradicional da literatura arqueológica andina sobre o Estado (que apenas era vista como uma evidência de processo civilizatório), começaram a explorar a existência e as características de Estados nos Andes antes da colonização (Tantaleán, 2021). De fato, o processualismo ainda é uma abordagem muito utilizada pelos arqueólogos peruanos, mas o que vem a ser essa abordagem?

A escola Processualista ou a Nova Arqueologia foi, em grande medida, influenciada por Lewis Binford entre as décadas de 1960 e 1970 (Trigger, 2004). Para Flannery, o processualismo surgiu como uma resposta à necessidade de uma abordagem mais científica e rigorosa na disciplina arqueológica, na busca por enfatizar a aplicação de métodos científicos para entender as culturas do passado e explicar os padrões de comportamento humano e as mudanças culturais por meio de processos adaptativos e ecologicamente fundamentados (Flannery, 1967).

Flannery menciona que, nas primeiras décadas do processualismo, a pesquisa se concentrou na busca por regularidades e desenvolvimentos culturais generalizáveis através do tempo e do espaço, em oposição a abordagens mais particularizadas da cultura focadas em tempos e lugares específicos. Enquanto os histórico-culturalistas enfatizavam as normas culturais e as ideias compartilhadas, a pesquisa processualista se concentrava na compreensão dos sistemas que governam o comportamento humano e na dinâmica das mudanças culturais. Teóricos do processo entendem o comportamento humano como o resultado da interação complexa entre diferentes sistemas, tanto culturais quanto não culturais. Esses sistemas competem pelo tempo e energia dos indivíduos, sendo que a mudança cultural ocorre através de pequenas variações em um ou mais sistemas, que afetam e são afetados por outros sistemas. A ênfase está na análise detalhada de cada sistema como uma variável separada, com o objetivo final para reconstruir o padrão completo de articulação entre eles (Flannery, 1967).

Ao longo do tempo, houve uma transição das abordagens tipológicas tradicionais, que eram frequentemente usadas pelos histórico-culturalistas, às interpretações funcionais dos dados arqueológicos, do mesmo modo como a migração e a difusão perderam destaque para dar lugar à análise das mudanças internas nos sistemas culturais ao longo do tempo.

No que se refere à difusão cultural, os teóricos do processo enfatizam a análise dos sistemas culturais e não culturais em vez de focar apenas na transmissão das ideias. Para tanto, constroem modelos comportamentais com base em grupos étnicos análogos para prever o padrão de detritos arqueológicos deixados por esses grupos. As diferenças entre o padrão

arqueológico observado e o previsto pelo modelo etnográfico são, então, analisadas para entender as complexas interações entre os sistemas culturais e ambientais (Flannery, 1967).

Embora o processo cultural ainda seja importante, o entendimento sobre a cultura mudou consideravelmente. Segundo Watson, com o passar do tempo, houve uma mudança na ênfase da pesquisa arqueológica, pois, enquanto para muitos processualistas da década de 1960 as questões ideacionais não eram uma preocupação central, uma visão mais contemporânea da antropologia cultural passou a dar ênfase aos sistemas ideacionais e aos símbolos mantidos por grupos humanos (Watson 2008).

Watson também menciona que houve um debate significativo dentro do processualismo na década de 1970 sobre as suposições processuais relativas à natureza e à integridade do registro arqueológico. Isso incluiu preocupações de Lewis Binford e Michael Schiffer sobre o fato de que os vestígios arqueológicos raramente chegavam intactos e sem alterações ao arqueólogo. Eles também destacaram a importância de estudar a formação dos sítios arqueológicos e as ações naturais e culturais que os afetavam.

Paralelamente, a teoria de médio alcance de Binford e a etnoarqueologia emergiram como tópicos importantes. A etnoarqueologia envolveu pesquisas etnográficas entre sociedades vivas, revelando *insights* importantes para as sociedades do passado. Esse método buscava uma compreensão mais aprofundada da relação entre a cultura material e as atividades humanas em contextos comportamentais. Durante esse período, também ocorreram debates sobre o uso adequado da analogia etnográfica. Algumas discussões se centraram em como os dados etnográficos deveriam ser aplicados ao registro arqueológico e como isso contribuiu para a prática da escavação arqueológica (Watson, 2008). É importante destacar que essa nova abordagem absorveu, em grande medida, uma visão neoevolucionista da mudança cultural.

O processualismo incorporava formas de determinismo ecológico e demográfico, atribuindo as principais causas de mudança cultural a fatores externos aos sistemas culturais e tratando os seres humanos como vítimas passivas. Segundo Trigger, a Nova Arqueologia, em seus primórdios, negligenciou notadamente alguns aspectos essenciais do comportamento humano, como as crenças religiosas, a estética e o conhecimento científico, concentrando-se principalmente em padrões de subsistência, no comércio e na organização social. Mesmo que defendesse o estudo abrangente dos sistemas culturais, seu foco parece ter permanecido restrito às abordagens ecológicas e aos padrões de assentamento. Essa limitação é explicada justamente pela ênfase ecológica da Nova Arqueologia, que pressupunha uma uniformidade excessiva nos sistemas culturais, subestimando a diversidade e a complexidade do

comportamento humano – influência das propostas neoevolucionistas de White e Steward (Trigger, 2004).

Nas décadas de 1970 e 1980, os arqueólogos reconheceram cada vez mais essas limitações ao desafiar os pressupostos básicos sobre o comportamento humano e a interpretação do registro arqueológico. Isso levou muitos a reconsiderar os fundamentos ideológicos da interpretação arqueológica, contestando a pretensão positivista de neutralidade ética.

Um termo que exerceu uma forte influência no desenvolvimento do processualismo é o conceito de padrão de assentamento, de Gordon Willey. É preciso lembrar que, no histórico-culturalismo, a escolha de principais artefatos servia de indicadores de tempo e lugar, sendo que o mesmo ocorria com a demarcação dos sítios arqueológicos. Na década de 1950, a pesquisa focava em grandes sítios, com grande volume monumental, pois esses elementos eram vistos como os principais indicadores de mudanças étnicas ou de estágios evolutivos. Contudo, em 1953, Willey definiu o termo padrão de assentamento como o modo como o ser humano se dispõe sobre a paisagem onde vive (Willey, 1953). Genericamente:

[...] os sítios individuais passaram a ser vistos como formadores de uma cadeia de inter-relações na qual cada sítio desempenha um papel diferente e complementar. Desta forma, os estudos de padrão de assentamento passaram a ser vistos como um recurso importante de informação sobre aspectos demográficos, sociais, políticos e religiosos das sociedades pretéritas (Dias, 2003, p. 30).

A inovação dessa abordagem residia no fato de Willey articular sítios grandes e pequenos, demonstrando que existe uma diversidade de sítios associados à mesma ocupação e de atividades sendo realizadas em diferentes lugares da paisagem, gerando correlatos arqueológicos distintos. E isso se torna importante para entender como as pessoas organizam o espaço em um determinado período, já que sua abordagem presa pela diversificação do conjunto de evidências incorporadas para elaborar as interpretações arqueológicas. Por conseguinte, os projetos arqueológicos passam a ser compostos por diversas áreas do conhecimento, prezando pela interdisciplinaridade entre os pesquisadores (Dias, 2003).

Após a década de 1970, as escolas processualista e marxista passaram a fundamentar uma considerável parte das pesquisas que envolviam o debate sobre a cidade e o Estado, mas sem aprofundar discussões mais específicas acerca das antigas formações sociais e políticas andinas. Uma visão crítica sobre o modo como as teorias eram utilizadas na interpretação das pesquisas surgiu ao início do século XXI, “debido principalmente a las críticas procedentes del posprocessualismo y a las autocríticas e influencia de otros investigadores” (Tantaleán, 2021, p. 53).

A crítica pós-processualista ao processualismo parece ter desencadeado uma mudança interna na arqueologia andina e promovido explicações mais abrangentes e flexíveis. A coleta de um volume crescente de dados em diversas áreas e sítios e o uso de tecnologias cada vez mais sofisticadas tem permitido o desenvolvimento de modelos explicativos alternativos para o Estado e o urbanismo andino. No entanto, é importante notar que ainda persiste uma tendência em explicar o Estado com base em modelos “teóricos conservadores relacionados com el culturalismo, el procesualismo clásico y el marxismo ortodoxo” (Tantaleán, 2021, p. 53).

Atualmente, a temática acerca do Estado é uma das linhas de pesquisa da pós-graduação da Universidad Nacional Mayor de San Marcos (UNMSM). E um dos autores que vêm se debruçando sobre esse tema nos últimos anos é o arqueólogo Henry Tantaleán, que tem infundido críticas, mas também proposto outras possibilidades de análise, como se verá mais adiante.

Quanto a esse conceito, dois livros do autor são utilizados como norteadores desta pesquisa, a saber: *Arqueología de la formación del estado: El caso de la Cuenca Norte del Titicaca*, de 2008, e *Los antiguos estados andinos: Una arqueología de las formaciones políticas del Perú prehispánico*, de 2021.

O primeiro livro é significativo, pois nele o autor explora não só as concepções filosófico-políticas em relação ao Estado ao longo da história, mas também como essas concepções influenciam as interpretações arqueológicas na região andina, assim como investiga os modelos antropológicos e arqueológicos relacionados à formação do Estado anterior à colonização espanhola, no século XVI. O segundo livro traz atualizações importantes a respeito desse debate e inclui estudos de caso, como uma análise de caso a respeito de Caral constituir ou não o primeiro Estado andino.

Assim como o Estado, o conceito de urbanismo andino também passa a ser discutido, pois, afinal, o que define uma cidade? Qual a diferença entre uma cidade, um povoado ou um centro cerimonial? Qual a relação entre o urbanismo e o Estado no sistema andino?

Essas e outras questões começam a surgir na década de 1970 por parte de autores como Donald Collier que, influenciado por Childe, buscou estabelecer a revolução urbana associando-a aos Moche, no Período Clássico. Já seu colega Richard Schaedel propôs teorias sobre o planejamento urbano e o Estado, ao fornecer *insights* acerca da organização e do funcionamento das cidades e centros cerimoniais. Suas propostas estimularam debates importantes entre os arqueólogos sobre esses temas. Por sua vez, John Rowe, no artigo “Urban Settlement in Ancient Peru” (1963), ao definir conceitualmente as “vilas” e as “cidades” no mundo andino, delineou sua distribuição e organização. Atualmente, o tema

acerca do urbanismo andino permanece sendo investigado, e dentre os autores que se dedicam a estudá-lo, destacam-se José Canziani e Krzysztof Makowski.

O conceito de revolução urbana, proposto por Childe (1950), influencia, como se verá mais adiante, as definições de urbanismo de grande parte dos pesquisadores andinos, ainda nos dias de hoje. Por esse motivo, busca-se compreender essa noção sugerida pelo arqueólogo.

Childe descreve a cidade como um fenômeno que resulta de uma “revolução”, que não deve ser interpretada como uma catástrofe repentina, mas sim, como uma mudança progressiva na estrutura econômica e social das comunidades. Por outro lado, ao definir, de forma complexa, o conceito de cidade, explora como a transição para a vida urbana marcou uma fase fundamental na evolução econômica e social da humanidade, culminando na civilização. Contudo, para ele, “a civilização não pode ser definida em termos tão simples (Childe, 1950).

Etimologicamente, a palavra está ligada à “cidade”, de modo que, “com certeza, a vida nas cidades começa a partir desse estágio” (Childe, 1950, p. 4, tradução nossa). Para Childe, os primeiros centros urbanos surgiram em locais como o Egito, a Mesopotâmia e o Vale do Indo, onde a agricultura irrigada permitiu um excedente significativo de alimentos, suportando, assim, uma população mais densa e diversificada em termos de ocupação e especialização.

No contexto desses antigos centros urbanos, a “revolução urbana”, conforme é denominada, não foi um evento repentino, mas sim, o resultado de mudanças progressivas na estrutura econômica e na organização social das comunidades. Esse processo não apenas aumentou dramaticamente a população localizada em áreas urbanas, mas também foi marcado pela formação de unidades de assentamento significativamente maiores do que as aldeias neolíticas anteriores (Childe, 1950).

Outro fator importante para o arqueólogo, nesse processo, é a “revolução neolítica”, que ocorreu anteriormente ao processo urbano, mas que estabeleceu as bases para a revolução urbana. Para ele, a revolução neolítica marcou um momento fundamental na história humana, ao introduzir a agricultura e a domesticação de plantas e animais. Isso permitiu que as sociedades abandonassem o nomadismo em favor de assentamentos permanentes, iniciando, assim, comunidades agrícolas. Com o aumento da produção de alimentos, viabilizou-se o sustento de populações maiores, o que não era possível apenas com a caça e a coleta. Esse crescimento populacional desencadeou o surgimento de assentamentos urbanos, quando atividades como o artesanato, o comércio e a administração podiam prosperar devido ao

excedente agrícola. Dessa forma, à medida que as comunidades agrícolas se tornavam mais complexas, necessitavam de estruturas de governo centralizadas para coordenar atividades e manter a ordem social (Childe, 1950).

Childe parece estabelecer a ideia de progressão da sociedade humana, da barbárie à civilização, indicando a cidade como um marcador desse progresso. Logo, o conceito de:

[...] civilização deve ser facilmente reconhecível e prova ser um índice confiável para personagens mais profundos. Note-se, contudo, que o fato de dizer que um povo é civilizado ou alfabetizado, isso não significa que todos os seus membros saibam ler e escrever, nem que todos vivam em cidades. Agora não há nenhum caso registrado de uma comunidade de selvagens se civilizando, adotando a vida urbana ou inventando um roteiro. Onde quer que as cidades tenham sido construídas, existiam anteriormente aldeias de agricultores pré-alfabetizados (exceto, talvez, onde um povo civilizado já tenha colonizado áreas desabitadas). Assim, a civilização, onde quer que tenha surgido, sucedeu a barbárie (Childe, 1950, p. 4-5, tradução nossa).

Percebe-se que a noção de civilização, na perspectiva de Childe, indica um estágio avançado de desenvolvimento econômico e social. No entanto, ser civilizado não implica que todos os indivíduos de uma sociedade tenham conhecimento de leitura e escrita, nem que todos residam em cidades. Porém, onde as cidades foram inicialmente estabelecidas, já existiam anteriormente aldeias de agricultores que não haviam desenvolvido a escrita ou outros sinais de civilização avançada. A civilização, portanto, emergiu como um estágio posterior ao da barbárie, representando um progresso nas estruturas sociais, econômicas e tecnológicas das comunidades humanas (Childe, 1950).

De fato, o arqueólogo propõe alguns critérios para identificar uma cidade e uma sociedade civilizada. E aqui é possível identificar até dez critérios, sendo eles:

1. Densidade populacional e extensão: para se caracterizar como uma cidade, os assentamentos devem ser confrontados com outros assentamentos, sendo que as mais extensas e densas são consideradas cidades nucleares;

2. Presença de edifícios monumentais: a monumentalidade “não só distingue cada um dos edifícios conhecidos da cidade de qualquer aldeia, mas também simboliza a concentração do excedente social” (Childe, 1950, p. 12, tradução nossa), além de ser um demonstrativo da capacidade técnica do ser humano e um fator de construção de identidade. Nesse caso, a monumentalidade não significa apenas uma referência à proporção, mas também à memória. Como exemplo disso, Childe cita os monumentos da Suméria, do Egito e das antigas cidades maias;

3. Divisão e especialização do trabalho: essa característica é fundada na dicotomia campo x cidade, onde o campo é relacionado à agricultura e a cidade a funções

artísticas e literárias, à especialização dos artesãos, às funções religiosas dos sacerdotes e ao corpo administrativo;

4. Distribuição de excedentes: o excedente produzido pela população é concentrado e distribuído por meio de instituições centrais, como templos ou governos, para sustentar a cidade e seus habitantes;

5. Organização política e governamental: uma cidade geralmente apresenta uma estrutura política centralizada e um sistema de governança mais complexo do que as comunidades rurais;

6. Desenvolvimento da escrita e da ciência: o surgimento de sistemas de escrita e o desenvolvimento de ciências exatas, como a aritmética e a astronomia;

7. Comércio e intercâmbio: a presença de comércio regular e o intercâmbio de bens com outras regiões;

8. Desenvolvimento artístico e cultural: as cidades geralmente são centros de atividade artística e cultural, refletidas em suas expressões artísticas, arquitetônicas e literárias;

9. Infraestrutura: uma cidade apresenta uma infraestrutura mais desenvolvida do que as aldeias rurais, incluindo sistemas de transporte, abastecimento de água e saneamento;

10. Organização estatal baseada na residência e não em laços de família: as cidades estão atreladas ao desenvolvimento dos Estados e o fator fundamental da organização estatal é a residência e não necessariamente os laços familiares;

Embora a ideia de revolução urbana de Childe tenha sido diretamente aplicada em outras regiões do mundo, como no Crescente Fértil e no Antigo Egito, ela teve um impacto significativo no estudo das sociedades andinas antigas. Os arqueólogos que se dedicam ao estudo das sociedades que se estabeleceram nos Andes peruanos, em grande medida, utilizam os princípios da revolução urbana para compreender as mudanças sociais, econômicas e políticas que ocorreram nessas sociedades ao longo do tempo (Childe, 1950).

Conforme Makowski, muitos arqueólogos examinam evidências arqueológicas, como a arquitetura monumental, os sistemas de irrigação, os artefatos cerâmicos e os objetos rituais para reconstruir a organização social, as práticas religiosas, as relações de poder e outros aspectos da vida nessas antigas cidades e centros urbanos. Quando aplicadas ao contexto dessas sociedades, eles tendem a considerar a ascensão de sociedades simples para complexas na região, como a civilização Chavín, a cultura Moche, a cultura Nasca, entre outras (Makowski, 2007).

Embora essas sociedades possam não ter seguido exatamente o modelo proposto por Childe, o urbanismo busca responder à transição das sociedades agrárias para as sociedades urbanas complexas, caracterizadas por centros urbanos densamente povoados, pela divisão do trabalho, pelas hierarquias sociais, pelas tecnologias avançadas e pelo desenvolvimento de instituições políticas e religiosas (Makowski, 2007).

Neste estudo, o livro *Urbanismo Andino*, de Makowski, de 2016, é uma das principais referências acerca do tema das cidades andinas antigas. Além de apresentar um debate a respeito dos arqueólogos que se debruçaram sobre o tema, o arqueólogo polonês radicado no Peru discute as teorias e os métodos usados na interpretação sobre o urbanismo andino e expõe sua hipótese.

### **2.1.1 Desafios para os estudos da Antiguidade Andina**

A hegemonia da cultura ocidental europeia sobre os países colonizados impõe desafios importantes no estudo das sociedades antigas andinas. Categorias conceituais e métodos desvinculados de contexto histórico e crítico são algumas das dificuldades nesse cenário. A influência eurocêntrica moldou significativamente a compreensão dessas sociedades, afetando até mesmo a pesquisa arqueológica na região. Por exemplo, os conceitos como “cidade” e “Estado”, originários de contextos europeus, talvez não deem conta da diversidade cultural das antigas sociedades andinas. Autores como Makowski e Tantaleán argumentam que essa visão eurocêntrica pode distorcer a realidade dessas sociedades, sendo necessária uma análise mais atenta, assim como uma autoanálise de suas próprias interpretações (Makowski, 2016; Tantaleán, 2021).

Quanto à formação do Estado na região andina, Tantaleán aponta que as concepções filosófico-políticas europeias influenciam até hoje as interpretações arqueológicas, moldando, muitas vezes, o entendimento do conceito de Estado de acordo com os próprios interesses, sem considerar os critérios históricos específicos do local (Tantaleán, 2008, 2021). Essa influência eurocêntrica não afeta apenas a interpretação teórica, mas também condiciona a metodologia arqueológica empregada nas pesquisas. Nesse sentido, Tantaleán destaca que a “ontología y epistemología empleadas condicionaban y conducían a una contradicción entre la materialidad social prehispánica” (Tantaleán, 2008, p. 30). Por exemplo, a categorização eurocêntrica dos artefatos arqueológicos pode não corresponder às “realidades” culturais e sociais das sociedades andinas antigas. Essa desconexão destaca a importância de uma

abordagem crítica que reconhece a influência das visões eurocêntricas na pesquisa arqueológica.

Tantaleán analisa a questão do Estado diante de uma complexa interação entre a política, a economia e a arqueologia. Para ele, discutir a questão do Estado é de suma importância não só para compreender o passado, mas também para compreender a forte instabilidade política e econômica que marca o Estado peruano ao longo do século XX e XXI. Cotler, por exemplo, argumenta que essa instabilidade política é resultado de um longo processo histórico, que remonta há séculos e que é influenciada pela “herança colonial”. E esse legado ainda exerce um impacto profundo na base econômica da sociedade, gerando contínuas contradições econômicas e sociais (Cotler, *apud* Tantaleán, 2008).

Para Tantaleán, embora a arqueologia no Peru tenha adotado muitos paradigmas da disciplina em nível mundial, ainda existe um descompasso teórico em relação ao mundo anglo-saxão. Isso resulta em interpretações inadequadas das sociedades indígenas anteriores à colonização, baseadas geralmente em modelos de outras realidades e aplicadas de maneira mecânica às sociedades indígenas. A crítica e a autorreflexão também são negligenciadas pelos pesquisadores, de modo que a pesquisa arqueológica no Peru se fundamenta, muitas vezes, em dados preexistentes, sem questionar suficientemente as interpretações das sociedades antigas. Isso se exemplifica na abordagem da formação do Estado, que passa pelas teorias evolucionistas e segue um modelo neoevolucionista, influenciada pela antropologia e pela entrada de arqueólogos estrangeiros da década de 1970, sem que haja um questionamento das bases ontológicas, metodológicas e epistemológicas (Tantaleán, 2008).

Além disso, outro desafio ao tratar de sociedades que não deixaram documentos escritos é reconhecer quais são as evidências de cultura material que o pesquisador deve tratar para explicar os fenômenos sócio-políticos, como o Estado e a cidade. Eis mais um motivo para não ignorar que as interpretações arqueológicas não estão isentas de carga ideológica e de atribuições conceituais tradicionais.

### **2.1.2 Estado**

De acordo com Tantaleán (2021), a abordagem do Estado, na arqueologia peruana, começou a ser desenvolvida no século XX, após iniciar “con una tímida explicación arqueológica basada en las visiones evolucionistas de fines del siglo XIX y equiparado con el concepto de civilización” (Tantaleán, 2021, p. 41). Disso decorre que “una de las visiones más tempranas de las sociedades prehispánicas fue la de Max Uhle, la que, por supuesto,

estaba influenciada por el evolucionismo social de finales del siglo XIX” (Tantaleán, 2021, p. 41). Além de Uhle, alguns dos primeiros arqueólogos a adotar essa visão são Adolph Bandelier e Tello (Lumbreras, 2020).

Durante a fase evolucionista, Uhle interpretou as culturas que estudou através de uma perspectiva linear. Ele as encontrou e organizou com base em uma escala de desenvolvimento, identificando diferentes avanços de evolução cultural e tecnológica (Kaulicke, 2015). Nesses primeiros trabalhos, “proponía la existencia de sociedades primitivas y altas civilizaciones” (Tantaleán, 2021, p. 41). Posteriormente, Uhle e Tello se distanciaram da abordagem evolucionista e adotaram uma perspectiva histórico-culturalista, quando passaram a considerar que as culturas analisadas eram mais complexas e variadas do que o modelo evolucionista inicialmente sugeria (Kaulicke, 2015; Lumbreras, 2020).

No entanto, o estudo sistemático da formação dos Estados nos Andes emergiu na arqueologia a partir de investigadores vinculados à escola neoevolucionista, em meados do século XX. Esse momento também é emblemático pelo fato de a região andina peruana ser considerada, por Steward, “uno de los grandes centros de civilización temprana [...] sus trabajos fueron pioneros, al tratar de comparar las civilizaciones de los Andes con otras del mundo” (Tantaleán, 2021, p. 44), reforçando uma conexão entre a formação dos Estados antigos à ideia de civilização (Steward, 1955; Steward; Fanon, 1959 *apud* Tantaleán, 2021).

Durante o final da década de 1970, e ao longo da década de 1980, houve um desenvolvimento significativo de estudos etnográficos em comunidades indígenas andinas. Essas pesquisas permitiram explorar as formas de organização política e econômica dessas comunidades e gerar modelos que poderiam ser usados para entender as sociedades antigas. Além disso, outras realidades etnográficas, originárias da Polinésia, África e Ásia, foram utilizadas para criar modelos que explicassem as sociedades indígenas andinas. Os principais modelos desenvolvidos basearam-se na proposta de que as sociedades apresentavam semelhanças em seu desenvolvimento sociopolítico, mostradas como uma evolução geral das comunidades humanas. Nesse contexto, a categoria de “chefia” tornou-se crucial para a compreensão da evolução das formas políticas nas sociedades andinas (Tantaleán, 2021).

Alguns desses projetos já citados, baseados na metodologia processualista e que trataram do tema sobre o Estado são: Chan Chan-Vale Moche (1969-1974), o Sítio Wari (1985, 1997) e o Vale de Moquegua (1980).

Um aspecto notável desse período é a hipótese contida no livro *Maritime Foundations of Andean Civilization*, de Michael Moseley, publicado em 1975. Inicialmente, Moseley formulou uma hipótese indutiva sobre a relação entre os recursos marinhos e o

desenvolvimento das sociedades complexas na costa do Peru a partir da revisão da literatura. Em 1966, ele chegou ao Peru e iniciou pesquisas de campo na costa central, estudando as primeiras sociedades que dependiam de recursos marinhos. Seu trabalho de campo resultou em uma base empírica para a sua tese de doutorado e principalmente para o seu livro. Na obra supracitada, ele questiona as ideias preexistentes e o modelo convencional de desenvolvimento civilizatório, apontando que as civilizações antigas, na costa do Peru, poderiam ter se desenvolvido principalmente devido à exploração e ao aproveitamento de recursos marinhos, como peixes e mariscos. Seu livro foi um ponto de virada, redirecionando muitos estudos andinos e abrindo novas perspectivas de pesquisa na área (Moseley, 1975 *apud* Marcus; Stanish, 2009). Essa hipótese também influenciou as pesquisas sobre o Estado, direcionando o foco para as sociedades que se desenvolveram na costa peruana, principalmente na costa central, em sítios como Áspero<sup>13</sup>.

Na década de 1980, o livro *Origins and Development of the Andean State*<sup>14</sup>, editado em 1987 por Jonathan Haas, Sheila Pozorski e Thomas Pozorski, tornou-se um marco importante ao reunir 16 artigos sobre o tema estatal e as pesquisas realizadas na região andina. Nele são apresentadas três noções diferentes de Estado:

- a) O Estado como um sistema de governo, uma instituição governamental em que a sociedade detém o poder e que se destaca da sociedade;
- b) O Estado como uma entidade social particular e delimitada, usado para definir uma política específica no tempo e no espaço;
- c) O Estado como uma forma geral de organização social e política dentro de um amplo esquema de evolução cultural.

Contudo, apenas as duas últimas noções são empregadas pelos pesquisadores, pois têm como foco a ideia do Estado como uma forma geral de organização social e política dentro de um amplo esquema de evolução cultural. Os autores, no entanto, não utilizaram a mesma definição de Estado. Por exemplo, Haas, ao enfatizar a relação de poder entre os governantes e suas leis, discutiu o poder e o desenvolvimento inicial do Estado. Para tanto, observou o Estado como uma sociedade onde os governantes controlam a produção ou a aquisição de recursos básicos e que, conseqüentemente, exerce poder coercitivo sobre sua população. Já Isbell, ao sublinhar a natureza formal e especializada das instituições

---

<sup>13</sup> Esse tema será tratado novamente no capítulo posterior.

<sup>14</sup> Trata-se de um livro fundamental para esta pesquisa, do qual foi apenas possível acessar a introdução e dois capítulos.

governamentais, considerou a administração hierárquica especializada como a principal característica que define um Estado (Haas, 1982, 1987).

A noção do Estado como uma entidade política específica e delimitada no tempo e no espaço é discutida principalmente no trabalho do casal Pozorski, que abordam o Vale de Casma no segundo milênio antes da era comum, e na pesquisa de Schreiber sobre o Estado Wari, no Vale de Ayacucho. Nesses estudos, as políticas estatais experimentaram uma sequência evolutiva própria e tiveram seu próprio momento de origem, crescimento e declínio (Haas, 1987).

A origem do Estado é abordada por Feldman, Haas, Sheila Pozorski, Wilson e Daggett. Haas explica que os pesquisadores que lidam com as origens do Estado geralmente tentam explicar como e por que ele se fixa, pela primeira vez, em uma determinada área ou, interculturalmente, em diferentes regiões. Esses estudiosos também tentaram definir as condições naturais e sociais necessárias e suficientes para o seu surgimento. A demografia, o ambiente e as estratégias locais de subsistência são as variáveis mais comuns consideradas. Essas variáveis, por sua vez, operam isoladamente ou em conjunto, por meio de um padrão complexo de mudanças a longo prazo e de transformação evolutiva. Tanto Feldman quanto Haas concentraram suas análises na ideia de evolução de sociedades inicialmente simples em direção a estruturas políticas mais complexas e centralizadas (Haas, 1987).

Feldman, por exemplo, investigou o surgimento de lideranças em locais como Áspero, situado na costa central do Vale do Supe. Ao analisar a arquitetura das *Huacas*<sup>15</sup> em Áspero, argumentou que suas reconstruções não foram motivadas pela deterioração do nível anterior, mas que foram demonstrações visíveis de autoridades destinadas a consolidar e legitimar o poder da entidade corporativa central (uma organização ou grupo com autoridade que coordenou o projeto de construção). Além disso, ele interpretou também a ocorrência de

---

<sup>15</sup> Itier, no artigo intitulado “‘Huaca’, un concepto andino mal entendido”, esclarece o conceito: “No hubo en quechua ni en aimara un concepto similar al de ‘sagrado’, tal como lo entiende la antropología, es decir como algo separado de lo profano. El término waka-wak’a calificaba - y sigue calificando en quechua cuzqueño - cuerpos que presenta(ba)n una forma hendida, sea por ausencia de uno de sus constituyentes (una mano o pata a la que le falta un dedo, una dentadura incompleta), por división (la nariz partida, el labio leporino, la raya del trasero) o por duplicación (los mellizos o un dedo adicional). Aplicado a la reliquia pétreo de un ancestro mítico, waka-wak’a se refería al doble lítico de su persona que se había formado en el momento de la muerte. Solo por extensión o metonimia, el mismo término designaba o calificaba también: (1) al pequeño santuario edificado para alojar al ‘alma’ petrificada (como si fuera su nueva envoltura corporal); (2) a los ancestros míticos cuando vivían (de acuerdo a una denominación retrospectiva); (3) a los pequeños objetos donados por estas entidades para actuar como prototipos generativos de riqueza familiar (y que tal vez constituían ellos también desdoblamientos de su ser). Aunque las fuentes no lo mencionan muy claramente, es posible que los hablantes también llamaran waka-wak’a a las peñas en que los ancestros míticos residían en el presente. Ello explicaría el uso actual de esta palabra en las variedades quechuas de Ancash y de Bolivia, así como en aimara, para referirse a ellas [...] Dado que cada piedra huaca era la concreción de una potencia individualizada y dotada de una mito-historia propia, los huacas deben considerarse como dioses, es decir como entidades que se definen por un poder que excede de modo absoluto al de los humanos” (Itier, 2021, p. 488).

trabalho corporativo, que ele descreveu como grupos de trabalhadores que operavam sob a autoridade de um órgão competente para realizar um propósito específico. Ao analisar a disposição arquitetônica das *Huacas* e suas entradas, sugeriu que diferentes grupos de pessoas tinham acesso a diferentes espaços cerimoniais: espaços abertos para rituais públicos e salas internas para rituais fechados para um pequeno grupo. Essa configuração da estrutura dos templos, segundo ele, pode ser interpretada como uma divisão entre rituais públicos e aqueles realizados nas salas internas dos templos, refletindo diferenças sociais. Com isso, Feldman concluiu que “os dados provenientes de sítios costeiros como Áspero documentam claramente a presença de chefias com hierarquia intra-societária e evidenciam a mobilização de mão de obra para a construção de monumentos” (Feldman, 1987, p. 14, tradução nossa).

Feldman ainda compara sítios costeiros como Áspero, que evidenciam uma ocupação residencial extensa e intensiva, com outros locais do interior, como Piedra Parada e El Paraíso (sítios situados ao centro do Vale do Supe), cujas populações provavelmente se deslocaram para aproveitar terras agrícolas após o início da irrigação. Menciona também que, nas terras altas, o complexo de templos era menor, mais simples e disperso, sugerindo um desenvolvimento social menos intrincado. Para ele, o desenvolvimento das sociedades costeiras pré-cerâmicas com algodão (2000-1800 AEC) forneceu a base para o rápido desenvolvimento dos sistemas políticos costeiros durante o Período Inicial e do Horizonte Inicial subsequente (Feldman, 1987).

Enquanto Feldman enfatiza a importância das lideranças locais e da organização interna das sociedades costeiras, Haas oferece uma perspectiva complementar, ao argumentar que a construção de uma arquitetura monumental significativamente maior no Período Inicial marcou o aparecimento dos primeiros governantes estatais na região andina. Segundo Haas:

a construção de tal arquitetura monumental requer o exercício de um poder coercivo de ordem muito mais elevada do que o encontrado nas sociedades de chefias e, por conseguinte, assinala o aparecimento de um novo Estado e de suas populações subordinadas (Haas, 1987, p. 3, tradução nossa).

Em um artigo anterior, datado de 1982<sup>16</sup>, Haas já havia apresentado uma extensa discussão sobre o *poder* e o início da formação estatal, considerando o emprego do sistema de irrigação intensiva como um elemento central nas explicações do surgimento do Poder e do Estado.

Sheila Pozorski, Wilson e Daggett investigaram as variáveis causais específicas que deram origem a políticas estatais plenamente desenvolvidas, especialmente no contexto dos

---

<sup>16</sup> Sem acesso ao artigo.

vales costeiros. “Curiosamente, todos os três examinaram o papel da guerra na origem dos estados locais, embora cada um argumente que a guerra atuou de forma diferente na concretização do surgimento do Estado” (Haas, 1987, p. 3, tradução nossa). Pozorski observa que os estágios iniciais e o desenvolvimento do Vale de Casma ocorreram essencialmente na ausência de conflito ou guerra. Ela argumenta que a guerra surgiu posteriormente e que transformou o sistema político indígena de Casma (Haas, 1987).

Por outro lado, “Daggett defende um modelo clássico de formação do Estado baseado em guerra e conquista, seguindo a teoria de Carneiro (1970)” (Daggett, 1987 *apud* Haas, 1987, p. 3, tradução nossa). Ele sugere que a guerra dentro do Vale de Nepeña levou, em última análise, à consolidação interna e à formação do Estado no local. Em contraste, Wilson argumenta que, no Vale de Santa, localizado ao norte de Nepeña, a guerra não surgiu entre os residentes do vale, mas entre os residentes de Santa e as áreas adjacentes. “A cooperação e as alianças entre os vales, em resposta à agressão externa, levaram ao surgimento de uma política estatal indígena no Vale de Santa” (Wilson, 1987 *apud* Haas, 1987, p. 3, tradução nossa).

Hastings, que concentrou seu trabalho nas terras altas centrais e orientais do Peru, explorou o motivo pelo qual o Estado não surgiu nessas áreas. Segundo Haas, ele descreve uma interação complexa entre a autoridade política local e o acesso relativo a recursos não locais para explicar a ausência de um desenvolvimento estatal na região (Haas, 1987, p. 3).

Isbell e Schreiber se dedicaram ao estudo da formação, organização interna e expansão imperial dos Wari nas terras altas centrais. Isbell apresentou uma análise extensa e sistemática do desenvolvimento político Wari, procurando explicá-lo em termos de fatores ambientais e econômicos emergentes. Schreiber seguiu uma abordagem semelhante ao investigar a causa da rápida expansão dos Wari, desde a fase inicial de seu desenvolvimento até se tornarem um dos maiores impérios na região andina. Eles concluem que a sociedade Wari era, de fato, um império militar que se expandiu por meio da conquista e da incorporação forçada das áreas conquistadas sob sua hegemonia (Haas, 1987, p. 3).

Haas pontua que a definição de Estado utilizada pelos autores do livro não foi empregada de forma uniforme e que o debate a respeito desse conceito não foi o foco do volume. Além disso, a existência de várias definições alternativas do conceito, empregadas por diferentes estudiosos para auxiliá-los na compreensão das estruturas políticas antigas, foi reconhecida, de modo que tomaram cuidado para evitar definições conflitantes que poderiam resultar em debates confusos e infrutíferos sobre a “origem” do primeiro:

[...] estamos nos referindo a um tipo particular de estrutura política, o Estado, que surgiu em diferentes partes da região andina em vários momentos e que evoluiu ao longo de percursos históricos distintos nessas áreas. Ao mesmo tempo, sempre houve uma interação significativa entre as diversas sociedades em nível estatal que evoluíram nos Andes, de maneira que a área deve ser vista como um sistema regional de desenvolvimento político complexo (Haas, 1987, p. 2, tradução nossa).

Segundo Haas, ao se analisar a ideia de evolução do Estado, torna-se evidente que o processo evolutivo é composto por dois elementos: “o surgimento ou as origens dos primeiros sistemas políticos em nível estatal em uma determinada região e o subsequente desenvolvimento desses sistemas políticos ao longo do tempo” (Haas, 1987, p. 2, tradução nossa). Esses dois componentes não são completamente independentes um do outro, uma vez que as variáveis que levam ao surgimento de um Estado, em uma área, têm o potencial de influenciar a evolução, a longo prazo, desse Estado e de seus sucessores. “Ao analisar as origens em comparação com o desenvolvimento, a atenção se concentra em diferentes aspectos do processo evolutivo” (Haas, 1987, p. 2, tradução nossa).

Observa-se que as pesquisas incluídas nesse volume seguem um enfoque processualista e neoevolucionista. Contudo, é importante notar que a abordagem neoevolucionista recebeu críticas. Por exemplo, alguns pesquisadores argumentam que essa perspectiva tende a simplificar a complexidade das sociedades andinas, impondo uma visão linear e progressiva que nem sempre reflete a realidade histórica dessas culturas. Em resposta a essas críticas, novas abordagens teóricas, como a arqueologia pós-processual, têm enfatizado a importância de considerar as especificidades culturais e contextuais de cada sociedade na análise da formação do Estado.

Segundo Tantaleán (2021), após a descoberta das tumbas dos membros da elite Moche, como a do Senhor de Sipán, em 1987, o processualismo estabeleceu também a ideia de que o primeiro Estado surgiu nos Andes Centrais no século II da era atual.

Na década de 1990, Shady iniciou as primeiras prospecções arqueológicas no Vale do Supe, considerando uma rica tradição de pesquisas no Norte Chico iniciada por Uhle, Willey e Moseley. A princípio, seu trabalho buscou evidências que comprovassem as hipóteses de Moseley, acreditando que essa sociedade teria se desenvolvido principalmente a partir de recursos marinhos. Contudo, as evidências apontaram algo mais, o que a levou a cogitar a hipótese de que a região albergou uma sociedade sem cerâmica mais antiga e complexa do que se esperava, baseada em um sistema de intercâmbios comerciais entre pescadores do litoral e agricultores do interior do vale, que ela nomeia de economia complementar agropesqueira. Nas primeiras publicações, Shady já defendia que os

complexos urbanísticos apresentavam características que indicavam o desenvolvimento de um Estado primário, no Vale do Supe (Shady, 1999).

### 2.1.3 Cidade

Longe de ser uma questão incontestável, assim como o Estado, a natureza do urbanismo nos Andes antigos é uma questão polêmica. As perspectivas divergentes abrangem desde a própria essência do conceito até a sequência cronológica do processo, incluindo o papel dos presumíveis complexos urbanos e as características do contexto social e econômico. Segundo Makowski (2020), nos últimos dez anos, as discrepâncias e as contradições se intensificaram, especialmente quando a arquitetura monumental do Vale do Supe, na região Centro-Norte do Peru, foi reavaliada por Shady. De acordo com Makowski:

El factor urbano suele ser tomado en cuenta como el principal mecanismo causal para explicar el desarrollo social en los Andes y en otras áreas donde se formaron culturas antiguas de notable complejidad, merecedoras, en el lenguaje coloquial, del calificativo de civilización (Makowski, 2007, p. 9).

Nesse contexto, parece importante comentar que em 1953 foi realizado no Peru um simpósio sobre o papel da irrigação no surgimento das civilizações antigas, liderado por Steward, com a participação de Robert McC. Adams (Mesopotâmia), Donald Cólíier (Peru) e Angel Palerm (Mesoamérica). As teorias neoevolucionistas de Leslie White, Steward e Wittfogel serviram como estrutura para discutir os processos de desenvolvimento em diferentes continentes, com o objetivo de identificar regularidades históricas universalmente aplicáveis (Makowski, 1996, 2007, 2020).

Um dos resultados desse simpósio foram os estágios de desenvolvimento da civilização andina, propostos por Steward e Collier. Para eles, o desenvolvimento dos Andes pode ser analisado por meio de três estágios: Formativo (2000-100 AEC), que se subdivide em Temprano e Tardio, Florescente Regional (100 AEC - 800 EC) e Expansivo Militarista (800-1100 EC)<sup>17</sup>. No Formativo Temprano, estabeleceram-se as bases da economia agrícola, enquanto que, no Formativo Tardio, foram introduzidos os sistemas de irrigação forçada e conflitos armados devido ao aumento populacional. No período Florescente Regional, marcado por culturas como a Mochica, a Paracas Necrópolis e a Nazca, o avanço tecnológico permitiu que estados controlassem vários vales, atingindo uma densidade populacional

---

<sup>17</sup> A periodização é um problema na pesquisa sobre os Andes antigos, uma vez que os autores não são unânimes, somado ao fato de que cada grupo utiliza uma periodização particular. Cf. Tabela 1.

máxima. A sociedade tornou-se estratificada, com conflitos de interesses na elite, dividindo a classe guerreira em crescimento da antiga casta sacerdotal. Isso teria levado à secularização das estruturas políticas do estado. O terceiro estágio, o Expansivo Militarista, corresponde ao período do Império Wari. Nessa época, ocorre a decadência dos templos-pirâmides como centros religiosos e núcleos comunitários, o que coincide com o aparecimento de tipos urbanos de povoamento planejado (Makowski, 2007).

Makowski acredita que esse raciocínio se baseia em três premissas fundamentais que também foram expressas no simpósio de 1953. Primeiramente, a complexidade social encontra expressão na arquitetura e no uso do espaço, sendo que níveis mais elevados de complexidade resultam em uma maior diversidade e tamanho nas construções. Em segundo lugar, a domesticação de plantas e animais desencadeia uma espiral demográfica, impulsionando a adoção generalizada do modo de vida sedentário. Por fim, o desenvolvimento tecnológico apresenta duas faces distintas e interligadas ao contexto social, pois, por um lado, cria mecanismos que promovem o aglomeramento e o aumento da densidade populacional, concentrando as pessoas em áreas específicas, enquanto que, por outro, sua viabilidade a longo prazo depende da expansão constante dos agentes envolvidos no sistema. Destaca-se aqui que a capacidade do progresso tecnológico se manter e prosperar por si só está diretamente relacionada ao constante aumento do número de indivíduos desempenhando papéis específicos. Isso inclui um aumento contínuo de produtores, distribuidores e administradores que operam dentro da área coberta pelo mesmo sistema de comunicação (Makowski, 2007).

As três premissas apresentadas para o contexto Andino são as mesmas consideradas e aplicadas globalmente quando se analisa o progresso humano ao longo dos últimos oito mil anos. No entanto, Makowski critica a visão simplista de que essas causas sempre levam a efeitos previsíveis, como o surgimento de cidades comparáveis às europeias na era da conquista. Essa crítica se baseia na percepção de um raciocínio circular perigoso e na influência de paradigmas antigos, especialmente o paradigma da civilização, muito presentes na arqueologia estadunidense, nas abordagens neoevolucionista e neomarxista, que mantêm a premissa de mecanismos universais na transição da barbárie para a civilização (Makowski, 2007, 2020).

Nesse viés, os pesquisadores de ambas as abordagens também procuram comparar o Vale do Nilo e os Andes Centrais. No entanto, ao fazê-lo, são obrigados a concordar que há diferenças notáveis que separam a situação analisada dos casos comparativos no Velho Mundo.

A partir dos anos 1960, muitos pesquisadores passaram a estudar as sociedades antigas andinas, e é nesse período que surge o debate entre as cidades e os centros cerimoniais. Nesse contexto, destacam-se autores como John H. Rowe, Richard Shaedel e Lumbreras, que buscam definir ou diferenciar conceitos como cidade, centro cerimonial, povoado, vila, entre outros. Isso contribui para a compreensão do urbanismo e das manifestações específicas de liderança, tanto secular quanto sacra, no contexto andino.

Em 1963, Rowe escreveu um artigo intitulado “Urban Settlements in Ancient Peru”, no qual define como identificar, no registro arqueológico, uma cidade ou um *pueblo* (povoado/vila) no mundo andino. Em sua pesquisa, ele estabeleceu uma comparação com o urbanismo greco-romano, utilizando dois grupos de critério para diferenciar os tipos de aglomerações urbanas:

Urbanização baseada na ocupação de seus residentes: um assentamento será do tipo “pueblo” se as evidências comprovarem que seus residentes se dedicavam exclusivamente à produção de alimentos e matéria-prima. Por outro lado, será do tipo “cidade” se os envolvidos se dedicavam a outras ocupações, como administração, artesanato e defesa.

Relação entre o assentamento e o espaço circundante: subdivide-se em *sincorítico* e *acorítico*. Os assentamentos urbanos que têm ao seu redor uma população rural dispersa ou camponesa são considerados *sincoríticos*, enquanto que os *acoríticos* são aqueles onde todos os habitantes residem no próprio assentamento urbano, de modo que o campo não conta com residentes permanentes entre os assentamentos.

A partir desses critérios, Rowe identificou quatro tipos de assentamentos urbanos:

*Pueblo sincorítico*: assentamento urbano onde todos os residentes se dedicam à caça, pesca, agricultura ou pastoreio, pelo menos em parte do tempo.

*Pueblo acorítico*: assentamento urbano que inclui residentes envolvidos em outras atividades, como indústria, comércio, serviços, administração, defesa etc., além das atividades de caça, pesca, agricultura ou pastoreio.

Cidade *sincorítica*: assentamento urbano que inclui residentes que se dedicam integralmente a outras ocupações que não envolvem diretamente a produção de alimentos e matéria-prima, como caça, pesca, agricultura ou pastoreio.

Cidade *acorítica*: assentamento urbano onde todos os residentes estão envolvidos em atividades urbanas e que não conta com uma população rural dispersa ao seu redor (Rowe, 1963).

Rowe oferece uma definição clara de assentamento urbano, que ele considera:

uma área de habitação humana onde muitas habitações estão agrupadas de forma estreita. As habitações devem estar suficientemente próximas umas das outras, a fim de que não haja espaço suficiente entre elas para a agricultura de subsistência, embora possa haver espaço para hortas (Rowe, 1963, p. 3, tradução nossa).

Nesse caso, o urbanismo refere-se à organização do espaço urbano no antigo Peru, especialmente em relação aos assentamentos humanos e à configuração das áreas habitadas, incluindo cidades e *pueblos*.

O tipo de ocupação é o principal marco de diferenciação entre as cidades e os *pueblos*. Enquanto os *pueblos* referem-se a um tipo específico de assentamento urbano onde todos os residentes estão envolvidos em atividades relacionadas à produção de alimentos e matérias-primas, como caça, pesca, agricultura ou pastoreio, e que indica uma comunidade onde a subsistência agrícola e pecuária é fundamental para a vida cotidiana, as cidades, por sua vez, incluem “residentes envolvidos em outras atividades (indústria, comércio, serviços, administração, defesa etc.)” e “residentes envolvidos em ocupações que podem ser exercidas dentro da própria cidade” (Rowe, 1963, p. 3, tradução nossa).

Rowe também observa que há espaços que podem coexistir com grandes cidades ou servir como alternativas para elas, fornecendo uma conexão com a cultura, a tradição e a religião da comunidade local. Ele os define como centros cerimoniais, que são identificados como “um agrupamento de edifícios públicos que abrigam instalações comuns, como santuários, locais de encontro, mercados e tribunais, sendo usado sazonalmente ou em intervalos prescritos pela população de uma área circundante considerável” (Rowe, 1963, p. 4, tradução nossa).

Esses complexos são dedicados a atividades rituais, encontros comunitários e celebrações religiosas, geralmente localizados em áreas urbanas ou rurais, proporcionando um espaço para práticas cerimoniais, reuniões sociais e atividades comerciais. Durante períodos de inatividade cerimonial, o centro pode permanecer fechado ou ser ocupado apenas por uma pequena população de zeladores (Rowe, 1967).

Na interpretação de Makowski, embora Rowe não tenha enfatizado explicitamente a arquitetura como um critério primário, ele observava que a presença de núcleos públicos formalmente diferenciados poderia ser um indicativo adicional de uma cidade. No entanto, a mera presença de arquitetura cerimonial ou uma distribuição nuclear de assentamentos não são indicativos suficientes para identificar os sistemas urbanos.

Para Makowski, a definição de cidade de Rowe é pragmática e de ordem funcional por se tratar de uma ocupação residencial permanente de comerciantes, administradores e militares. “Desde esta perspectiva los asentamientos que carecen de núcleos públicos

formalmente diferenciados y ocupan un área menor de 4 hectáreas son de naturaleza aldeana” (Makowski, p. 47, 2020). Contudo, Makowski aponta que Rowe, em um artigo posterior, publicado em 1967, havia abordado um tema chave para o caso das cidades andinas. No artigo “What King of a Settlement was Inca Cuzco?”, ao apresentar as características específicas de Cusco como a capital de Tahuantinsuyo, também destacou que “el carácter particular de la ciudad andina reside en el hecho que esta cumple, al mismo tiempo, las funciones de centro ceremonial y de capital” (Makowski, 2020, p. 47).

Utilizando-se do caso de Cusco, a estrutura urbana era principalmente composta por templos e amplas áreas monumentais, como as *kallankas* e as *canchas*, que supostamente eram palácios. Essas áreas serviam como abrigo e ponto de encontro para as elites locais e estrangeiras durante eventos festivos e preparativos militares. A população permanente era bastante reduzida, já que a maioria dos habitantes que utilizavam os espaços públicos dessa cidade única nas montanhas dos Andes vivia espalhada nas proximidades das terras de cultivo e pastagem (Rowe, 1963 *apud* Makowski, 2007).

A definição de Rowe será central no desenvolvimento da ideia de cidade desenvolvida posteriormente por Makowski, e que será abordada mais adiante.

Assim como Rowe, Schaedel também se destaca por ter examinado centros populacionais dos Andes antigos. Segundo Dillehay, durante um extenso período, Schaedel concentrou seus estudos na Costa Norte peruana, investigando profundamente alguns temas, como os centros cerimoniais e os aglomerados populacionais, incluindo o poder político, o urbanismo e a liderança secular e sagrada. Ele se consagrou como um pioneiro ao introduzir conceitos como governança, hegemonia, centralização do poder, complexidade hierárquica e estratificação de riquezas na análise de sociedades complexas localizadas nos Andes (Dillehay, 2007).

É importante destacar que, embora sua orientação teórica fosse principalmente neoevolucionista e ocasionalmente processualista, Schaedel não era rígido em sua abordagem metodológica, já que enfatizava a importância de não depender exclusivamente de uma escala analítica ao se investigar comportamentos (Dillehay, 2007). Para Dillehay, uma das características distintivas de seu trabalho foi sua abordagem interdisciplinar, que integrava diversas áreas do conhecimento e que incluía a arqueologia, a história, a antropologia social, a geografia e a linguística. Além disso, ele incorporava uma variedade de fontes, como dados textuais e arqueológicos. Ao relacionar o passado com o presente, Schaedel explorou as interconexões entre os diferentes aspectos sociais, culturais e políticos, permitindo uma compreensão mais abrangente e contextualizada da sociedade Andina.

Segundo Tantaleán, Schaedel “adelantó una serie de propuestas con respecto al urbanismo y al Estado que luego los arqueólogos se encargarían de poner a prueba” (Tantaleán, 2021, p. 45). E ele abordou o desenvolvimento da cidade e do Estado entre os Moche, os Chimu e os Incas. No entanto, foi particularmente ao analisar as regiões costeiras do Peru e os Andes Centrais em comparação com outras regiões, como a Mesoamérica e a América do Norte, que ele defendeu a ideia de que o crescimento e a complexidade das funções sociais em uma sociedade estão intimamente ligados ao desenvolvimento de padrões de povoamento urbano, e que essa urbanização é um fator crucial na formação dos Estados (Dillehay, 2007).

No artigo “The City and the Origin of the State in America”, de 1972, Schaedel demonstrou sua perspectiva acerca de seu entendimento de cidade. Para ele, trata-se de uma:

[...] definição sistêmica, em oposição às definições baseadas exclusivamente em critérios culturais, a fim de indicar o aspecto do processo de urbanização propício ao fenômeno da centralização multifuncional, que é crucial para a formação do Estado (Schaedel, 1972, p. 16, tradução nossa).

Ele buscou defender dois pontos teóricos sobre a relação entre a cidade e o Estado: a) que o desenvolvimento urbano ocorre em paralelo à centralização política e reflete a relação entre o crescimento das cidades e a consolidação do poder político representado pelo Estado, e b) que as características das estruturas urbanas são pré-requisitos essenciais para a estabilidade e a permanência do Estado, destacando a importância das cidades e comunidades municipais na manutenção do poder político centralizado.

Em vez de se concentrar apenas em características materiais ou culturais específicas, ele procurou ver a cidade como um fenômeno complexo e dinâmico, que desempenhava um papel central no processo de urbanização e na formação do Estado. Para desenvolver sua tese, Schaedel comparou o desenvolvimento da cidade e do Estado na região costeira do Peru com outras sociedades, como a Maia, na época clássica, e a Teotihuacana, no México. Entre seus principais argumentos está o fato de que o desenvolvimento da cidade, durante o processo de urbanização, está intimamente ligado à centralização política representada pelo Estado secular. Esse fenômeno é exemplificado pelos estados teocráticos dos Maias das Terras Baixas do período clássico, que desenvolveram formas urbanas embrionárias de centros cerimoniais, onde apenas algumas funções estatais eram exercidas (Schaedel, 1972).

Isso significa dizer que, à medida que uma sociedade se torna mais complexa e suas funções sociais se diversificam, o desenvolvimento da cidade e do Estado tende a acontecer de forma paralela:

Em termos rudimentares, o crescimento das funções sociais de uma sociedade complexa, refletido no desenvolvimento de padrões de povoamento, pode ser comparado, por analogia, aos blocos de construção. A primeira arquitetura pública é representada pelo santuário religioso, geralmente isolado, rodeado por uma aldeia de habitações indiferenciadas. Pouco depois, surge o edifício defensivo (Collier: 1961: 105), sob a forma de reduto de colina ou área murada de retiro, também isolado. Um pouco mais tarde, há o registro de edifícios públicos com outras funções (Schaedel, 1972, p. 16, tradução nossa).

Como se pode observar, essa passagem oferece uma visão do desenvolvimento das funções sociais em uma sociedade complexa, destacando a importância da religião, da defesa e de outras necessidades sociais no processo de construção e organização da sociedade ao longo do tempo.

Como método comparativo, Schaedel apresentou o caso de Teotihuacán, no México, e de Huari, no Peru, onde o crescimento urbano coincidiu com o surgimento de formas de governo centralizadas. Em Teotihuacán, por exemplo, ele mostrou as pesquisas arqueológicas que evidenciavam como as cidades haviam crescido a partir de centros cerimoniais, tornando-se “cidades-estado”. Essas cidades urbanas exerciam influência sobre outras áreas e desempenhavam um papel central na integração política. E também analisou o desenvolvimento da cidade no contexto do estado Chimu, onde a capital Chan Chan refletia uma diferenciação social e uma concentração de poder político. Nesse caso, o crescimento urbano e a centralização política estão interligados, com a cidade servindo como um centro de administração e controle político.

Quanto às formas da cidade como condições prévias para a consolidação permanente do Estado, Schaedel sugeriu que a urbanização e a organização urbana eram fundamentais para a formação e a sustentação do poder estatal. Nesse quesito, exemplificou algumas cidades, como Chan Chan, que representam formas urbanas extraordinariamente estruturadas e diferenciadas. Essas cidades serviam como centros de administração, controle e concentração de recursos, elementos essenciais para a consolidação do poder estatal. Além disso, destacou a importância da urbanização na transição entre as sociedades estratificadas e os estados consolidados. A cidade, com sua centralização de funções e especialização ocupacional, fornece o contexto necessário para a emergência e a sustentação do Estado (Schaedel, 1972).

Isso implica que o Estado e a cidade estão interligados e que o desenvolvimento dos centros urbanos desempenha um papel fundamental na formação e estabilidade do Estado. A urbanização é vista como uma característica que leva à centralização multifuncional, o que é crucial para a formação estatal. Essa centralização multifuncional envolve a concentração de funções administrativas, religiosas e militares em centros urbanos, o que contribui para o estabelecimento e a expansão do poder do Estado (Dillehay, 2007).

As comparações realizadas no artigo “The City and the Origin of the State in America” destacam a tendência de estabelecer padrões comuns entre a formação dos Estados e a evolução das cidades em diferentes contextos culturais e formas de hierarquia nas comunidades indígenas. Schaedel, ao abordar a interconexão entre o desenvolvimento da cidade e a formação do Estado em várias regiões da América, enfatizou a importância da urbanização na centralização do poder e no estabelecimento de estruturas políticas complexas e destacou a evolução dessas relações ao longo do tempo e em diferentes contextos geográficos e culturais (Dillehay, 2007).

Por fim, é importante observar que, para Schaedel, as cidades e estados no Peru Andino surgiram principalmente durante o Período Intermediário Final e o Horizonte Médio. Contudo, ele acrescentou à discussão a noção de tribo e chefia, que teriam tido lugar em um período pré-estatal (Horizonte Primitivo ou Horizonte Inicial) e que remontariam a uma fase inicial da evolução social e política na região, antes da consolidação dos estados urbanos ou não urbanos. Segundo ele, durante esse período, as sociedades andinas estavam organizadas em tribos agrícolas e chefias, que representavam estruturas menos centralizadas e menos complexas do que os estados posteriores, e que geralmente não apresentavam uma estratificação social muito desenvolvida (Schaedel, 1972).

Schaedel abordou os conceitos de tribo e chefia já discutidos por Steward, Faron, Sanders e Marino. De modo resumido, as tribos são grupos sociais que se organizam em torno da agricultura incipiente e de uma estrutura social mais simples, comumente sem uma estratificação de classes distintas. Já as chefias são formas de organização política mais centralizadas, caracterizadas pela presença de líderes que exercem autoridade sobre grupos de pessoas. Essas chefias podem ser agrícolas, militares ou teocráticas, dependendo das características predominantes de sua liderança e das atividades econômicas predominantes (Schaedel, 1972).

O terceiro autor e pesquisador a discutir o processo urbano é Lumbreras, que se utilizou das teorias de Childe e Marx como referências importantes para realizar sua análise das sociedades andinas antigas:

Nosotros queremos retornar esta preocupación childeana, aún cuando no interesa plantearla explícitamente en torno a los enunciados marxistas citados, lo que establece algunas diferencias entre la descripción y definición del proceso por Childe (Lumbreras, 1988, p. 10).

Lumbreras incorporou elementos das teorias de Childe, que destacam a importância das mudanças tecnológicas e econômicas na evolução social, para discutir a transição das sociedades neolíticas para as urbanas. No entanto, ele também criticou a interpretação de Childe sobre as mudanças sociais como fatores resultantes exclusivamente de inovações tecnológicas, ao enfatizar a necessidade de se considerar o papel das relações de produção e das lutas de classes, conforme proposto por Marx.

Ao analisar a transição da sociedade andina, enfatizou como a emergência de uma classe especializada e as mudanças nas forças produtivas e relações de produção impulsionaram a evolução social, gerando os conflitos, as instituições sociais e a formação de cidades.

No exemplo das sociedades Inca e Chavinoide, Lumbreras indicou os pontos principais dessa transição:

a) a emergência da classe especializada, destacando a importância da tecnologia especializada, da previsão climática e de rituais religiosos liderados pela classe sacerdotal, como impulsionadores da mudança social;

b) os conflitos e as lutas de classe, que ocorrem a partir da introdução de novas formas de produção e da crescente complexidade social, e que geram, conseqüentemente, embates entre os diferentes grupos sociais, especialmente entre comunidades e classes;

c) o papel do estado e das instituições sociais, sugerindo que o estado e outras instituições surgem para mediar os interesses das diferentes classes sociais, com a classe sacerdotal emergindo como dominante, controlando os meios de produção e determinando as relações de produção;

d) a formação das cidades, que transitaram para uma sociedade mais complexa, marcada pela formação de cidades habitadas por especialistas, enquanto que as áreas rurais permaneceram povoadas por camponeses (Lumbreras, 1988).

De modo geral, a transformação da sociedade rural em urbana é compreendida como um salto revolucionário condicionado pelo desenvolvimento das tecnologias agrícolas e sistemas de irrigação, o que ocasiona o constante aumento do excedente produzido, possibilitando o sustento de um número crescente de produtores especializados e líderes.

Nesse contexto, o surgimento de classes sociais com interesses antagônicos é inevitável, assim como o estabelecimento do Estado com seu aparato coercitivo. A classe dominante reside na cidade, que também se torna a sede do poder estatal. Sob essa perspectiva, o desenvolvimento urbano reflete a formação das classes sociais (Lumbreras, 1988, 2020).

Segundo Makowski, a revolução urbana nos Andes ocorreu inicialmente, segundo Lumbreras, ao longo dos Períodos Arcaico e Formativo, quando as cidades haviam começado a se formar no Período de Desenvolvimento Regional, embora, posteriormente, ele tenha retrocedido essa época ao Formativo Tardio (Makowski, 2007).

Desde a década de 1990, pelo menos dois autores se dedicaram a organizar e rediscutir algumas dessas perspectivas, ambos ligados à PUCP, José Canziani e Krzysztof Makowski.

Diante das novas descobertas em todo o território, Canziani, em 2018, reeditou o livro *Ciudad y territorio en los Andes: Contribuciones a la historia del urbanismo prehispánico*, no intuito de “ofrecer una visión de conjunto de las diferentes formas de asentamiento y manejo del territorio que realizaron las sociedades que habitaron los Andes centrales desde los cazadores recolectores hasta el Imperio inca” (Canziani, 2018, p. 20).

Canziani se manteve próximo dos postulados teóricos formulados por Lumbreras, embora sua visão sobre o urbanismo buscasse romper com a dicotomia entre o campo e a cidade, pois, segundo ele, tratava-se de uma visão moderna que separava a cidade do território, resultado da colonização espanhola que trouxe consigo uma mentalidade de exploração do território, quando a cidade era vista como o centro de controle e extração de recursos, enquanto o território rural era considerado uma fonte de recursos a ser explorado. Ao contrário, Canziani sustentava que, na visão anterior à colonização, a cidade e o território rural eram vistos como interdependentes (Canziani, 1992, 2018).

Makowski fez uma contundente crítica aos pressupostos teóricos dos autores para definir o urbanismo andino antigo, que ele classificou, respectivamente, como pragmático (Rowe), comparativo (Schaedel) e axiológico (Lumbreras). Embora essas perspectivas não sejam totalmente inválidas, elas se fundamentavam na universalidade dos modelos tradicionais de autores que haviam estudado a Mesopotâmia, o Egito, a Índia e Teotihuacan (Makowski, 2007, 2012, 2020).

O método de abordagem crítica de Makowski se baseou na revisão bibliográfica desses e outros autores que ele considerava fundantes ou influentes das principais perspectivas sobre o urbanismo andino. Por essa razão, levantou questões, expôs os métodos, as teorias e os principais argumentos defendidos pelos autores, assim como comparou as

conclusões que haviam chegado acerca do mesmo sítio arqueológico. Com isso, evidenciou os problemas e os limites a respeito dessas interpretações.

As limitações nas interpretações de Rowe, Schaedel e Lumbreras, parecem, em parte, resultar de carências acerca de informações mais sistemáticas sobre os sítios, uma vez que contavam com prospecções de superfície dos sítios arqueológicos. Contudo, não lhes restou muita alternativa a não ser atribuir funções sociais ou utilitárias às formas arquitetônicas que haviam observado (Makowski, 2007).

Makowski observou também que um dos grandes problemas dos modelos interpretativos desses autores era a fundamentação teórica desenvolvida a partir de propostas neoevolucionistas ou neomarxistas que, sem um propósito crítico, cada um a seu modo, regiam a “transición de la barbárie a la civilización” (Makowski, 2007, p. 10) e a consequente classificação binária de sociedades aldeãs/sociedades urbanas e de barbárie/civilização:

Los conceptos mismos y el modelo general fueron acuñados, recordemos, por la naciente antropología del siglo XIX. La existencia de la ciudad contaba entre los atributos necesarios de la civilización a lado del estado, de la estratificación social, de la tecnología de fundición de metales, de las artes figurativas con la iconografía compleja y, eventualmente, de la escritura (Makowski, 2007, p. 10).

Makowski considerava o conceito de civilização discriminatório e carregado de equívocos, pois, em pleno século XXI, é preciso aclarar que o que se entende por civilização é fruto de processos complexos de interação, de modo que se trata mais de uma noção de transformação da humanidade do que de um grupo superdotado. No entanto, a ideia de classificar as sociedades do passado (e do presente) como “civilizadas” e “não civilizadas” ainda é mantida por vários entusiastas e investigadores.

De acordo com essa linha de raciocínio, presume-se que toda civilização antiga tenha compartilhado sistemas de governo burocratizados com meios coercitivos, uma estrutura fiscal e de controle territorial, expressões de arte figurativa e, preferencialmente, a escrita como principal meio de comunicação social. Além disso, considera-se indispensável a presença de uma rede de cidades cuja existência dependa de amplos excedentes agrícolas e de um comércio intenso de longa distância (Makowski, 2020).

Nas últimas décadas, a arqueologia e a antropologia têm questionado esse modelo hierárquico de desenvolvimento das sociedades humanas, ao demonstrar como as sociedades se transformam de modo diverso e sem obedecer à sequência de eventos universal esperada: primeiro, o domínio agrícola e os sistemas de irrigação, e depois, a urbanização e o estado.

Makowski cita o caso egípcio para mostrar como esse esquema pode resultar inválido e até mesmo invertido:

Resulta que el desarrollo de los sistemas de riego forzado en el valle de Nilo, no solo no es anterior a la formación del estado, sino muy tardío. Las primeras evidencias de importantes trabajos hidráulicos (construcción del canal troncal Nilo-lago de Fayum) son posteriores a la época de grandes pirámides de Saqqara y Gizeh: provienen de los tiempos de la XIIa dinastía, cuando las estructuras políticas del estado egipcio cumplieron su primer milenio de existencia y lograron superar por lo menos una importante y renovadora crisis. [...] La cultura egipcia había mantenido predominantes características rurales hasta bien avanzado el Periodo de Nuevo Imperio. No cabe duda además que el proceso de la urbanización, muy incipiente durante los dos primeros milenios de la existencia del Egipto faraónico, fue impulsado por el estado (Butzer, 1976; Trigger, 1984, 1989 *apud* Makowski, 2007, p. 15-16).

Outro problema apontado são os critérios de comparação. Segundo Makowski, duas características têm sido preponderantes quando se compara os Andes a outros lugares, a saber: a planificação do conjunto e a organização do espaço. A planificação é um dos “criterios mas frecuentemente utilizados para diferenciar a la ciudad de un asentamiento rural en los Andes”, embora resulte “sorprendente constatar en este contexto que la planificación aparece muy tardíamente como el fenómeno generalizado en la historia del urbanismo de Viejo Mundo” (Makowski, 2007, p. 16). E, para comprovar seu argumento, exemplifica uma série de exemplos da Mesopotâmia, Grécia, Sírio-Palestina, entre outros.

Já em relação à organização do espaço nas cidades do Velho Mundo, as áreas públicas com construções monumentais formam um centro em torno do qual as ruas e os bairros residenciais são articulados. Essas áreas públicas geralmente ocupam cerca de 30% da área total da cidade. Por outro lado, nos conjuntos urbanos dos Andes, essa proporção é invertida, com áreas habitacionais ocupando a maior parte do espaço e sendo compostas por vários segmentos separados, sem um centro único que os articule. Além disso, aponta-se que, no Velho Mundo, as áreas cobertas organizam o espaço, enquanto que, nos Andes, são os espaços abertos que desempenham essa função, como pátios e quadras. Menciona-se que a unidade básica urbana nesse período é o “recinto cerrado o la plaza semiabierta, íntimamente asociada con un sistema de plataformas y estructuras techadas” (Makowski, 2007, p. 18).

Ao produzir questões para os métodos e teorias, Makowski buscou refletir sobre o processo urbano andino, ao defender que as sociedades pré-industriais se desenvolveram de modos diversos. Assim, se propôs a analisar pormenorizadamente as diferenças entre os complexos urbanos nas regiões dos Andes e as cidades do Mediterrâneo Antigo.

O caso Andino, quando comparado ao mesopotâmico, só demonstra como o urbanismo andino se desenvolveu em um contexto tecnológico e social diferente, sem meios de transporte sofisticados, animais de tração ou armas avançadas. Isso, junto a um ambiente

desértico, mas também diverso, levou a um padrão disperso de assentamento, que se manteve ao longo do tempo até a conquista espanhola (Makowski, 2007, 2008, 2012, 2020).

Em relação à organização do espaço e à arquitetura, Makowski concluiu que, enquanto na Mesopotâmia a urbanização ocorreu ao longo de três estágios distintos, com a formação gradual de centros urbanos monumentais e a consolidação de cidades-estado, nas regiões andinas os centros urbanos tinham principalmente funções administrativas e cerimoniais de estados regionais, com uma vida mais curta e um crescimento rápido e violento. Além disso, a estabilidade dos centros urbanos mesopotâmicos contrasta com a instabilidade e as variações dos centros urbanos andinos, o que indica as diferentes dinâmicas sociais e políticas entre ambas as regiões (Makowski, 2007, 2008, 2012, 2020).

Segundo Makowski, na Mesopotâmia, a urbanização resultou em uma transformação social significativa, marcada pela transição de uma sociedade estratificada para uma de classes. Com o surgimento das cidades-estado, as elites hereditárias e os proprietários de terras ganharam destaque, consolidando seu poder econômico e político. Enquanto os cidadãos tinham direitos sobre a terra para o sustento, os não proprietários trabalhavam em terras do templo e do palácio em troca de víveres. O comércio e a propriedade privada tornaram-se fundamentais, refletindo uma mudança em direção a uma economia de mercado e uma sociedade onde o indivíduo e seus interesses ganhavam terreno em relação à comunidade (Makowski, 2007, 2008, 2012, 2020).

Por outro lado, nas sociedades andinas anteriores à invasão espanhola, a urbanização não resultou em uma estrutura social tão estratificada quanto na Mesopotâmia. Em vez disso, a ênfase residia na coletividade e na preservação da ordem comunitária. As atitudes em relação à propriedade eram mais coletivas, com a comunidade desempenhando um papel central na organização social e econômica. Os rituais funerários refletiam essa abordagem, sendo mais comunitários e focados na preservação da coletividade e na manutenção da ordem cósmica. Assim, as sociedades andinas desenvolveram uma dinâmica social distinta, onde o papel do indivíduo era menos proeminente em comparação com a Mesopotâmia (Makowski, 2020).

Para Makowski, os assentamentos considerados urbanos nos Andes Centrais tinham características cerimoniais e geralmente careciam de defesas. Sendo assim, a arquitetura monumental, que era destinada à organização do trabalho e dos produtos, transformava a paisagem em um cenário sagrado e conferia aos tributos um caráter religioso (Makowski, 2012, 2020).

Makowski desenvolveu a tese de que “el sistema andino fue en su esencia antiurbano, si es que se toma por referencia las características esenciales del urbanismo occidental” (Makowski, 2012, p. 20). Para tanto, baseou essa afirmação em uma extensa revisão bibliográfica, análise de dados arqueológicos e formulação de hipóteses sobre o desenvolvimento do urbanismo andino em diferentes períodos e regiões geográficas. E ao integrar diversas perspectivas acadêmicas e evidências arqueológicas, construiu uma narrativa abrangente sobre o urbanismo nos Andes Centrais (Makowski, 2012, 2020).

Logo, sua hipótese buscava explicar as características distintivas do urbanismo andino, tais como:

- (1) La inestabilidad del sistema de asentamientos. Esta se refleja en la ausencia de los tell urbanos, estratificados, en largos hiatos ocupacionales, los que se observan en la estratigrafía de asentamientos con ocupaciones múltiples, y en cambios drásticos en la distribución espacial de sitios entre cada 400 y 600 años.
- (2) La predominancia de la arquitectura pública (en promedio, más del 60% del área total del sitio). Esta incorpora los espacios sagrados y margina los espacios domésticos en todos los complejos considerados urbanos y documentados hasta el presente.
- (3) La recurrencia de las formas de arquitectura ceremonial (vg. la plaza, el patio hundido, el recinto cercado, la plataforma escalonada, la pirámide con rampa) en los sitios calificados como centros urbanos o administrativos.
- (4) Los antecedentes sorprendentemente precoces de varias formas de arquitectura ceremonial y del particular sistema andino de asentamientos (*settlement pattern*), caracterizado en los numerales (1)-(3), en el Precerámico (Período Arcaico) Medio y, sobre todo, Tardío (Makowski, 2012, p. 22).

Para Makowski, os primeiros sinais de monumentos haviam surgido no Pré-Cerâmico Tardio, simultaneamente na costa e na serra do Peru, associados ao processo de sedentarização e agricultura. A introdução da cerâmica, por sua vez, não trouxe mudanças culturais significativas, ao passo que as tradições arquitetônicas originais persistiram até 800 AEC, aproximadamente.

Embora haja evidências arqueológicas que apoiem uma datação precoce para o início do urbanismo nos Andes, Makowski defendia que o contexto socioeconômico contradizia essa ideia:

La imagen de una sociedad relativamente igualitaria y pacífica se desprende de las costumbres funerarias. Entre los hipotéticos jefes hay personajes de ambos sexos y, a veces, de edad muy avanzada para la época. El ajuar funerario enfatiza sus destrezas como chamanes o diestros cazadores y pescadores (Burger 2008; Chapdelaine y Pimentel 2008). Si bien pueden haber materias primas u objetos exóticos (conchas de *Spondylus* sp., plumas y semillas de la selva), los ajuares de los jefes son muy modestos en comparación con los ajuares de las élites provenientes de los períodos posteriores (Makowski, 2012, p. 23-24).

Além disso, o período de construção de grandes centros cerimoniais, que teve início no Período Pré-cerâmico, terminou abruptamente após três mil anos em algumas regiões. Esses aspectos sugerem uma complexidade na compreensão do desenvolvimento urbano nos

Andes, que vai além das simples evidências arqueológicas e que envolve considerações sobre a estrutura social e econômica da época (Makowski, 2012, 2020).

Nesse sentido, Makowski argumentou que o sistema de assentamentos nos Andes Centrais não seguia as características dos centros urbanos ocidentais, como densidade populacional concentrada, estrutura hierárquica estratificada e predominância de atividades comerciais e residenciais. Pelo contrário, o urbanismo andino sempre havia sido descrito como instável, com longos intervalos de ocupação e mudanças significativas na distribuição espacial dos assentamentos. A maioria da população vivia em assentamentos dispersos, fora dos limites de cultivo, com uma área média limitada, exceto no caso das capitais regionais associadas à elite guerreira (Makowski, 2012, 2020).

Além disso, o autor destacou a predominância da arquitetura pública sobre a arquitetura doméstica nos complexos urbanos andinos, ao indicar que mais de 60% da área total dos locais era dedicada a espaços sagrados e públicos. Por essa razão, observou a recorrência de formas de arquitetura cerimonial em locais urbanos ou administrativos, sugerindo uma forte influência das práticas religiosas na organização e no planejamento do espaço urbano andino (Makowski, 2012, 2020).

A arquitetura monumental nos Andes, distribuída ao longo de caminhos e canais de irrigação, orientava os fluxos de trabalho e de produtos, transformava o cenário profano em sagrado e conferia aos tributos um caráter de obrigação religiosa. Os preparativos para a guerra e os intercâmbios comerciais estavam inseridos nesse contexto cerimonial. Do ponto de vista da história das instituições políticas, o urbanismo andino pode ser entendido como a materialização do poder difuso e o meio de transmissão de ideologias religiosas, além de ter sido um instrumento de memória social inscrito na paisagem. As elites dos complexos de chefias e dos estados emergentes utilizavam esses mecanismos e recursos ancestrais para estabelecer redes de poder hegemônicas (Makowski, 2012, 2020).

Por fim, Makowski enfatizou a necessidade de se compreender plenamente as características excepcionais do urbanismo andino para poder apreciar suas contribuições únicas para a história e assim se afastar dos modelos eurocêtricos que sempre dominaram o estudo da urbanização. Para tanto, propôs uma interpretação alternativa para o urbanismo andino, baseada na necessidade de espaços para práticas religiosas e sociais e na organização social e ritual das comunidades, caracterizando-o como um sistema “antiurbano” (Makowski, 2012, 2020).

Além dele, outros autores, como Gavazzi e Janusek, concordam que a arquitetura andina difere fundamentalmente da tradição ocidental (Gavazzi, 2010; Janusek, 2010 *apud* Makowski, 2012).

Gavazzi e Makowski, por sua vez, argumentaram que existe uma organização cosmocêntrica que “en cambio, los complejos urbanos andinos se rigen por una organización cosmocéntrica” (Makowski, 2012, p. 32), em contraste com a abordagem antropocêntrica da arquitetura ocidental. Segundo Gavazzi, essa abordagem visa integrar os edifícios com o ambiente natural circundante, incluindo o céu noturno (Gavazzi, 2010 *apud* Makowski, 2012).

Janusek também contribuiu para a discussão, sugerindo que a percepção do espaço urbano nas sociedades andinas era influenciada por fatores cósmicos e naturais. Ele destacou que a orientação dos edifícios e dos eixos visuais em assentamentos como Tiahuanaco não era determinada por considerações antropocêntricas, mas sim, pelo alinhamento com as saídas do sol, as constelações e as características geográficas. Janusek salientou que isso reflete uma visão de mundo em que as forças e os ciclos naturais desempenham um papel central na vida social e política, em contraste com a visão antropocêntrica ocidental (Janusek, 2010 *apud* Makowski, 2012).

## 2.2 VALE DO SUPE

### 2.2.1 Investigadores do Vale do Supe

O estudo arqueológico do Vale do Supe não recebeu investigações abrangentes até o início dos anos 1990. O sítio arqueológico de Áspero era conhecido desde a década de 1970 devido às investigações de Robert Feldman e às propostas de Michael Moseley sobre a importância dos recursos marinhos no desenvolvimento da civilização andina (Shady, 2014).

Uhle foi um dos primeiros a explorar e registrar o sítio de Áspero em 1905, embora seus trabalhos só tenham sido citados posteriormente por outros pesquisadores. Em 1940, Paul Kosok realizou estudos sobre diversos vales costeiros, destacando o desenvolvimento significativo das populações costeiras, mesmo sem ter trabalhado diretamente no sítio ou conhecido sua antiguidade. Em 1941, Gordon Willey e John Corbett realizaram cortes em Áspero, desenterrando estruturas de alvenaria e recuperando túmulos com cerâmica. Suas investigações ajudaram a correlacionar Áspero a outros sítios com cerâmica (Willey; Corbett, 1954 *apud* Espinoza, 2004).

Durante a década de 1960, Frederic Engel, após escavar diversos sítios do Vale do Supe, mencionou a monumentalidade das edificações em sítios como El Faro, Áspero, Chupacigarro, Pueblo Nuevo e Alpacoto. Antes dele, Paul Kosok já havia reconhecido edificações no vale, fornecendo algumas informações sobre o desenvolvimento local (Shady, 2014; Vizconde, 2019).

Nos anos 1970, Carlos Williams e Francisco Merino realizaram um extenso levantamento do Vale do Supe, catalogando uma quantidade considerável de assentamentos do Arcaico Tardio. Em 1971, Willey e Moseley revisitaram Áspero, entre outros sítios costeiros, “que por esos años ya habían sido identificados como pertenecientes al Período Precerámico o Arcaico Tardío” (Shady, 2014, p. 52), e que decidiram denominar como Formativo Inicial. Com base nas informações coletadas, identificaram edifícios com plataformas escalonadas nos montículos de Áspero. Em 1975, Feldman fez contribuições significativas ao escavar montículos menores, como a Huaca de los Sacrificios, Huaca de los Ídolos e Huaca Alta, em Áspero. Ele objetivava quantificar as quantidades de alimentos selvagens e agrícolas que sustentavam a comunidade de Áspero e sua arquitetura de trabalho corporativo, além de testar a hipótese de Moseley sobre a importância dos recursos marinhos. Em sua pesquisa, concluiu que as estruturas monumentais de Áspero eram testemunhos de poder, autoridade e capacidade de organizar um corpo de trabalho corporativo, desenvolvido a partir da interação com o ambiente litorâneo (Feldman, 1980).

Elzbieta Zechenter, em 1988, realizou investigações no Vale do Supe, e seu “objetivo principal fue conocer la relación entre la intensificación de la economía de subsistencia y el desarrollo de la complejidad social durante el precerámico y el Periodo Inicial, comparando recursos marinos y agrícolas” (Vizconde, 2019, p. 28). Para isso, classificou os sítios com poços cerimoniais em três categorias, de acordo com sua disposição e tamanho, mas não se interessou pela arquitetura menor. Em Caral, identificou setores específicos e descreveu brevemente o sítio, denominando-o Chupacigarro Grande (Vizconde, 2019).

Entre 1994 e 1995, uma equipe de arqueólogos liderada por Ruth Shady realizou um reconhecimento no Vale do Supe, identificando 18 sítios arqueológicos, a maioria com arquitetura monumental, datados do Período Arcaico Tardio, atualmente denominado Formativo Inicial. Ela e sua equipe sugeriram que a população se baseava em uma economia agrícola-pesqueira, com intenso comércio entre as comunidades especializadas, o que gerava uma esfera econômica supracomunal e uma conexão inter-regional sob um governo estatal (Shady, 1997, 2014; Shady *et al.*, 2003).

### 2.2.2 Marco espacial do Vale do Supe

O Vale do Supe, localizado na região Centro-Norte do Peru, está geograficamente posicionado no centro dessa área, especificamente nas coordenadas UTM: Norte: 8.794.000 m – 8.806.000 m; Este: 202.000 m – 234.000 m. O rio Supe, que atravessa o vale horizontalmente, tem uma extensão de 92 km desde sua nascente, na localidade de Ambar, no altiplano, até sua foz, no Oceano Pacífico. Sua bacia inclui três seções: a seção baixa até a seção média alta do vale, que fica 700 metros acima do nível do mar, e a seção litorânea. As terras do vale são férteis e distribuídas em várias zonas ecológicas, sendo atualmente uma das principais áreas de produção agrícola do país (INRENA, 2005).

A região Centro-Norte do Peru cobre aproximadamente 120 mil km<sup>2</sup>, com uma extensão de cerca de 400 km de norte a sul e 300 km de oeste a leste. A região inclui diversas zonas ecológicas, como o litoral do Oceano Pacífico e 14 bacias hidrográficas que descem transversalmente pela cordilheira, desde o rio Santa até o rio Chillón. No centro interandino estão a bacia do Santa, que forma o Callejón de Huaylas, a zona de Conchucos e a bacia do Mantaro. Na vertente oriental ou selva andina, destacam-se as bacias dos rios Huallaga e Marañón (Shady, 2019).

A variedade ecológica da região Centro-Norte abrange zonas costeiras, serranas e de selva andina, cada uma com seus próprios recursos naturais e ambientes distintos. As zonas costeiras são ricas em recursos marinhos, enquanto as zonas serranas e de selva oferecem uma variedade de produtos agrícolas e florestais (Shady, 2019).

A vegetação atual do Vale é diversa, mas foi significativamente reduzida devido à ação humana. Anteriormente, apresentava florestas densas e uma fauna abundante, incluindo espécies como o guarango (*Prosopis juliflora*), o pájaro bobo (*Tessaria integrifolia*), a caña brava (*Gynerium sagittatum*), a guayaba (*Psidium guajava*), o pacay (*Inga feuillei*) e o carrizo (*Phragmites communis*). Animais como veados, vizcachas (*Lagidium peruanum*) e o pássaro “turtupilín” (caracterizado por sua plumagem vermelha vibrante) eram comuns, mas hoje são raros por causa da degradação ambiental (Shady, 1997).

A principal atividade econômica na região é a agricultura, embora condicionada pelo regime estacional das cheias, que ocorrem ao final de novembro, marcando o início da temporada de plantio. Em fevereiro e março o fluxo aumenta, tornando o rio torrencial, pois antes as margens ficavam incomunicáveis. Em maio, o fluxo diminui até secar. Devido à falta de água, muitas pessoas utilizam motores para extraí-la do subsolo e irrigar seus campos, o que resulta na diminuição significativa do lençol freático. O desmatamento indiscriminado da

vegetação também contribuiu para a exposição e a desproteção das margens do rio durante as cheias (INRENA, 2005).

Os sítios arqueológicos catalogados no Vale do Supe apresentam uma diversidade em termos de extensão e complexidade, distribuídos em quatro seções principais (vide Tabela 2):

- **Seção A (Litoral):** Áspero (de tamanho menor a mediano);
- **Seção B (Vale Baixo):** Piedra Parada, El Molino, Era de Pando, Pando e Limán (de tamanho médio a grande);
- **Seção C (Vale Médio):** Lurihuasi, Miraya, Chupacigarro, Caral, Cerro Colorado, Pueblo Nuevo, Allpacoto e Llaqta. Essa seção tem 10 km de extensão e inclui sete sítios, além de Caral: quatro à margem direita do rio Supe (Pueblo Nuevo, Cerro Colorado, Allpacoto e Llaqta) e quatro à margem esquerda (Caral, Chupacigarro, Miraya e Lurihuasi). E concentra os sítios de maior extensão e volume construtivo, totalizando 312,09 hectares;
- **Seção D (Vale Alto):** Huacache, Peñico, Jaiva, Capilla, Cerro Blanco e Ñawpa (de tamanho médio a pequeno) (González-García *et al.*, 2021).

**Tabela 2:** Sítios arqueológicos do Vale do Supe

Sítio Arqueológico	Hectares	Sessão do Vale	Margem
Áspero	18,75	Litoral	Litorânea
El Molino	7,57	Baixo	Direita
Piedra Parada	37,54		Esquerda
Era de Pando	57,93		Direita
Limán	2,99		Direita
Pando	9,49		Direita
Llamahuaca	11,42	Médio	Direita
Pueblo Nuevo	23,49		Direita
Caral	68,00		Esquerda
Chupacigarro	38,59		Esquerda
Cerro Colorado	22,75		Direita
Miraya	33,90		Esquerda
Lurihuasi	38,11		Esquerda
Llanta	12,03		Direita
Allpacoto	18,57		Direita
Ñawpa	8,09	Alta	Direita
Huacache	14,74		Direita
Peñico	13,01		Esquerda
Cerro Blanco	3,11		Esquerda
Capilla	1,61		Esquerda
Jaiva	8,96		Esquerda

Fonte: adaptado de SHADY, Ruth. La Civilización Caral: Sistema social y manejo del territorio y sus recursos. Su trascendencia en el proceso cultural andino. *Boletín de Arqueología*, n. 10, p. 68-69, 2006.

“Esses locais compartilham o mesmo padrão de assentamento” (González-García *et al.*, 2021, p. 155, tradução nossa). Shady ainda acrescenta que essa “distribución espacial estaría en relación con el patrón de organización dual, que ha caracterizado a las sociedades andinas. Todos los asentamientos fueron construidos sobre tierras eriazas, por encima de las tierras productivas del valle y río Supe” (Shady *et al.*, 2022, p. 16).

Os sítios arqueológicos mais extensos e significativos, tanto em área quanto em volume construído, encontram-se nos maiores terraços vazios, estando localizados à margem esquerda da seção médio-baixa do vale, onde há menos terras agrícolas disponíveis do que à margem direita (González-García *et al.*, 2021). De acordo com Shady, os sítios foram estrategicamente posicionados em terras aluviais desérticas acima do vale, evitando as planícies férteis utilizadas para a agricultura. A proximidade e a organização dos assentamentos também refletem aspectos sociais internos, como a administração da água e a defesa contra as invasões. Segundo a arqueóloga, a tendência de construir assentamentos em ambas as margens do rio indica um padrão de organização dual, enquanto que a separação entre as seções sugere uma administração eficiente dos recursos hídricos e agrícolas (Shady, 2006).

A orientação dos edifícios dos sítios arqueológicos do Vale foi investigada por González-García *et al.* (2021). Sua pesquisa investigou a orientação das estruturas dos sítios do local para entender os fatores que determinaram essa orientação:

[...] os resultados sugerem que o curso do leito do rio ditou a orientação geral das estruturas construídas para a cultura Supe. Ao mesmo tempo, a interação entre a paisagem local e os fenômenos astronômicos relacionados desempenhou um papel importante. O rio não segue a mesma direção geral em toda a área onde os locais investigados se localizam, talvez indicando que foram deliberadamente situados em locais onde as direções astronomicamente relevantes eram paralelas ou perpendiculares ao leito do rio (González-García *et al.*, 2021, p. 167, tradução nossa).

González-García *et al.* acrescentam que as orientações astronômicas podem estar relacionadas a eventos sazonais importantes, como chuvas, inundações e ciclos agrícolas, indicando uma interação entre a paisagem terrestre e a celeste.

O estudo sugere “a importância da lua e de suas posições extremas como os elementos aparentemente dominantes na orientação das estruturas sagradas (pirâmides e

praças circulares) dentro dos diferentes assentamentos” (González-García *et al.*, 2021, p. 167, tradução nossa). A importância da lua, especialmente o nascer do plenilúnio mais ao sul, coincidia com o início do inverno e com eventos econômicos, como a coleta de anchoveta e a semeadura de algodão. Além disso, constelações e estrelas, como a Sirius e o Cruzeiro do Sul, também parecem ter desempenhado um papel importante na disposição dessas estruturas (González-García *et al.*, 2021).

Segundo González-García *et al.*, o interesse do povo Caral pela posição da lua talvez tenha sido um importante marcador de tempo e espaço relacionado a eventos de pesca e agricultura:

Curiosamente, isso coincide com o final de uma das épocas atuais de recolha de anchoveta (*E. ringens*), um dos principais produtos do mar recuperados nos sítios arqueológicos do Vale do Supe (Burger e Rosenswig 2012; Shady 2006a). Coincidiria também com a época de semear algodão, um dos produtos mais importantes da seção média do vale, onde se situam os edifícios mais proeminentes. Além disso, a ascensão helíaca de Sirius na altura da utilização dessas estruturas aconteceria em junho, talvez coincidindo com o evento lunar. Por fim, a ascensão helíaca do Cruzeiro do Sul nessa altura ocorreria em setembro, algumas semanas antes do início das cheias, em meados da primavera, e marcando o início do ciclo das abóboras (González-García *et al.*, 2021, p. 169, tradução nossa).

Além do fenômeno lunar, o nascer do sol, no solstício de junho, e o aparecimento de certas estrelas ou constelações parecem refletir igualmente uma organização espacial vinculada a uma visão cíclica do tempo, própria das primeiras sociedades “urbanas” da região. Segundo González-García *et al.*, essa integração entre o ambiente natural e o céu evidencia a importância ritual e econômica dos monumentos, sublinhando a relação cultural da sociedade Supe na coordenação de atividades sociais e econômicas com base em observações celestes. Além disso, acredita-se que o fato de o povo de Caral deter o conhecimento das orientações astronômicas e coordenar suas atividades sociais e econômicas nesse sentido, reforçava a coesão social através de rituais associados a esses eventos (González-García *et al.*, 2021).

### 2.2.3 Marco temporal do Vale do Supe

A ocupação do Vale do Supe começou antes de 3000 AEC. Embora haja poucas pesquisas sobre os períodos anteriores, em Áspero encontram-se evidências de assentamentos de 5000 AEC. De acordo com Shady, enquanto na costa os grupos viviam da pesca e do cultivo de algumas hortaliças, no interior do vale as famílias ou linhagens tomaram posse das terras, prepararam os campos de cultivo, formaram assentamentos nucleados e construíram discretos edifícios públicos. Por volta de 2900 AEC surgiram os assentamentos urbanos na seção média inferior do vale, com a construção de edifícios públicos sem um ordenamento

geral e sem um *design* piramidal. As fachadas desse período, atualmente escavadas em alguns edifícios, mostram uma orientação voltada para o vale. Apenas a partir de 2600 AEC, o espaço construído foi reestruturado seguindo um *design* e um ordenamento previamente estabelecidos (Shady, 2006).

## 2.2.4 Sítio Arqueológico de Caral

O sítio arqueológico de Caral, localizado no Vale do Supe, na província de Barranca, ao norte do departamento de Lima, Peru, destaca-se por sua complexidade arquitetônica e volume construtivo. Comparado a outros sítios da região, como Era de Pando, Pueblo Nuevo, e Miraya, se sobressai em termos de complexidade e importância histórica (Shady *et al.*, 2003; Shady, 2006, 2014).

### 2.2.4.1 Marco espacial do sítio de Caral

Segundo Shady, o sítio destaca-se pela sua complexidade arquitetônica e pelo volume de construções, sendo o mais significativo da região. Outros sítios já mencionados, como Era de Pando, por exemplo, são mais extensos, mas não se comparam a Caral em termos de volume construtivo. E Pueblo Nuevo e Miraya, embora possuam numerosos monumentos, não o superam em extensão ou complexidade (Shady *et al.*, 2003; Shady, 2006, 2014).

O sítio arqueológico de Caral situa-se à margem esquerda do rio Supe, próximo ao atual povoado de Caral, que deu nome ao sítio, a aproximadamente 350 metros acima do nível do mar. Está posicionado geograficamente nas coordenadas UTM 8795 200 N – 224 600 E (Shady, 1997). O acesso a ele é feito a partir da estrada Panamericana Norte, com desvios específicos que levam diretamente ao assentamento.

Encontra-se na ecorregião do deserto do Pacífico, caracterizada por um clima quente no verão e temperado no inverno, além do fenômeno das lomas<sup>18</sup> (Brack, 1986 *apud*

---

<sup>18</sup> As Lomas Costeiras são ecossistemas endêmicos da costa do Peru e do Chile, caracterizadas por serem sazonais. No inverno, apresentam uma vegetação variada devido à neblina que chega das lomas, enquanto no verão a vegetação se reduz a ponto de ser escassa a olho nu. No Peru, se estendem desde Bayóvar, em Piura, até Tacna, cobrindo quase toda a costa do país, em pelo menos 50 locais. Encontram-se intercaladas com pântanos, vales, pampas e outros ecossistemas da costa peruana. São um ecossistema de grande importância para a estabilização do solo e a purificação do ar, sendo o hábitat de muitas espécies animais, vegetais e de plantas cultiváveis, como a batata, o tomate e a caigua. Resumo da entrevista de Franz García, pesquisador ambiental do Centro Urbes para a PUCP, 2020. Disponível em: <https://www.pucp.edu.pe/climadecambios/noticias/lomas-costeras-un-paraiso-por-proteger/>. Acesso em: 13 jun. 2024.

Vizconde, 2019). Em geral, o clima é quente, embora, no inverno, a sensação de frio aumente por causa da presença da umidade abundante. As chuvas se reduzem a garoas esporádicas na estação invernal, mas o fenômeno *El Niño* pode aumentar significativamente as chuvas, prejudicando a conservação das estruturas. A localização de Caral se caracteriza por uma transição marcante entre um cenário desértico e um vale mais fértil, com a presença de partículas de areia e umidade que contribuem para a deterioração das construções, exigindo ações de conservação (Llamocca, 2014 *apud* Vizconde, 2019) Além disso, destaca-se a fertilidade do solo ao fundo do vale, enriquecido por inundações sazonais e pela presença do lençol freático, o que favorece a agricultura (Shady, 1997).

Os recursos hídricos do rio Supe são escassos na maior parte do ano, mas a proximidade do lençol freático permite a existência de vegetação em algumas depressões. Historicamente, a agricultura no Vale se beneficiou das águas oriundas do rio Pativilca, que irrigavam as terras do Vale de Fortaleza (INRENA, 2005).

O sítio se localiza sobre um terraço aluvial acima do vale, rodeado por uma cadeia de colinas baixas que formam uma espécie de letra “U” aberta em direção ao vale. É composta principalmente por seixos rolados e cascalho, evidência de antigos cursos de rios torrenciais. O nível superior, onde as estruturas foram erguidas, contribuiu para a preservação das evidências arqueológicas, além de estarem protegidas das infiltrações de água ao fundo do vale. A destruição observada se deve mais à ação dos profanadores ou huaqueros, interrompida há muito tempo (Vizconde, 2019).

#### 2.2.4.2 Marco temporal de Caral

O sítio de Caral foi inicialmente classificado como parte do período Pré-Cerâmico com algodão ou Arcaico Tardio (Lumbreras, 1981). Recentemente, Shady sugeriu sua inclusão no Formativo Inicial, devido, sobretudo, a novos dados provenientes do local (Shady, 2014). Vizconde esclarece que o conceito de Arcaico ou Formativo está relacionado à etapa cultural, definida inicialmente como uma unidade de tempo e semelhança cultural, caracterizada por um ou mais traços e vinculada à evolução cultural. A presença ou a ausência de cerâmica também definem se se trata de uma etapa ou um período, sendo o Pré-Cerâmico e o Arcaico divisões dentro do processo de neolitização (Vizconde, 2019).

---

Segundo Shady, o desenvolvimento de Caral insere-se em um processo de neolitização e processo cultural significativo, que inclui a domesticação de plantas e animais e a sedentarização e construção de arquitetura monumental, principalmente na costa centro-norte peruana (Shady *et al.*, 2003, 2014).

Segundo Lumbreras, a neolitização abrange um período extenso de tempo, durante o qual ocorreu um processo com manifestações culturais e acumulação de conhecimento, cuja expressão mais tangível foi a proliferação da arquitetura monumental, sobretudo na costa centro-norte. Esse processo não ocorreu simultaneamente em todas as áreas, mas seguiu ritmos diferentes e adquiriu modalidades distintas, mesmo dentro de áreas circunscritas (Lumbreras, 2020; Shady *et al.*, 2003, 2014).

O início da domesticação de plantas e animais e o sedentarismo e desenvolvimento da arquitetura monumental não ocorreram ao mesmo tempo, tampouco de forma uniforme. As evidências mais antigas de domesticação remontam a nove mil anos na serra peruana. O sedentarismo foi estabelecido por volta de cinco mil anos atrás na costa centro-norte, e possivelmente foi alcançado paralelamente na costa e na serra. A arquitetura monumental precoce é representada em vários locais, destacando-se a proliferação de edifícios que envolveram um grande manejo de mão de obra e quantidades abundantes de materiais de construção (Shady *et al.*, 2003, 2014).

Em termos de arquitetura monumental precoce, sítios como “Huaca Prieta (Bird, 1948), Las Haldas (Grieder, 1975), La Galgada (Grieder & Bueno, 1985), Shillacoto (Izumi *et al.*, 1972), Kotosh (Izumi & Terada, 1972), El Paraíso (Engel, 1967) e Caral (Shady, 1997)” (Vizconde, 2019, p. 12), entre outros, mostram o aprimoramento de construções que implicaram farta mão de obra e materiais. Esses edifícios não se encontram isolados, mas acompanhados de construções menores, indicando uma organização coletiva e uma função de congregação da população (Vizconde, 2019). Contudo, Shady defende que foi no Vale do Supe que a arquitetura monumental alcançou uma maior planificação, com destaque para o sítio de Caral.

As construções em Caral parecem ter sido planejadas de maneira coordenada desde aproximadamente 3000 AEC - 2600AEC (Período Formativo). Ao longo de mil anos de ocupação, os edifícios foram regularmente remodelados e ampliados. A estabilidade estrutural dessas construções foi progressivamente aprimorada com o uso de *shicras*, ou sacos de tecido, que funcionavam como contêineres, permitindo o desenvolvimento das estruturas em forma piramidal. Por volta de 2000 AEC, o investimento em mão de obra para a construção

começou a diminuir gradativamente (Shady, 2014; Garcia *et al.*, 2021). Shady e sua equipe estimam que, em seu auge, o assentamento abrigava aproximadamente três mil habitantes.

“Las fechas radiocarbónicas distribuidas en una franja temporal que abarca de 2700 a 1800 a.C. indican el apogeo de Caral entre 2600 y 2100 a.C” (Shady; Haas; Creamer, 2001, p. 234). As evidências por Carbono-14 obtidas em Caral indicam uma faixa temporal que corresponde às grandes estruturas.

“O sítio é composto por oito componentes arqueológicos de diferentes períodos” (Shady *et al.*, 2022, p. 23), sendo eles: o Formativo Inicial, o Formativo Médio, o Formativo Tardio, o Intermediário Temprano, o Intermediário Tardio e o Horizonte Tardio, conforme consta na Tabela 3.

O Formativo Inicial é o mais extenso, e indica o período de maior construção das estruturas. No Formativo Médio surgiu um pequeno centro urbano com edifícios piramidais e praças quadrangulares submersas no lado nordeste do sítio (Setor F). Essa população reconheceu a importância sagrada da cidade antiga, utilizando alguns dos edifícios em escombros para enterrar seus mortos (Shady *et al.*, 2022).

Nos períodos Formativo Tardio e Intermediário Inicial, os ocupantes construíram residências rústicas sobre os escombros da encosta inferior do Edifício Piramidal Maior, localizado próximo às lavouras. No extremo leste do povoado, existem edifícios públicos com muros de taipa, circundando uma densa ocupação doméstica. Pequenas áreas usadas como cemitérios surgiram ao final do Horizonte Médio, enquanto edifícios de taipa foram construídos sobre escombros do Formativo Inicial (Shady *et al.*, 2022).

Durante o Intermediário Tardio foram construídos edifícios com paredes de taipa, rodeados por casas rústicas de quincha. Localizado no extremo noroeste do sítio, há um extenso cemitério na base da colina de Gozne. No Horizonte Tardio, os descendentes da população do Intermediário Tardio ocuparam o mesmo espaço, expandindo-o para o oeste. Nesse período, os corpos foram enterrados no topo dos edifícios principais de Caral (Shady *et al.*, 2022).

**Tabela 3:** Sequência de ocupação dos assentamentos de Caral

AÑOS (a.C.)	PERÍODO	CARACTERÍSTICAS
2100-1800	Tardío Final	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Remodelación de los edificios públicos.</li> <li>* Construcción de plazas inscritas en plataformas cuadrangulares.</li> <li>* Prestigio del asentamiento Era de Pando en la sección baja del valle.</li> </ul>
2200-2100	Tardío Inicial	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Remodelación de los edificios públicos con piedras de menores dimensiones.</li> <li>* Entierro de algunos componentes y elementos arquitectónicos de gran significación.</li> <li>* Pérdida de prestigio de la ciudad de Caral.</li> </ul>

2300-2200	Medio Final	* Ampliación en extensión y volumen de los edificios públicos. * Construcción de grandes plataformas y plazas. * Incremento del poder estatal.
2600-2300	Medio Inicial	* Reestructuración del diseño general de la ciudad. * Ubicación de los edificios bajo un programa planificado de ejes concertados. * Construcción de edificios bajo un modelo piramidal de fachada única. * Plazas circulares anexadas. * Un gobierno estatal condujo la ingente inversión económica y de fuerza de trabajo.
3000-2600	Antiguo	* Crecimiento de los asentamientos urbanos en la sección media baja del valle. * Construcción de edificios públicos por <i>ayllus</i> o linajes en la mitad alta y en la mitad baja.
Antes del 3000	Remoto	* Grupos de familias emparentadas o linajes tomaron posesión colectiva del territorio. * Asentamientos nucleados. * Habilitación de tierras de cultivo. * Manejo de los humedales. * Casas edificadas con materiales orgánicos. * Discretos edificios públicos.

Fonte: SHADY, Ruth. La civilización Caral: paisaje cultural y sistema social. *Senri ethnological studies*, v. 89, p. 51-103, 2014. Tabela, p. 90.

## 2.2.5 Material construtivo e estruturas de Caral e sítios arqueológicos correlacionados ao Vale do Supe

### 2.2.5.1 Materiais construtivos

As pedras são o principal material construtivo das estruturas de Caral e dos demais sítios arqueológicos do Vale do Supe, conferindo monumentalidade às pirâmides, recintos e residências (Carlotto *et al.*, 2011). No sítio, por exemplo, as pedras utilizadas na construção variam de alguns centímetros a vários metros de comprimento, com algumas pesando várias toneladas. Os locais de sua extração se situavam tanto na cidade quanto em seus arredores. Estudos geológicos detalhados realizados por Carlotto *et al.* identificaram:

La diorita y la andesita fueron la principal materia prima utilizada por los especialistas de Caral, lo cual responde a la geología del sitio, pues las principales unidades litológicas que afloran en la zona son dioritas del batolito de la Costa y andesitas del Grupo Casma. La diorita fue el material constructivo predominante en la arquitectura de los edificios públicos piramidales de la Ciudad Sagrada de Caral. Dicha roca se obtuvo de conteras ubicadas en el mismo sitio y en zonas aledañas; mientras que la andesita fue empleada en la elaboración de diversos instrumentos para la construcción y en bienes para la vida cotidiana (Carlotto, 2011, p. 70).

### 2.2.5.2 Estruturas

Quanto às estruturas, é possível citar as residenciais, não monumentais e monumentais. Essa classificação inclui os diversos tipos de estrutura. Suas funções e/ou

significados são interpretados a partir da cultura material: artefatos, vestígios, *designer* construtivo, material construtivo, enterramentos e rituais.

Em decorrência de Caral ter sido um dos sítios mais escavados sistematicamente nos últimos 23 anos, a grande maioria das referências arquitetônicas é produzida a partir dos estudos do sítio, principalmente no que diz respeito à função das estruturas.

#### a) Edifícios não monumentais

Edifícios considerados não monumentais também foram investigados pelo PEACS. Um exemplo é a tese de Machacuay acerca do edifício nº 9, do sítio Chupacigarro, identificado como uma edificação pública cerimonial não monumental.

[...] se proponen 15 fases arquitectónicas en 2 períodos de ocupación en base al diseño arquitectónico, materiales empleados y grado de complejidad. Esta propuesta se refrenda con los contextos y las actividades desplegadas. También se reconocen en estos dos períodos un cambio importante en las relaciones entre los ambientes del Recinto Principal y los espacios exteriores y recintos anexos. [...] podríamos considerar que los cambios en las relaciones de los espacios arquitectónicos indicarían cambios a nivel de la organización social del grupo que participaba en estas actividades (Machacuay, 2008, p. 639-642).

Segundo Machacuay, o processo de substituição e mudança gradual das construções refletiu uma crescente complexidade arquitetônica e uma maior proximidade ao edifício piramidal La Cantera. As alterações nos ambientes principais e nos espaços anexos como variações nas atividades realizadas e nas relações sociais entre os ocupantes são interpretadas em conjunto com a análise de um recinto principal destinado a atividades públicas e cerimoniais, sendo composto por fogões, umbrais e escadas que desempenhavam papéis fundamentais na circulação dentro do edifício. Machacuay ainda sinaliza que, embora as atividades secundárias, como as reuniões e o armazenamento de lixo, fossem evidentes, não há indícios de que o edifício tenha sido usado como residência permanente. As *shicras* encontradas sugerem um uso simbólico, possivelmente como oferendas individuais, indicando a importância do recinto onde foram depositadas. O arqueólogo também evidencia que os espaços no edifício foram divididos em três tipos principais: públicos, semipúblicos e privados. Ao longo do tempo, o espaço público tornou-se mais complexo e ganhou maior relevância, refletindo o envolvimento crescente da comunidade nas atividades cerimoniais. Por fim, Machacuay conclui que as mudanças nos espaços arquitetônicos sugerem alterações na organização social e nas relações de poder dentro da comunidade. A existência de vários

conjuntos arquitetônicos similares no assentamento de Chupacigarro indica a presença de múltiplos grupos de poder, todos participando das atividades do edifício principal e consolidando a identidade dos grupos familiares através do movimento ativo de recursos e do consumo de oferendas (Machacuay, 2008).

#### b) Edifícios monumentais

Entre as principais variações desse tipo de estrutura no Vale de Supe, destacam-se as pirâmides, as praças circulares, os anfiteatros, os edifícios residenciais e administrativos, além dos altares e praças menores.

As pirâmides são estruturas que apresentam diversos tamanhos, marcadas por grandes plataformas escalonadas que levam ao topo, onde geralmente se encontram altares que poderiam ter sido lugares onde se realizavam oferendas e outros ritos. Além de sua função cerimonial, as pirâmides também desempenhavam um papel administrativo, sendo o local onde os líderes da sociedade provavelmente residiam e governavam. Esses monumentos podem ser encontrados em todos os sítios do Vale do Supe.

Outro elemento arquitetônico importante da região são as praças circulares afundadas, geralmente localizadas na base das pirâmides. Essas praças eram utilizadas para reuniões comunitárias, onde a população se encontrava para discutir assuntos importantes ou participar de rituais coletivos. Muitos artefatos foram encontrados nelas, indicando seu uso para práticas espirituais. Exemplos notáveis dessas estruturas podem ser vistos em Caral, Áspero e Pueblo Nuevo.

Os anfiteatros também estão presentes em alguns sítios, e serviam para eventos públicos rituais e celebrações. Esses espaços eram fundamentais para a vida comunitária e religiosa da civilização. Caral e Chupacigarro são sítios onde essas estruturas podem ser observadas.

Além das estruturas cerimoniais, também foram identificados edifícios residenciais e administrativos relacionados às pirâmides. Alguns são interpretados como casas da elite, que eram residências maiores e mais elaboradas, possivelmente destinadas à classe dominante. Esses locais também apresentam depósitos e armazéns utilizados para conservar alimentos e recursos.

Por fim, além das grandes pirâmides e praças, existem altares menores e praças que eram usados para oferendas diárias e atividades sociais menores. Esses locais proporcionavam um espaço para rituais diários ou semanais e para a interação social da comunidade.

### 2.2.5.3 Classificação das estruturas presentes no Vale do Supe

Shady identifica, no mínimo, 11 tipos de estruturas e algumas com uma série de variantes. Contudo, vale recordar que se trata de um longo período de ocupação no Vale do Supe que abarca aproximadamente mil anos. Durante esse período, as edificações tiveram várias mudanças estruturais, ocupacionais e funcionais que excedem esta pesquisa.

Na sequência, se disponibiliza uma breve síntese de classificação de alguns tipos de estrutura. Essa síntese busca apresentar a morfologia, a função, a distribuição dos sítios no Vale do Supe correlacionados a Caral e uma média do volume construtivo. Esses dados são importantes, pois são utilizados por Shady e sua equipe para fundamentar, em parte, suas interpretações a respeito da estrutura social e política da “civilização Caral”. A maior parte deles é um resumo do artigo “Los orígenes de la civilización en el Perú: el área norcentral y el Valle de Supe durante el Arcaico Tardío”, de Shady *et al.*, publicado em 2000, no qual se apresentam os principais centros urbanos identificados na região com base em reconhecimentos feitos entre 1994 e 1995. Para completar, há também outros artigos e teses.

#### **1- Tipo de estrutura:** Pirâmide Maior

**Morfologia:** edifício complexo, de planta retangular, com duas alas laterais escalonadas e adóçamentos frontais. Eixo longitudinal de Leste a Oeste e recintos dispostos em eixo Norte-Sul, com a frente orientada para o Sul. Trata-se da edificação de maior destaque por sua complexidade, volume e dimensões. A praça circular afundada com anel e escadas alinhadas com o eixo principal também se destaca. Apresenta uma longa escada até o átrio superior da plataforma e uma forma assimétrica e irregular devido à adição de novos elementos e remodelações temporais (Shady *et al.*, 2000).

**Local/sítios onde é identificada a estrutura:** Caral (à margem esquerda do vale) e Pueblo Nuevo (à margem direita do vale).

**Volume construtivo:** 20,5 (volume de força de trabalho investido).

**Função:** a estrutura é composta por diversos componentes arquitetônicos associados a diferentes tipos de atividade. É simbolizada como “el centro del poder político y administrativo de la clase gobernante del Centro Urbano de Caral; y de relación para los grupos sociales de la ciudad y del valle” (Shady, 2022, p. 44). Acredita-se que as cerimônias públicas eram realizadas no espaço externo do edifício, em conjunto com a praça circular afundada, enquanto que, no topo, as cerimônias e as atividades eram restritas a um pequeno

grupo de pessoas. Referência: Edifício Piramidal Maior com Praça Circular Afundada E1-Caral.

## **2- Tipo de estrutura:** Pirâmide

**Morfologia:** as pirâmides do Vale do Supe são edificações de planta quadrangular e volume piramidal, construídas a partir da superposição de plataformas. Dividem-se em duas variantes principais: a pirâmide escalonada e a pirâmide truncada. A escalonada exhibe recintos em cada nível elevado, enquanto a truncada apresenta paredes oblíquas e empinadas, com recintos apenas no topo (Shady *et al.*, 2000).

**Varição da estrutura:** grande (quando a base ultrapassa 80x80 m lineares), média (entre 15x15 e 79x79 m, de três a cinco plataformas superpostas) e pequena (menos de 15x15 m, de até dois níveis superpostos).

**Volume construtivo (média):** grande (21,06), médio (25,07) e pequeno (13,93).

**Local/sítios onde é identificada a estrutura:** grande: Caral, Pueblo Nuevo e Miraya; média: Caral, Pueblo Nuevo, Miraya, Lurihuasi, Allpacoto, El Molino e Áspero; pequena: Caral, Pueblo Nuevo, Miraya, Lurihuasi, Áspero, El Molino e Allpacoto.

**Função:** a função dessas três variantes é a mesma, pois “se infiere que en el edificio se llevaban a cabo actividades públicas, ceremoniales y administrativas. La actividad principal se realizaba en los recintos centrales de la cima, en los recintos anexos se efectuaban actividades complementarias” (Shady, 2022, p. 35). Referência: Edifício Público Piramidal Maior C1-Caral.

## **3- Tipo de estrutura:** Estrutura com plataformas sequenciais e praças

**Morfologia:** edifício com *design* planimétrico altamente elaborado, caracterizado por uma sequência ascendente de componentes arquitetônicos alinhados ao longo de um eixo Norte-Sul. Localiza-se no extremo Sul dos centros urbanos, orientado para o Norte.

**Componentes arquitetônicos em comum:** antessala: recinto retangular com dois vãos opostos, um de ingresso desde a praça e outro de acesso ao átrio; átrio: recinto quadrangular com banquetas escalonadas, fogão central e escada empinada oposta ao vão; plataforma principal: espaço central elevado (em Caral e Peñico), baixo (em Chupacigarro) ou em uma ladeira (em Cerro Blanco), com planta retangular alongada e pequenas habitações no topo, acessadas por meio de uma escada central; plataformas posteriores: descendentes, com recintos (em Caral e Peñico), e um pequeno pátio quadrangular (em Chupacigarro); recintos

posteriores: conjunto de recintos aglutinados atrás da plataforma posterior (identificados em Chupacigarro e Cerro Blanco).

**a) Variação da estrutura:** Praça Circular Afundada

**Morfologia:** componente central circular afundado, acessado por meio de duas escadas opostas. Em Caral, apresenta múltiplas arquibancadas concêntricas internas, conhecidas como anfiteatro.

**Localização:** Caral, Chupacigarro, Peñasco e Cerro Blanco.

**b) Variação da estrutura:** Plataforma de Ingresso

Localizada ao norte da estrutura, é retangular e alongada, semelhante a uma ponte, que conduz à praça. Em Caral, é flanqueada por nichos alinhados.

**Local/sítios onde é identificada a estrutura:** Caral, Chupacigarro, Peñasco e Cerro Blanco.

**Volume construtivo:** 1,06 (volume de força de trabalho investido).

**Função:** não consta.

**4- Tipo de estrutura:** Estruturas Singulares

**Variação da estrutura:** átrio com plataforma principal, átrio com antessala e átrio isolado.

**Morfologia:** edifícios pequenos, planta simétrica, padrão de *design* das estruturas de plataformas sequenciais, com praça em escala reduzida.

**Local/sítios onde é identificada a estrutura:** Caral, Peñico e Capilla.

**Volume construtivo:** 0,25 (volume de força de trabalho investido).

**Função:** não consta.

**5- Tipo de estrutura:** Plataforma quadrangular com praça circular inscrita

**Morfologia:** estrutura quadrangular (mais de 80x80 m), baixa, com recintos amplos. Praça circular afundada anexada à frente.

**Local/sítios onde é identificada a estrutura:** Piedra Parada (à margem esquerda) e Era de Pando (à margem direita).

**Volume construtivo:** 1,88 (volume de força de trabalho investido).

**Função:** não consta.

**6- Tipo de estrutura:** plataforma quadrangular simples.

**Variação da estrutura:** plataforma quadrangular grande, plataforma quadrangular média e plataforma quadrangular pequena.

**Morfologia:** estrutura pouco elevada, com recintos na superfície, com preenchimentos para definir os níveis.

**Local/sítios onde é identificada a estrutura:** grande: Chupacigarro; média: Peñico, Caral, Miraya, Lurihuasi e Era de Pando; pequena: Peñico, Caral, Chupacigarro, Miraya, Lurihuasi e Era de Pando.

**Volume construtivo:** grande: 0,49 (volume de força de trabalho investido); médio: 4,60 (volume de força de trabalho investido); pequeno: 0,64 (volume de força de trabalho investido).

**Função:** não consta.

**7- Tipo de estrutura:** Plataforma retangular

**Variação da estrutura:** plataforma retangular média e plataforma retangular pequena.

**Morfologia:** características semelhantes à plataforma quadrangular, mas com planta retangular. Maior variedade de dimensões, com tendência a anexar e sobrepor.

**Local/sítios onde é identificada a estrutura:** média: Caral, Miraya, Lurihuasi, Peñico e Era de Pando; pequena: Miraya, Lurihuasi e Era de Pando.

**Volume construtivo:** médio: 4,60 (volume de força de trabalho investido); pequeno: 1,21 (volume de força de trabalho investido).

**Função:** não consta.

**8- Tipo de estrutura:** Praça circular em série inscrita em ladeira

**Morfologia:** sucessão de praças circulares inscritas em plataformas quadrangulares anexadas em ladeiras. Moldura em forma de meia-lua.

**Local/sítios onde é identificada a estrutura:** Peñico (cinco praças), Huacache (três praças) e Pueblo Nuevo (uma praça).

**Volume construtivo:** 1,79 (volume de força de trabalho investido).

**Função:** não consta.

**9- Tipo de estrutura:** Praça circular inscrita com plataforma

**Morfologia:** praça circular inscrita em plataforma quadrangular, com plataforma retangular delimitando um dos lados. Localizada nos topos ou ladeiras altas.

**Local/sítios onde é identificada a estrutura:** Pando, Limán e Cerro Colorado.

**Volume construtivo:** 0,22 (volume de força de trabalho investido).

**Função:** não consta.

**10- Tipo de estrutura:** Praça circular em sequência vertical

**Morfologia:** sucessão vertical de duas praças circulares afundadas, intercomunicadas por meio de uma escalinata. Plataforma quadrangular no topo.

**Local/sítios onde é identificada a estrutura:** Jaivá.

**Volume construtivo:** 0,10 (volume de força de trabalho investido).

**Função:** não consta.

**11- Tipo de estrutura:** Complexos residenciais no centro e na periferia da cidade

**Variação da estrutura no centro da cidade:**

Variante 1: casas construídas com pedra.

Descrição: compostas por um conjunto de recintos e pátios e relacionadas a uma determinada pirâmide.

Variante 2: casas construídas com material orgânico.

Descrição: construídas com palafitas de guarango, salgueiro e *carrillos*, situadas a certa distância das pirâmides, mas com acesso orientado a elas. As casas que se encontram cerca das pirâmides pequenas são feitas de palafitas e *carrillos*, sendo menores que a versão anterior, com acesso orientado a essas pirâmides.

Variante 3: casas pequenas feitas com pedras.

Descrição: pequenas e feitas com pedras, situadas na parte periférica da cidade.

Variante 4: habitações isoladas.

Descrição: construídas com palafitas, sendo que apenas seus orifícios permanecem. Suas formas variam entre circular, meia-lua ou quadrangular, estando localizadas nas proximidades de algumas estruturas públicas.

**Local/sítios onde é identificada a estrutura:** Caral e presença provável em outros sítios, mas não confirmada, devido à falta de escavações.

**Volume construtivo:** variável, dependendo do material e das técnicas usados, além do tamanho das casas e recintos.

**Função:** residencial. Servem como moradia para diferentes segmentos da população, com variações que indicam, possivelmente, *status* ou funções específicas dentro da comunidade.

**Variação da estrutura na periferia:** bairro habitacional ou bairro administrativo.

**Morfologia:** variável de acordo com a localização no centro urbano, o tamanho das casas e dos recintos, os materiais e as técnicas de construção.

**Local/sítios onde é identificada a estrutura:** Caral, Pueblo Nuevo, Miraya, Chupacigarro, Peñico e Era de Pando.

#### 2.2.5.4 Estruturas do sítio de Caral

Com maior volume construtivo, a paisagem de Caral é dominada por grandes plataformas com plantas retangulares e recintos no topo acessados por meio de escadas frontais e que aumentaram em área e volume devido a remodelações permanentes, com edifícios, incluindo o Templo Mayor, que alcançou até 30 metros.

Shady identificou 35 estruturas, com destaque para as plataformas piramidais e os edifícios com praça circular afundada. Ao todo, são oito edifícios principais: Edifício Piramidal Maior (Setor E)<sup>19</sup>, Edifício Piramidal Central (Setor C), Edifício Piramidal da Pedreira (Setor B), Edifício Piramidal Menor (Setor G), Edifício Piramidal da Galeria (Setor H), Edifício da Pirâmide de Huanca (Setor 1), Templo do Anfiteatro (Setor L) e Templo do Altar Circular (Setor P) (Shady 2006a, 2006b; Shady *et al.*, 2022).

No traçado urbano, distinguem-se duas zonas: uma nuclear e uma periferia. A nuclear apresenta edifícios distribuídos em duas metades: Caral Alto e Caral Bajo (Shady, 2006; Shady *et al.*, 2022).

Em Caral Alto encontram-se os maiores edifícios públicos e residenciais: edifícios piramidais, dois com praças circulares submersas, um edifício não piramidal, um conjunto residencial, subconjuntos e unidades residenciais:

##### Setor A:

- Conjunto Residencial Maior A.
- Subconjunto Residencial A5.

##### Setor B:

- Edifício Público Piramidal Maior B (“Edificio Piramidal La Cantera”).
- Subconjunto Residencial B7 e B8 (“Residências de Elite de La Calle Sur”).
- Unidades Residenciais B1 e B2.
- Unidade Residencial B9.

##### Setor C:

- Edifício Público Piramidal Maior C1 (“Edificio Piramidal Central”) + Plataforma Cerimonial e Praça Circular Submersa C2 (“Praça de La Integración ou Tinkuy Mitu Cancha”).

---

<sup>19</sup> “Cada conjunto más sobresaliente en el sitio tiene asignado una letra mayúscula del alfabeto, son los denominados sectores. Los correspondientes subsectores se identifican mediante dicha letra seguida de un número” (Vizconde, 2004, p. 17).

- Edifício Público Piramidal Menor C4 (“Edifício Residencial e Público de Ingresso à Área Nuclear”).
- Subconjunto Residencial C5 (“Subconjunto de la Calle de Integración Social”).

Setor D:

- Subsetor D1 (Subconjunto Residencial D1) (“Subconjunto Residencial de Elite”).

Setor E:

- Edifício Público Piramidal Maior com Praça Circular Submersa.
- E-1 ou Edifícios Especiais (Edifício Público Menor E2-E3) (“Edifício Dual”).

Setor F:

- Unidade Residencial F1 (“Residência de Elite”).

Setor G:

- Edifício Público Piramidal Menor G1 (“Edifício Piramidal Menor”).

Setor H:

- Edifício Público Piramidal Maior H1 (“Edifício Piramidal La Galeria”).
- Subconjunto Residencial H2, H3 e H4.

Setor I:

- Edifício Público Piramidal Menor I1 (“Edifício Piramidal La Huanca”).
- Unidades Residenciais I2 (“Residencial de Elite I2”).

Setor Z:

- Unidade Residencial Z.

Setor X:

- Conjunto residencial X (Unidades Residenciais X3, X4, X7 e X8) (“Moradias”).
- Edifício Público Menor X6 (“Edifício Público da Periferia”) não piramidal.

Caral Baixo apresenta um único edifício público com praça circular, nove edifícios menores e oficinas:

Setor J:

- Oficina de especialização artesanal J.

Setor K:

- Edifício Público Menor K.

Setor L:

- Edifício Público Maior de Arquitetura Estendida com Praça L (“Templo do Anfiteatro”).

Setor M:

- Edifício Público Menor M.

Setor N:

- Edifício Público Menor N (“Templo de La Banqueta”);
- Conjunto Residencial NN2 (“Conjunto Residencial Menor”).

Setor P:

- Edifício Público Menor P (“Templo do Altar Circular”).

Setor Q:

- Unidade Residencial Q.

Setor R:

- Edifício Público Menor R (“Edifício de Los Fogones”).

Setor S:

- Edifício Público Menor S (“Edifício Ceremonial Menor”).

Setor T:

- Edifício Público Menor T (“Edifício do Altar Quadrangular”).

Setor U:

- Edifício Público Menor U (“Edifício Ceremonial Menor”).

Setor V:

- Subconjunto Residencial V (“Residências”).

“El paisaje de Caral está dominado por seis pirâmides en el sector alto (sectores B, C, E, G, H e I) y una en el sector bajo (L), cada una con sus edificaciones de viviendas o rituales ubicadas cerca” (Vizconde, 2004, p. 17).

### I.A Pirâmide C

Conhecida também como a “Pirâmide Alta”, a Pirâmide C é a mais alta em Caral, com 21 m de altura. Embora ainda não tenha sido escavada, é composta por plataformas sobrepostas feitas de pedras cortadas unidas com argamassa. Suas paredes foram revestidas e possivelmente pintadas. Sua construção, feita de uma só vez até perto do topo, lembra a forma da Huaca de los Ídolos, de Áspero. No subsetor C2, localizado a Sudeste, há terraços construídos com grandes blocos de pedras cortadas. Um espaço quase quadrado é delimitado por muros, com dimensões de 67,50 m por 60,60 m.

En el lado noroeste, una pirámide con las mismas características, pero de menores dimensiones, se adosa a la pirámide C y unos metros más en la misma dirección, se encuentra otra similar de menor altura. Al norte se ubica el sector D constituido por un conjunto de pirámides pequeñas construidas de piedras unidas con argamasa (Shady, 1999 *apud* Vizconde, 2004, p. 18).

## II. A Pirâmide E

A Pirâmide E, também conhecida como o “Templo Maior”, é considerada uma das estruturas mais imponentes de Caral, destacando-se pelo grande volume de material utilizado em sua construção e pelo valor simbólico. Alcança uma altura de 20 m, com mais de 100 m de comprimento e 50 m de largura. É composta por quatro plataformas sobrepostas, feitas com grandes pedras cortadas, unidas por argamassa. Seus muros foram revestidos e pintados predominantemente nas cores vermelha e branca (Shady; Machacuay; Aramburú, 2003).

Conta com uma praça circular ao nível do terreno, que é a sua característica mais marcante. Conforme Shady, Machacuay e Aramburu (2003), essa praça é a estrutura mais estudada no setor. Possui um diâmetro interno de aproximadamente 21,5 m e um diâmetro externo de 36,5 m aproximadamente. Em sua construção, destacam-se os muros estruturais destinados a conter o material de preenchimento interno, formado por numerosas *shicras*, bolsas de fibra vegetal usadas para transportar pedras. O acesso ao interior da praça circular é feito através de duas escadas externas localizadas a Sudoeste e uma escada interna. Outra escada, situada no lado oposto, conecta a praça com a escada principal da pirâmide. As escadas internas da praça são ladeadas por duas grandes pedras verticais que formam uma espécie de portal. O eixo formado pelas escadas tem uma orientação de N20°E (Shady; Machacuay; Aramburú, 2003).

Em seu topo há um átrio quase quadrado, que se destaca pela presença de banquetas em três de seus lados e um fogão central. Além disso, no lado Leste do átrio existe uma pequena construção quadrada com um canal de ventilação para o fogão central. Segundo Shady, Machacuay e Aramburú (2003), esse conjunto arquitetônico reflete um planejamento sofisticado e uma organização espacial específica para rituais ou atividades sociais.

A orientação da escada principal da pirâmide é aproximadamente N25°E (ou N115°), sugerindo uma relação com a linha imaginária do solstício de verão. Essa orientação astronômica indica um conhecimento avançado da astronomia por parte dos construtores de Caral, que alinhavam suas estruturas com eventos celestiais importantes (Shady; Machacuay; Aramburú, 2003).

A Pirâmide E inclui uma praça circular afundada que passou por várias fases de ocupação e remodelação. Inicialmente, a pirâmide funcionava de forma independente,

enquanto que a praça circular foi adicionada posteriormente, ficando fora do centro em relação à pirâmide, devido às mudanças e ampliações feitas na estrutura (Shady, 1997). As praças circulares afundadas são um elemento recorrente na arquitetura de Caral e outros sítios da região Centro-Norte do Peru.

Essas praças foram usadas em uma vasta área, abrangendo a costa e os vales médios e interandinos. A maior densidade de poços cerimoniais se encontra no Vale de Supe, com cerca de 30 edificações contendo essas estruturas. Quanto à sua função e significado, supõe-se que não refletiam apenas uma organização social abrangente, mas sim, que indicavam uma forma de integração cultural e política, além de observações astronômicas.

se ha planteado que las plazas no fueron techadas: «Hundidas en el terreno, mantuvieron relación visual con el cielo abierto. Por esta razón pudieron estar relacionadas con la observación astronómica, como lo ha anotado Carlos Milla. También son posibles las prácticas alucinógenas, culto al fuego y una combinación de éstos y otros ritos» (Williams, *op. cit.*: 404). El mismo autor ha hecho notar que su profusión en Supe «es indicativa de su rol como componentes de una infraestructura religiosa-administrativa para la micro-región» (*ibid.*) (Shady; Machacuay; Aramburú, 2003, p. 157).

Os arqueólogos complementam que, em sítios como Las Haldas, Taukachi-Konkán, Sechín Alto e Salinas de Chao, foram encontradas praças circulares afundadas com características semelhantes às de Caral, incluindo escadas trapezoidais. No entanto, a função e a importância dessas praças variavam. Por exemplo, a praça de Alto Salaverry, no vale de Moche, era pequena “y por la presencia en su entorno de arquitectura doméstica, se podría interpretar como un establecimiento de estatus bajo” importantes (Shady; Machacuay; Aramburú, 2003).

Em Caral, a construção e o uso das praças circulares afundadas são interpretados como o reflexo de uma sociedade complexa, com uma hierarquia social bem estabelecida. Elas simbolizavam os três níveis do mundo: a superfície (terra habitada), a plataforma superior (céu e deidades) e o fundo afundado (submundo e mortos). Os sacerdotes, ao subir e descer as escadas, atuavam como intermediários entre esses mundos, reforçando o poder das autoridades terrenas. Para os arqueólogos, a distribuição dessas praças em outros sítios sugere a influência cultural e política de Caral, demonstrando sua importância como centro civilizatório. As remodelações contínuas das praças em Caral indicam um alto nível de organização e especialização, necessárias para a construção e a manutenção dessas estruturas (*Idem*).

### III. As Pirâmides G, H e I

Essas pirâmides variam em altura, de 7 m a 17 m, e são constituídas por plataformas sobrepostas em diferentes fases arquitetônicas. A pirâmide G é a menor do grupo (7 m), enquanto que a pirâmide I apresenta uma grande área residencial ao Sul e a pirâmide H um grupo extenso de estruturas baixas. Elas compartilham características construtivas com as pirâmides C e E, incluindo a presença de átrios com numerosos fogões (Vizconde, 2004).

### IV. Setor L

Conhecido como o “Templo do Anfiteatro”, é composto por uma plataforma, uma praça circular e uma pirâmide, todas construídas com pedras unidas com argamassa. A praça circular tem 29 m de diâmetro interno e 31 m de externo. A plataforma apresenta pequenos recintos em ambos os lados e muros estruturais internos. A pirâmide possui um átrio com banquetas ao redor de um fogão central e está isolada do resto do assentamento por um muro perimétrico. O “Altar do Fogo Sagrado”, uma construção possivelmente administrativa, também está presente (Shady; Machacuay, 2003).

### V. Estruturas residenciais

Segundo os arqueólogos, as estruturas com maior variação estrutural, ocupacional e funcional são aquelas identificadas como residenciais. Elas podem ser classificadas com subconjuntos residenciais, quando associadas a outras estruturas como pirâmides, “edifícios públicos” de maior volume ou praças quadradas ou circulares. Já as unidades residenciais são estruturas desvinculadas de outras edificações.

No sítio de Caral, por exemplo, Shady identificou cinco variantes:

Las evidencias de arquitectura residencial son muy desiguales en el uso de material, tecnología constructiva, tratamiento arquitectónico, etc. Se ha podido identificar cinco variantes en Caral: 1) casas de piedras asociadas a las pirámides; 2) casas de material orgánico ubicadas a cierta distancia de las pirámides principales, pero asociadas a éstas; 3) casas pequeñas de material orgánico ubicadas cerca de las pirámides pequeñas; 4) casas pequeñas de canto rodado en la periferia de la ciudad y 5) habitaciones aisladas de material orgánico asociadas a estructuras públicas (Shady; Leyva, 2003, p. 25).

Essas variações são identificadas por Shady sem levar em consideração o contexto temporal de ocupação, o que certamente seria possível apenas a partir de uma extensa

pesquisa. Como exemplo de um subconjunto residencial em Caral, apresento brevemente o argumento de Vizconde acerca do subsetor B5, intitulado “residência de elite”. Nele, o autor identificou mudanças construtivas, ao supor que o “grado de desarrollo social de los ocupantes del subsector B5 se reflejó en la segmentación interna de la unidad residencial desde las primeras fases” (Vizconde, 2019, p. 161). Esse subsetor, ligado ao Edifício Piramidal La Cantera, reflete “numerosos ambientes dentro de la edificación [que] indican funciones, también distintas, sobre todo porque sus dimensiones son variadas o existen elementos arquitectónicos disímiles” (Vizconde, 2019, p. 161).

Ocorreram mudanças significativas ao longo de vários períodos, refletindo alterações importantes em outros setores de Caral. “La residencia tuvo muchas fases arquitectónicas durante su ocupación. Fehacientemente se determinaron dieciocho. Además, se incrementó el número de recintos con el paso del tiempo” (Vizconde, 2019, p. 161). As estruturas iniciais foram construídas sobre um preenchimento de cascalho cobrindo uma rocha granodiorita, utilizada para materiais de construção. A técnica construtiva dos muros de *quincha*<sup>20</sup> foi substituída por pedras cortadas na fase 14, com o objetivo de aumentar a altura entre os períodos arquitetônicos e a proximidade do edifício piramidal La Cantera. Outros materiais com resíduos alimentares de espécie animal e vegetal queimados foram encontrados do lado externo, usados posteriormente para a nivelção de superfícies.

Segundo Vizconde, a proximidade ao edifício piramidal La Cantera e a necessidade de grandes quantidades de mão de obra para o preenchimento refletiam o alto *status* dos ocupantes do subsetor B5. O arqueólogo sugere que a segmentação interna da residência, desde as primeiras fases, indicava um alto grau de desenvolvimento social, com diversos ambientes de funções variadas e elementos arquitetônicos distintos. Ele também acrescenta que a residência tenha sido possivelmente habitada por uma família nuclear, com outras contíguas, formando um conjunto residencial sem conexões físicas diretas. E conclui que essa estrutura apresentava espaços interconectados com funções distintas (rituais, laborais e de ócio) (Vizconde, 2019).

Na “periferia” de Caral foram encontrados conjuntos residenciais e “edifícios públicos” agrupados em vários subconjuntos ou “ilhas”, “acondicionadas a la topografía del terreno y [que] están conformadas por recintos de diferentes dimensiones” (Shady, 2022, p. 27). Segundo Shady, nesses espaços se identifica uma variedade de atividades domésticas, laborais e rituais. “La ubicación y la menor formalidad y tamaño de las viviendas y sus

---

<sup>20</sup> Técnica construtiva que consiste em muros de armação vegetal, considerado um material leve (Vizconde, 2019).

habitaciones, se ha interpretado que ellas fueron ocupadas por individuos pertenecientes al estrato social más bajo del asentamiento, dedicado al trabajo agrícola” (Shady, 2022, p. 27).

Tanto os subconjuntos quanto as unidades residenciais são encontrados em todos os sítios, embora Lurihuasi chame a atenção pela quantidade de unidades, 12 ao total, variando de 6,25 m<sup>2</sup> a 225 m<sup>2</sup>.

## VI. Oficina de especialização artesanal

No extremo leste da parte baixa de Caral foram identificados três recintos quadrangulares amplos. Nos pisos, foram encontradas pequenas cavidades seladas com uma camada de argila, “que contenían cuentas de crisocola, cuarzo lechoso, cristal de roca, Spondylus y opérculos. Junto a ellas se encontraron desechos de talla así como herramientas de piedra y hueso”, o que leva a supor, segundo a arqueóloga, que “estos recintos eran usados como talleres de producción artesanal para el suministro de artículos suntuarios” (Shady, 2005, p. 110).

Em Áspero, “cidade” pesqueira, essas oficinas foram encontradas em unidades residenciais ligadas à manufatura de “collares de *Oliva peruviana*, *Polinices uber* y *Prunum curtum*” (Shady *et al.*, 2015, p. 20).

### 2.2.6 Sítios do Vale do Supe correlacionados a Caral

#### 2.2.6.1 Áspero

O Complexo Arqueológico de Áspero fica a 500 m do Oceano Pacífico, à margem direita do rio Supe, em um ambiente costeiro composto por colinas, terraços, dunas, zonas úmidas, campos de cultivo e uma praia. Ocupa 18,75 hectares de área construída (Shady *et al.*, 2015).

Áspero foi escavado primeiramente por Robert Feldman em 1973 e 1974. Em suas escavações, ele observou um padrão complexo de salas e pisos reconstruídos dentro das estruturas, tendo descrito duas delas como Huaca de los Ídolos e Huaca de los Sacrificios. Ambas se distinguem por exibir recintos para rituais em suas plataformas superiores (Feldman, 1980). Na Huaca de los Sacrificios, encontrou enterramentos humanos, incluindo o esqueleto de duas crianças. As amostras por Carbono-14 dessa estrutura variaram entre 2930 e 2553 AEC. Já a Huaca de los Ídolos leva esse nome porque o arqueólogo encontrou cerca de

15 estatuetas modeladas em argila, sendo que algumas foram encontradas sob o chão ou estavam dentro de cestas e folhas de chira, indicando que eram parte de uma oferenda. A datação da estrutura varia entre 3055 e 2558 AEC (Feldman, 1980, p. 246).

Ao analisar a arquitetura das *Huacas* no local, Feldman argumenta que suas reconstruções não foram motivadas pela deterioração do nível anterior, pois se tratavam de demonstrações visíveis de autoridade destinadas a consolidar e legitimar o poder da entidade corporativa central (uma organização ou um grupo com autoridade que coordenou o projeto de construção). Além disso, ele interpreta que ocorreu um trabalho corporativo, constituído por grupos de trabalhadores que operavam sob a autoridade de um órgão competente para realizar um propósito específico e que colaboravam de forma integrada e coordenada. Ao analisar a disposição arquitetônica das *Huacas* e seus acessos, sugere que diferentes grupos de pessoas tinham acesso a diferentes espaços cerimoniais: espaços abertos para rituais públicos e salas internas para rituais fechados para um pequeno grupo. Essa configuração da estrutura dos templos sugere uma divisão entre os rituais públicos e aqueles realizados nas salas internas dos templos, refletindo diferenças sociais. Com isso, conclui que “os dados provenientes de sítios costeiros como Áspero documentam claramente a presença de chefias com hierarquia intrassocietária e evidenciam a mobilização de mão de obra para a construção de monumentos” (Feldman, 1987 *apud* Haas, 1987, p. 10, tradução nossa).

Feldman ainda compara locais costeiros como Áspero, que evidenciam uma ocupação residencial extensa e intensiva, com locais mais interioranos, como Piedra Parada e El Paraíso, que provavelmente se deslocaram para aproveitar terras agrícolas após o início da irrigação. Menciona também que, nas terras altas, o complexo de templos era menor, mais simples e disperso, sugerindo um desenvolvimento social menos intrincado. Para ele, o desenvolvimento das sociedades pré-cerâmicas costeiras forneceu a base para o rápido desenvolvimento dos sistemas políticos costeiros durante o período Inicial e o horizonte Inicial subsequente (Feldman, 1987 *apud* Haas, 1987).

Após a investigação de Feldman, o sítio de Áspero foi abandonado, tornando-se um local de depósito de lixo. Em 2005, com o projeto especial arqueológico Caral-Supe (PEACS), foi assinado um acordo de cooperação interinstitucional com o município de Supe, que forneceu máquinas para auxiliar na remoção de cerca de oito mil toneladas de lixo, acumulado no local por quase 30 anos. No início de 2006, foi possível iniciar os trabalhos de pesquisa, conservação e valorização do sítio arqueológico (Shady *et al.*, 2015).

Em 2009, após quatro anos de trabalho, a posição social diferenciada e as atividades especializadas da população de Áspero puderam ser inferidas a partir dos materiais

recuperados nos 22 setores da cidade. Trata-se de sete edifícios piramidais escalonados, que teriam sido administrados pela classe dominante e utilizados para atividades sociais, administrativas e ritualísticas, dentre os quais se destacam a Huaca Alta, a Huaca de los Ídolos e a Huaca de los Sacrificios. No sítio, também, foram identificadas construções residenciais da elite e outras de menor porte (Shady *et al.*, 2015).

Esses resultados sustentam a ideia de que Áspero era uma instalação complementar a Caral e que fornecia importantes recursos marinhos à sua população e aos habitantes do Vale do Supe, durante o Formativo Inicial (Shady *et al.*, 2015).

#### 2.2.6.2 Piedra Parada

Localizada à margem esquerda do rio Supe, na seção baixa do Vale do Supe, Piedra Parada tem 37,54 hectares construídos sobre promontórios rochosos da cordilheira andina, de pouca altura e cobertos de dunas, conhecidos como Tutuma. Desde o local é possível acessar o rio, um monte ribeirinho, pântanos com totora e junco, solos arenosos, campos de cultivo e uma praia a 2,63 km (Shady *et al.*, 2022).

O sítio, formado por edifícios de arquitetura estendida e conjuntos residenciais com as características do Formativo Temprano, teria sido o principal assentamento da seção baixa do Vale do Supe (Shady *et al.*, 2022).

#### 2.2.6.3 El Molino

Localizado à margem direita do rio Supe, na seção baixa do Vale do Supe, El Molino foi construído “sobre una planície formada por depósitos provenientes de esse río” (Shady *et al.*, 2022, p. 223). Com um total de 7,57 hectares de área construída, apresenta indícios de residências baixas a partir do Formativo Temprano (Shady *et al.*, 2022). No entanto, outros edifícios têm desenhos arquitetônicos, estilo e técnicas construtivas semelhantes aos de assentamentos contemporâneos, como os de Vichama, no vale de Huaura, e de Piedra Parada, no Vale do Supe (Vizconde, 2019).

Um aspecto que chama a atenção no local é a sequência de modificação dos edifícios, pois, em algum “momento determinado, destruyeron los recintos de una ocupación previa y encima construyeron edificios de mayor volumen, con técnicas constructivas, diseño arquitectónico, e incluso orientaciones diferentes a las anteriores” (Shady *et al.*, 2022, p. 225). Outro aspecto observado é que El Molino, ao contrário de outras edificações do período

Formativo Temprano, “como Miraya y Era de Pando, no tuvo una ocupación previa” (Shady *et al.*, 2022, p. 230). No local, restam apenas alguns edifícios arqueológicos entre as casas e os campos de cultivo atuais, já que o sítio foi afetado pela instalação de antigas fazendas, por uma cooperativa agrária e pelas casas modernas construídas no atual centro urbano de mesmo nome (Shady *et al.*, 2022).

As interpretações em relação ao assentamento de Caral estão relacionadas às “funciones de sus ocupantes” que “habrían estado relacionadas con su articulación a la red socioeconómica de intercambio de recursos entre el litoral y sitios del valle” (Shady *et al.*, 2022, p. 230).

#### 2.2.6.4 Era de Pando

Com aproximadamente 57,93 hectares de área construída, Era de Pando está localizado à direita do rio Supe, na seção baixa do Vale do Supe, a 13 km do litoral. “La quebrada está conformada por terrazas geológicas de formación coluvial y una extensa llanura con escorrentías de diferentes dimensiones de los cerros Taro y Orqueta. Es una vía natural de conexión con el valle de Pativilca y la microcuenca Tayta Laynes” (Shady *et al.*, 2022, p. 233).

No local, foram identificados dois períodos de ocupação. O primeiro corresponde ao período Formativo Inicial, com 48 edifícios, dentre os quais se encontram grandes edifícios públicos piramidais escalonados, praças circulares afundadas inscritas em uma plataforma quadrangular, edifícios públicos menores e conjuntos residenciais. No Formativo Temprano, por sua vez, foram construídos edifícios menores sobre os anteriores localizados em uma zona periférica (Shady *et al.*, 2022; Vizconde, 2019). Nesse período “se observa la aplicación de nuevos estilos constructivos, y la elaboración de esculturas de estilos diferentes de Caral, pintadas, de arcilla no cocida; ambos relacionados con la cultura Vichama de Végueta” (Shady *et al.*, 2022, p. 250).

Interpreta-se que Era de Pando teria se integrado ao “sistema social y político de la civilización Caral particularmente en el período Tardío cuando se intensificaron las relaciones entre las poblaciones del valle de Supe, Pativilca y Fortaleza” (Shady *et al.*, 2022, p. 250). Infere-se também que o sítio teria assumido uma função importante ao final do Formativo Inicial em decorrência da queda de “la productividad de los campos de cultivo en el interior del valle de Supe” e da “ubicación estratégica de este asentamiento” (Shady *et al.*, 2022, p. 250).

#### 2.2.6.5 Pueblo Nuevo

Localizado em frente ao assentamento de Lurihuasi, à margem direita do rio Supe e sobre um terraço elevado, Pueblo Nuevo tem uma extensão de 23,49 hectares. Conta com edifícios públicos piramidais escalonados com praças circulares afundadas e um edifício cuja arquitetura foi adaptada a um morro, visível desde os demais sítios situados à margem esquerda do vale:

Se ha planteado que debió darse un crecimiento acelerado del asentamiento en determinado periodo de la Civilización Caral, posiblemente alrededor de los 2400 años a. C., como resultado de la intensa dinámica socioeconómica generada en la Zona Capital Caral (Shady *et al.*, 2022, p. 185).

Interpreta-se que a relação de Pueblo Nuevo com Caral se assenta no sistema político e econômico e na arquitetura monumental. Para Shady *et al.*, Pueblo Nuevo formou “parte de los centros urbanos que fueron erigidos en la Zona Capital del valle de Supe a partir del Periodo Medio. Sus autoridades y pobladores debieron participar del sistema político, conducido por las autoridades centralizadas de la Ciudad Sagrada de Caral” (Shady *et al.*, 2022, p. 199).

Assim como Caral, sua localização parece bastante estratégica, principalmente no que se refere à possibilidade de “visualizar el valle hacia el litoral y la zona capital” e onde seus habitantes “participaron en la red económica de intercambio valle-litoral e interregional. Dispusieron de excedentes productivos para erigir edificios públicos, siguiendo el modelo arquitectónico de la Civilización Caral” (Shady *et al.*, 2022, p. 199).

#### 2.2.6.6 Lurihuasi

Lurihuasi se encontra à margem esquerda da seção média baixa do Vale do Supe, a 2 km a noroeste de Caral. O terreno construído apresenta uma inclinação acentuada, enquanto seu solo é aluvial. Com 38 hectares, é constituído por uma série de montículos ordenados em formato circular, que rodeiam um espaço central. Contém edifícios públicos piramidais de diferentes dimensões e desenhos arquitetônicos. A altura das pirâmides escalonadas do local foi alcançada por meio de *shicras* e, ao contrário de Caral, as pedras usadas nas “bolsas” e nas edificações não contavam com canteiros (Vizconde, 2019, p. 33).

Destaca-se uma grande pirâmide com esquinas curvadas em uma de suas fases arquitetônicas. Segundo Vizconde, a presença dos átrios (banquetas ou plataformas que rodeiam um fogão central) também é comum, mas seu crescimento é distinto, como se

observa no setor ou pirâmide E, onde as plataformas foram aumentadas de tamanho mediante um complexo sistema de superposição. No sítio, chama a atenção também a quantidade de unidades residenciais, 12 ao total, que variam de 6,25 m<sup>2</sup> a 225 m<sup>2</sup>, e um grande sistema de armazenagem (Vizconde, 2019, p. 33).

De Lurihuasi, um caminho conectava os habitantes dessa parte do vale à seção baixa do vale de Huaura.

#### 2.2.6.7 Miraya

Localizado a 2,2 km a noroeste de Caral e a 1,5 km a oeste de Chupacigarro, também à margem esquerda do rio Supe, Miraya foi construída sobre terraços aluviais na encosta norte do Cerro Miraya, de quem recebeu o nome, estando cercada por uma cadeia de montanhas. É formada por conjuntos arquitetônicos ajustados à topografia do terreno, datados dos períodos Formativo Inicial e Formativo Temprano. Evidências de arquitetura de outros períodos também foram encontradas no local, como geoglifos, nas encostas do Cerro Miraya, e construções isoladas, no cume das montanhas (Shady, 2022).

Segundo Vizconde, recentes investigações no âmbito do Projeto Caral em Lurihuasi e Miraya indicam um padrão arquitetônico compartilhado com Caral durante o período Formativo Inicial, incluindo edifícios piramidais escalonados e outras estruturas (Vizconde, 2019). Após um período de abandono, foi reocupada e transformada, o que parece ter ocorrido durante o Formativo Temprano. Nesse período, foram construídos novos edifícios piramidais escalonados, mas menores em relação aos do período anterior, e cujas fachadas eram orientadas para um espaço central comum. A tecnologia construtiva e o estilo arquitetônico desse período eram semelhantes aos de Vichama e Piedra Parada, utilizando camadas horizontais de pedras cortadas e seixos, com alguns muros decorados com frisos em relevo (Shady, 2022).

As evidências sugerem que as atividades econômicas em Miraya ocorreram em todos os ambientes ecológicos vizinhos, seja por meio do cultivo de algodão, abóbora e feijão, seja pelo comércio de peixes e moluscos do litoral, já que, “a través del comercio de larga distancia obtuvieron *Spondylus sp.*, animales y minerales de otras regiones” (Shady, 2022, p. 118). A população também extraía produtos do rio, de matas ribeirinhas e colinas, não só para a alimentação, mas também para a saúde e a construção.

Durante o Formativo Inicial, era visível do vale e de outros centros urbanos da Zona Capital, embora essa visibilidade tenha sido reduzida no Formativo Temprano, exceto em

relação ao sítio de Allpacoto. Assim como a de Caral, a população de Miraya caracterizou-se por uma economia mista e complementar, agrícola e pesqueira. Segundo Shady, a ideologia compartilhada com outros centros urbanos se evidencia no *design* arquitetônico dos edifícios públicos piramidais, com seus salões cerimoniais e recintos de acesso restrito no topo, e pelos símbolos de poder político transmitidos por meio de impressionantes fachadas e praças circulares afundadas com enormes pedras.

De acordo com Vizconde, algo que chama a atenção em Miraya são os diferentes tipos de adobe usados na construção de vários muros. Além das praças circulares, o sítio compartilha com Caral a presença de paredes de postes, armação vegetal e barro nas fases arquitetônicas mais antigas dos grandes edifícios que, ao se estenderem, cobriram estruturas de *quincha*, possivelmente residências (Vizconde, 2019, p. 33-34).

Suas edificações também foram distribuídas conforme o modelo de organização sociopolítica dual, que dividia o espaço em partes alta e baixa, com conjuntos de edifícios ao redor de um espaço público comum. Ambas as cidades, Miraya e Caral, apresentavam práticas religiosas similares e esculturas de argila usadas como oferenda. As pequenas esculturas de argila não cozida, próprias dessa cultura, foram brindadas durante as remodelações arquitetônicas, persistindo no Formativo Temprano com esculturas policromadas, de estilo Vichama (Shady, 2022).

#### 2.2.6.8 Cerro Colorado

Situado à margem direita do rio Supe, na seção média do Vale do Supe, Cerro Colorado “está ubicado estratégicamente en el espacio de control de un camino intercuenca” (Shady *et al.*, 2022, p. 17). Conta com uma extensão de 22,75 hectares e com estruturas piramidais, incluindo uma pirâmide com praça circular afundada e espaços com edifícios residenciais. Trata-se de um sítio ainda sem estudos sistemáticos, de modo que as poucas informações são provenientes da prospecção do PEAC.

#### 2.2.6.9 Chupacigarro

Com uma área de 38,59 hectares, Chupacigarro se encontra à margem esquerda do rio Supe e a 1 km a oeste de Caral. É composto por uma pirâmide baixa e uma praça circular, com um átrio no topo do edifício, além de outras estruturas quadradas distribuídas sobre terraços geológicos. Conta também com subconjuntos de unidades residenciais na periferia,

situados ao redor de um grande espaço central. Possivelmente, quase a metade do assentamento arqueológico foi destruída (Shady *et al.*, 2022).

Segundo Machacuay, atualmente o sítio parece desvinculado de Caral, mas é possível que tenha sido sua continuidade (Machacuay, 2008). Isso porque se acredita que “estuvo integrado en la zona capital do valle del Supe y [que] habría estado muy vinculado con las autoridades de la Ciudad de Caral” (Shady *et al.*, 2022, p.79). A maioria dos edifícios apresenta evidências de atividades cerimoniais, sendo que alguns funcionavam provavelmente como oficinas para a elaboração de objetos de culto. O edifício principal apresenta uma decoração em relevo com o desenho da cruz andina e dois monólitos ladeando as escadas na praça circular, assim como no Templo Maior em Caral. “Sin embargo, no hubo Edificios Públicos Piramidales Menores elevados ni el asentamiento no era visible del valle. Además, tiene una arquitectura análoga a la Mitad Baja de la Ciudad Sagrada de Caral” (Shady *et al.*, 2022, p. 79).

#### 2.2.6.10 Allpacoto

Allpacoto ocupa um espaço de 18,57 hectares de área construída, e se encontra à margem direita do rio Supe, na seção média do Vale do Supe. O sítio tem uma longa ocupação permanente que se estende do Formativo Inicial, passando pelo Formativo Temprano até o Formativo Médio. E participa, segundo Shady *et al.*, do “proceso de formación de la Civilización Caral y de los cambios que se dieron a través del tiempo” (2022, p. 17), tendo sido posteriormente ocupado por outros povos até o Intermediário Tardio.

O *design* urbano das estruturas e as tecnologias construtivas diferem em cada período do Formativo. Destacam-se edifícios públicos piramidais “y conjunto residenciales de arquitectura altamente formalizada, dispuesta alrededor de espacios cuadrangulares” (Shady *et al.*, 2022, p. 180). Alguns deles contam com uma praça circular afundada e um conjunto residencial associado ou não a pirâmides.

Quanto aos aspectos econômicos, a população de Allpacoto cultivava uma variedade de espécies vegetais “como guayaba, maní, achira, algodón, mate, pacay, lúcuma, frejol, ají, paguro y ciruela del fraile, entre otros” (Shady *et al.*, 2022, p. 180), e produzia excedentes destinados à alimentação e ao intercâmbio com sociedades do litoral. E também contava com recursos provenientes das lomas e do rio Supe. Através das trocas, obtinha produtos do litoral, como peixes e moluscos, o que indica uma rede ativa com outras regiões, incluindo, possivelmente, Caral (Shady *et al.*, 2022).

Segundo a interpretação de Shady *et al.*, durante o Formativo Inicial, Allpacoto estaria integrado ao sistema social maior do Vale do Supe, “que tenía como eje organizador el Estado central, asentado en la Ciudad Sagrada de Caral” (Shady *et al.*, 2022, p. 181). Mesmo durante as crises no Formativo Temprano, o local continuou sendo habitado, tornando-se um dos centros urbanos mais importantes da região, o que indica sua relevância dentro do sistema maior influenciado por Caral.

#### 2.2.6.11 Llaqta

Localizado a nordeste do atual povoado de Caral, à margem direita do rio Supe, tem uma extensão de 12 hectares. Suas edificações, agrupadas ao redor de um promontório rochoso do Cerro Las Minas, ainda não foram escavadas. “En el lugar se pueden reconocer muros de terrazas de piedra con las cuales acondicionaron el relieve natural del terreno para edificar edificios públicos menores y, posiblemente, unidades residenciales” (Shady, 2022, p. 17).

### 2.2.7 Cultura material

O estudo da cultura material no Vale do Supe é fundamental para a compreensão das sociedades antigas como Caral. Embora as estruturas monumentais tenham recebido a maior parte da atenção dos arqueólogos, outros vestígios, como restos de fauna e flora, peças de artesanato, adornos, enterramentos etc., também são importantes na construção de hipóteses sobre a organização social, as práticas cotidianas e as crenças cosmológicas dessa sociedade.

A investigação desses vestígios revela um panorama rico e diversificado, que abrange desde as técnicas construtivas empregadas nas grandes pirâmides e praças até os instrumentos musicais e as estatuetas de barro. A análise detalhada desses elementos permite inferir aspectos importantes sobre a vida dos habitantes da região, suas interações econômicas e culturais, além das simbologias que permeavam seu cotidiano.

Nesta seção será explorada a cultura material do Vale do Supe, destacando as técnicas arquitetônicas e construtivas, os objetos de uso cotidiano, os instrumentos musicais, os artefatos de adorno e as evidências de práticas agrícolas e rituais. O objetivo é oferecer uma visão geral e integrada da sociedade Caral, demonstrando como esses diversos elementos contribuem para uma melhor compreensão das sociedades antigas.

Sobre a arquitetura monumental, as escavações revelaram grandes estruturas piramidais, praças afundadas e plataformas que compartilham características em comum com os demais sítios arqueológicos. As pedras mais utilizadas na construção dos blocos líticos, pilares e muros foram o granodiorito, o andesito e o diorito. Ademais, era comum o uso de seixos de rio, principalmente na técnica construtiva das *shicras*, que são os sacos de fibras vegetais (*Cortaderia sp.*), caules (*Gynerium sagittatum*) e juncos (*Shoenoplectus sp.*). Esses sacos eram usados para transportar pedras que compunham parte importante do preenchimento das estruturas de grande porte (Espinoza, 2004; Shady *et al.*, 2022).

A arquitetura mais simples envolvia a construção de paredes de adobe feitas de materiais botânicos, como a cana-brava (*Gynerium sagittatum*) coberta de lama. Eram utilizados também postes de madeira de espécies como o guarango e o salgueiro (*Salix humboldtiana*) para sustentar paredes (Espinoza, 2004; Vizconde, 2004). Já as ferramentas usadas na construção eram feitas de pedra, ossos, madeira e cabaça, incluindo facas, raspadores e perfuradores.

As *shicras* nem sempre tinham uma função exclusivamente arquitetônica, pois, em alguns contextos, desempenhavam um papel econômico, quando utilizadas para o transporte de alimentos ou material construtivo, ou simbólico, quando associadas ao enterramento de pessoas ou edifícios. Em um contexto simbólico, “cada una de ellas habría sido la ofrenda de un individuo en particular y, en conjunto, indicaría la importancia del recinto donde fueron colocadas, el cual presenta un fogón formal y circular” (Vizconde, 2019, p. 160).

Os objetos de uso doméstico mais comuns incluíam peças como potes, tigelas de cabaça ou “pratos” de pedra. Além disso, foram encontradas evidências de cestaria, tecidos e redes de pesca, assim como agulhas feitas de ossos e madeira, sugerindo habilidades de tecelagem e processamento de fibras vegetais. Já os instrumentos de pesca, como anzóis e pesos de redes, eram mais comuns em locais com acesso ao mar (Shady, 2014).

Os restos macro e microbotânicos recuperados principalmente em Áspero e Caral sugerem práticas antigas de cultivo e consumo de diversas espécies de plantas no Vale do Supe. Dentre elas, encontram-se a goiaba (*Psidium guajava*), a abóbora (*Cucurbita sp.*), a achira (*Canna indica*), a batata doce (*Ipomoea batatas*), a batata (*Solanum tuberosum*), a oca (*Oxalis tuberosa*), o feijão (*Phaseolus vulgaris*), o feijão-fava (*Phaseolus lunatus*), a pimenta malagueta (*Capsicum sp.*), o pacay (*Inga feuillei*), a lúcuma (*Pouteria lucuma*), o abacate (*Persea americana*), o guanabano (*Annona muricata*), o mate (*Lagenaria siceraria*) e o milho (*Zea mays*) (Shady; Haas; Creamer, 2001; Shady; Leyva, 2003; Pezo-Lanfranco *et al.*, 2022; Ysek *et al.*, 2023). Em relação ao milho, Shady relata que “el maíz (*Zea mays*) aparece

solo en el Período Tardío y en escasa cantidad. Como cereal no fue relevante en la alimentación de la población costeña en esta etapa del proceso cultural” (Shady, 2014, p. 82).

Nos sítios do interior, como Caral, Lahiruasi e Alcapoto, foram encontradas também folhas e sementes de algodão (*Gossypium barbadense*) (Shady *et al.*, 2022). A proteína marinha também predomina nas amostras, pois em Caral, por exemplo, as anchovetas (*Engraulis ringens*), as sardinhas (*Sardinops sagax*), as machas (*Mesodesma donacium*) e os choros (*Choromytilus chorus*) faziam parte da dieta de sua população “a través de los mil años de ocupación del sitio” (Shady, 2014, p. 82).

Os vestígios de fauna e flora favoreceram a hipótese de que a especialização ocupacional e a produtividade dos agricultores do vale e dos pescadores do litoral fomentaram um intenso e permanente intercâmbio econômico, beneficiando as autoridades locais:

Los agricultores del valle producían plantas para su alimentación, vestido (algodón), uso culinario (mates), uso industrial (redes), entre otros, y colectaban cañas y maderos. En cambio, los asentamientos de pescadores del litoral extraían preferentemente anchovetas y sardinas que salaban y deshidrataban sobre los cerros, además de moluscos y algas, entre otros. [...] por un lado, de algodón, mates y madera de parte de los pescadores para la confección de sus redes de pescar, flotadores, embarcaciones y remos; y, por otro lado, el requerimiento del recurso marino de parte de los agricultores para su consumo e intercambio interregional. Ambas necesidades de complementación fomentaron un intenso y permanente intercambio entre pescadores y agricultores (Shady, 2014, p. 82).

O intercâmbio entre lugares distantes pode ser inferido também a partir de vestígios de minerais e pedras semipreciosas, como a crisocola, o jaspe, o antracito, a opala e o *Spondylus princeps* para a confecção de adornos, como colares e pulseiras. Segundo Shady, “el intercambio se extendió, también, a sociedades de lugares distantes, como la costa del extremo norte del país o Ecuador, para la adquisición del preciado *Spondylus princeps*, con el cual manufacturaron objetos de valor simbólico, de gran prestigio” (Shady, 2014, p. 85).

Nas escavações também foram encontrados instrumentos musicais, como os 32 instrumentos depositados, acredita-se, como oferendas, sob o piso da praça circular da Pirâmide do Anfiteatro em Caral. Eles foram cobertos por areia e depositados sobre uma pedra lapidada e rodeados por seixos, pedras cortadas e uma estatueta antropomorfa de barro cru. A estatueta estava em péssimo estado de conservação, sem rosto e esfarelado ao toque (Shady; Leyva, 2003). Esses achados foram classificados como flautas tubulares horizontais ou transversais, feitos com ossos de asas de pelicano (Leyva, 1999 *apud* Shady; Leyva, 2003).

Las flautas fueron depositadas siguiendo un determinado orden. Estuvieron estratificadas de acuerdo con las figuras incisas que decoran su superficie. Las primeras en aparecer fueron las flautas decoradas con monos y caras humanas, luego

las aves y, finalmente, aparecieron las flautas sin decoración (llanas). (Shady; Leyva, 2003, p. 293-294).

Em outro setor da mesma pirâmide, foi encontrado um conjunto adicional de 38 instrumentos de sopro, “probablemente cornetas, manufacturado con huesos de camélidos y venados” (Shady; Leyva, 2003, p. 339). Esses instrumentos não apresentam embocadura no tubo e sua superfície é decorada com canais horizontais.

Outro vestígio, ainda pouco estudado, mas de grande importância na interpretação social, cultural e política da sociedade Supe, são as estatuetas de barro cru, que foram encontradas inteiras ou fragmentadas. As fragmentadas aparecem em vários contextos, como nos enterramentos, ao lado de outros objetos rituais ou no solo dos sítios arqueológicos. Algumas parecem propositalmente quebradas, talvez como parte de um ritual (Shady *et al.*, 2003).

Nas escavações no sítio de Áspero, realizadas por Feldman entre 1974 e 1976, foram encontradas dezenas de estatuetas fragmentadas em contextos de enterramento, que ele interpretou como enterros simbólicos (Feldman, 1980). Dez dessas estatuetas antropomorfas, por exemplo, estavam sob o piso de uma das antessalas, depositadas em um buraco, juntamente com cestos e folhas de cana do brejo (*Canna edulis*). Feldman associou essa oferta à remodelação desse recinto, que consistiu na construção de um novo piso, sendo que a oferta foi depositada no preenchimento dele (Feldman, 1980).

Essa sugestão é corroborada por outros contextos andinos, em que várias estatuetas “pertenecientes al Periodo Inicial también fueron halladas en Kotosh (Fung, 1982) y en Bandurria (Fung, 1989). ‘Otros ejemplos más sencillos provienen de Río Seco de León, El Paraíso y Chilca’ (Kaulicke, 1994)” (Vizconde, 2019, p. 121).

Contudo, o significado e a função das estatuetas nos sítios associados à sociedade Caral ainda estão em análise. Segundo Vizconde, a quantidade significativa de estatuetas encontradas permite diferenciar entre gêneros e identificar características humanas distintivas, como olhos e bocas representados por linhas incisivas e narizes sugeridos por pequenos furos. Isso contrasta com as figuras fálicas encontradas em Kotosh, mencionadas por Kaulicke, que apresentam um simbolismo diferente (Vizconde, 2019). A maioria das estatuetas em Caral:

tiene como ojos una línea incisa al igual que la boca, y la nariz se esboza ligeramente mediante dos pequeños agujeros. Otra particularidad significativa es el esmerado tocado que ostentan en la cabeza. Muchas veces reflejan peinados, gorros o la combinación de ambos, en menor medida poseen prendas como vestidos o taparabos. Estilísticamente están más relacionadas con las de Áspero, con sus turbantes y collares (Vizconde, 2019, p. 122).

No contexto das oferendas, foi encontrado no sítio de Miraya um par de estatuetas que, segundo Shady *et al.*, “se diferencian en estilo de las anteriores por ser más realistas, en los gestos, así como en los detalles de los atuendos, y en la aplicación de pintura facial” (2022, p. 117). Essas estatuetas mais “realistas” são policromadas e retratam uma mulher e um homem. A figura masculina está nua e agachada, com um colar, protetores de orelha vermelhos e uma tiara tricolor. Ela apresenta expressões faciais detalhadas e um semblante amedrontado ao olhar para a figura feminina. A estatueta feminina tem longos cabelos pretos com franjas vermelhas, vestida com um manto vermelho e uma túnica com listras pretas e brancas. Sua expressão é severa, e ela parece estar de pé, com as mãos no peito. Ambas utilizam incisões e perfurações para destacar características faciais e detalhes de vestimenta. Shady interpreta que o casal possivelmente represente uma dupla de governantes, sendo que a figura feminina seria uma sacerdotisa. Esse par de estatuetas mais estilizado, encontrado em Miraya, corresponde ao Formativo Temprano, embora também tenham sido achadas estatuetas com formatos semelhantes, embora menos aprimoradas (Shady *et al.*, 2022).

Em outro sítio, denominado Vichama (fora do Vale do Supe), destaca-se um trio de estatuetas antropomorfas enterradas em uma das estruturas piramidais. A maior, com cerca de 21 cm, corresponde a uma mulher com 28 dedos nas mãos e nos pés, que parece representar uma xamã ou sacerdotisa. Seu rosto é decorado com pontos vermelhos e seu cabelo é longo e preto, com uma franja vermelha. A outra estatueta é de um homem sentado, cujos cabelos e partes do corpo são pintados de dourado, enquanto seu rosto é branco. A terceira estatueta corresponde a uma mulher agachada, com lábios pintados de preto e cabelos ruivos, com franjas laterais (Shady *et al.*, 2019). Além dessas estatuetas, também se destacam outras que representam mulheres amamentando ou segurando uma criança, ou então, cabeças antropomorfas e estatuetas zoomorfas.

Para Vizconde, a presença delas em certos contextos arquitetônicos levanta questões acerca de seu papel simbólico. É possível que representem oferendas simbólicas ou que substituam enterros reais. Citando Walker (1995), Vizconde sugere que “es posible aseverar que cuando estuvieron enteras hubiesen desempeñado funciones relacionadas a rituales y una vez que se rompieron, quizás por accidente o frecuente uso, se convirtieron en basura ritual o ceremonial” (Walker, 1995 *apud* Vizconde, 2019, p. 122). Essa prática de descarte ritual após a quebra pode indicar o término de seu uso ritualístico ativo. Contudo, conforme já mencionado, ainda resta uma ampla pesquisa sobre esses vestígios.

Os enterramentos também são um aspecto importante da cultura material. O

tratamento dado a um enterro ou a um corpo pode inferir sobre a diferenciação social dentro de uma sociedade. No entanto, devido à rápida decomposição, poucos foram preservados das intempéries. Em Caral foram encontrados poucos enterramentos, enquanto em Áspero foram descobertos vários.

Em 2006, na Huaca de los Ídolos em Áspero, na mesma estrutura onde foram encontradas as estatuetas estudadas por Feldman, foi descoberto o enterro de uma mulher entre 40 e 50 anos de idade. Considerada uma descoberta valiosa, foi nomeada como “La Dama de los Cuatro Tupus”, tendo sido:

[...] enterrada con un complejo ajuar funerario que comprendía un collar con 460 cuentas, tanto circulares como tubulares, elaboradas con conchas de moluscos, además de un dije o colgante hecho de *Spondylus*, y cuatro magníficos tupus o prendedores de hueso (de allí el nombre) elaborados en huesos, que representan aves y monos aulladores, estos últimos propios de la selva. El hallazgo reafirmó la hipótesis surgida tras el hallazgo de la Dama de Cao, las mujeres también ejercieron importantes cargos de poder social o poseían un alto estatus en el antiguo Perú (Gob.pe, 2022, p. 1).

A importância desse enterramento e das estatuetas femininas reside no fato de representarem o papel da mulher em Caral. Shady e sua equipe levantam a hipótese de que a essa sociedade se organizava a partir de uma complementariedade de gênero: “La relación de género en la sociedad de Caral y Vichama fue significativa. Mujeres y hombres desarrollaron sus actividades complementarias en los ámbitos familiares, económicos, sociales y políticos” (Shady *et al.*, 2019, p. 44).

Outros enterramentos incluem crianças, jovens, homens e mulheres. Os de pessoas com menor *status* social estão associados à simplicidade dos sepultamentos, geralmente com o corpo envolto em uma simples treliça e um objeto que possivelmente simbolizava sua profissão, como agulhas, redes de pesca ou conchas. Já os enterramentos de maior *status* estão relacionados a corpos envolvidos em duas ou três treliças, acompanhados por fragmentos de tecido, adornos de pedras semipreciosas ou *Spondylus* (Shady *et al.* 2015).

Alguns enterros de crianças têm sido associados a rituais de sacrifício, porém, assim como os demais, necessitam de mais estudos para sua comprovação.

De modo geral, é importante destacar que as hipóteses são desenvolvidas a partir do conhecimento geral que a equipe PEACS<sup>21</sup> produz em relação direta com as escavações, a

---

<sup>21</sup> O Projeto Arqueológico Caral Supe (PEACS) é uma instituição estatal peruana que realiza escavações arqueológicas no Vale do Supe e na Cidade Sagrada de Caral desde 2001. O trabalho de pesquisa é realizado de forma permanente graças ao financiamento estatal e ao apoio de administrações locais. É formado por uma equipe multidisciplinar de profissionais, responsável por preservar o acervo arqueológico da região. Desenvolve

etnografia e a história andina. No entanto, o estudo dessas estatuetas ainda não foi realizado de forma sistemática.

---

também um programa sustentável integrado às comunidades locais para preservar o ambiente e a paisagem natural. É formulado por meio de um Plano Diretor reconhecido pelo Estado peruano.

### 3 ANÁLISE DAS IMPLICAÇÕES TEÓRICAS SOBRE OS SÍTIOS DO VALE DO SUPE

#### 3.1 ARGUMENTAÇÕES E CONTRA-ARGUMENTAÇÕES

Shady defende que os sítios arqueológicos do Vale do Supe, durante o período do Formativo Inicial, desempenharam um papel fundamental no desenvolvimento inicial da complexificação social nos Andes Centrais, sendo Caral o centro urbano e sagrado do primeiro Estado andino. Em suas análises, a existência de Caral como uma “zona capital” é referenciada a partir de dados arqueológicos que apresentam a hierarquia dos assentamentos com base na distribuição geográfica, no tamanho dos sítios, no investimento em arquitetura monumental e no acesso a rotas estratégicas de comunicação (vide Figura 5). De modo geral, sua narrativa se articula de acordo com evidências arqueológicas, etnohistóricas e comparativas (Shady, 1997, 1999, 2005, 2006a, 2006b, 2014; Shady *et al.*, 2000; Shady; Leyva, 2003).

Shady elabora seu modelo interpretativo fundamentando-se em: a) rotas de comunicação; b) paisagem e manejo do espaço: padrão de distribuição dos sítios, diferenciação em termos de extensão e volume de construção; e c) relevância da chamada zona capital.

a) Rotas de comunicação: a área Centro-Norte do Peru, onde o vale está localizado, é geograficamente diversa, pois se estende da costa do Oceano Pacífico até a Cordilheira dos Andes e os vales que conduzem à Amazônia. Essa diversidade geográfica e climática teria influenciado profundamente a organização e a interação das populações locais, fomentando assentamentos em diversos locais e a troca de produtos entre as regiões. Shady ressalta que as vias naturais de trânsito, como a meseta andina, o mar e os rios amazônicos, facilitavam a comunicação e a troca de produtos entre as diversas zonas. O Vale do Supe ocupava “una posición estratégica para la comunicación, con una serie de vías de tránsito que permite un rápido y fácil acceso a las sierras del Callejón de Huaylas, Conchucos y a los valles del Marañón y Huallaga, en la cuenca amazónica” (Shady *et al.*, 2000a, p. 15).

As rotas de acesso teriam impulsionado a troca de bens e a interação cultural entre os vales, fomentando a transformação das estruturas sociais e políticas das sociedades andinas. A posição estratégica do Vale do Supe, que “ha sido utilizada tradicionalmente y hasta el presente para conectar regiones de costa, sierra o selva del país y tener acceso a una



culturalmente integrada, conhecida como a “Área Norcentral” (Shady, 1997, 1999, 2005, 2006a, 2006b, 2014; Shady *et al.*, 2000; Shady; Leyva, 2003; Vizconde, 2004).

A arqueóloga peruana defende que a interação interregional entre as diferentes culturas costeiras, serranas e amazônicas beneficiou particularmente a sociedade Caral. Para tanto, cita como evidência a cultura material encontrada nos sítios do Vale do Supe, como o *Spondylus*, o algodão, a pesca e os restos botânicos. Já a datação por Carbono-14 demonstra a antiguidade desse processo, sugerindo que foi nessa região onde as estruturas sociopolíticas básicas começaram a se formar (Shady, 1997, 1999, 2005, 2006a, 2006b, 2014; Shady *et al.*, 2000; Shady; Leyva, 2003).

Shady explora a ideia e uma organização social do Vale do Supe com uma economia complementar agropesqueira realizada por meio de uma rede de interação e troca com outras populações que habitavam o litoral e o interior, produzindo vegetais e algodão.

b) A paisagem e o manejo do espaço: os sítios do Vale do Supe situam-se às margens do rio Supe em ambos os lados, quase em frente um do outro, com estruturas que parecem seguir uma ordem determinada propositalmente. Esse possível padrão de assentamento levou González-García *et al.* (2021) a pesquisar sistematicamente a paisagem da região, apresentando os resultados obtidos no artigo “The River and the Sky: Astronomy and Topography in Caral Society<sup>22</sup>”. Nele, os autores abordam a hipótese de que a orientação das principais estruturas construídas no vale e a localização dos sítios não teriam sido determinadas apenas pela presença geográfica do rio Supe, mas também por considerações astronômicas, o que teria influenciado na escolha dos assentamentos e na orientação de alguns monumentos.

E, de fato, de acordo com essa leitura, a dualidade na localização dos sítios se manifestou na orientação das estruturas em relação ao rio Supe e a eventos astronômicos específicos, como a posição da lua e o solstício de junho. Nesse sentido, a orientação não teria sido ditada apenas pela topografia do terreno, mas também por considerações rituais e

---

<sup>22</sup> Os pesquisadores utilizaram a combinação de medições topográficas e arqueoastronômicas para analisar a orientação das principais estruturas arquitetônicas em vários assentamentos do Vale do Supe. A equipe mediu os eixos principais de 55 estruturas em dez sítios diferentes, usando bússolas magnéticas para capturar as orientações precisas dessas construções. As medições foram corrigidas conforme a declinação magnética e a altitude do horizonte local, permitindo a conversão desses dados em declinações astronômicas. Essas declinações foram comparadas com fenômenos astronômicos conhecidos, como o solstício de junho, a posição extrema da lua e o nascimento helíaco de estrelas importantes como Sirius. A análise estatística foi utilizada para verificar se as orientações das estruturas poderiam estar alinhadas intencionalmente a esses eventos astronômicos, e se essas orientações eram diferentes das que poderiam ser esperadas por acaso. Cf. GONZÁLEZ-GARCÍA *et al.* The river and the sky: Astronomy and topography in Caral society, America's first urban centers. *Latin American Antiquity*, v. 32, n. 1, p. 154-172, 2021.

temporais que refletiam a importância do céu daquela sociedade. Assim, a localização dos assentamentos foi uma síntese da relação entre a paisagem terrestre e a “paisagem” celeste, integrando o espaço e o tempo de forma a reforçar a coesão social e o calendário agrícola daqueles povos (González-García *et al.*, 2021).

Esses dados corroboram o padrão de distribuição dos assentamentos defendido por Shady desde o início de suas escavações. Ela descreveu os sítios do Vale do Supe com base nas relações espaciais e na integração com a paisagem circundante. No entanto, não dispunha de dados suficientes para inferir que alguns monumentos indicassem possivelmente uma relação astronômica.

Shady observa que os sítios foram construídos sobre terraços semidesérticos e elevados para preservar os vales férteis, o que pode refletir uma adaptação estratégica e não casual frente aos recursos disponíveis, como a água e as terras férteis para a agricultura (Shady, 1997, 1999, 2005, 2006a, 2006b, 2014; Shady *et al.*, 2000; Shady; Leyva, 2003).

A arqueóloga sistematizou a distribuição dos sítios em uma série de vales interconectados, classificados em seções (litoral, vale baixo, vale médio inferior e baixo superior). Essa distribuição foi interpretada como parte de um complexo sistema de assentamentos interdependentes, onde cada sítio desempenhava um papel específico dentro de uma organização maior. A proximidade deles em relação aos recursos naturais essenciais, como fontes de água e áreas de cultivo, além de sua conectividade, é vista como uma evidência de planejamento estratégico e cooperativo entre os diferentes grupos (Shady, 1997, 1999, 2005, 2006a, 2006b, 2014; Shady *et al.*, 2000; Shady e Leyva, 2003). No entanto, o padrão de distribuição dos assentamentos nos sítios, como a presença de monumentos arquitetônicos de grande ou pequena escala, a complexidade das atividades econômicas e rituais, a presença ou ausência de arquitetura monumental e a extensão dos sítios, é tomado como uma evidência de hierarquização, com Caral ocupando uma posição central e dominante na rede de assentamentos, tanto do ponto de vista econômico quanto religioso (Shady, 1997, 1999, 2005, 2006a, 2006b, 2014, Shady *et al.*, 2000; Shady; Leyva, 2003; González-García *et al.*, 2021).

c) Extensão e volume construtivo: sobre a diferenciação na extensão e no volume de construção dos sítios do Vale do Supe, Shady, após apresentar tabelas comparativas entre 20 sítios da região, demonstrou que oito deles apresentam uma maior extensão e monumentalidade em comparação aos demais. Ela também comparou os sítios do Vale do Supe com os demais vales da região, como Pativilca e Fortaleza. A interpretação dos dados mostrou que alguns sítios, como Bandurria, no Vale de Huaura, têm ocupações mais antigas,

embora a monumentalidade das construções em Caral seja ainda superior, especialmente em termos de organização espacial e volume construtivo (Shady, 1997, 1999, 2005, 2006a, 2006b, 2014; Shady *et al.*, 2000; Shady; Leyva, 2003).

Shady calculou também o investimento na força de trabalho empregada em cada sítio, no intuito de evidenciar que a monumentalidade das construções, como as pirâmides e as praças circulares, indica a capacidade técnica e de organização de seus construtores para concentrar esforços de mão de obra voltados à construção desses espaços.

No conjunto, esses aspectos mencionados são vistos como um reflexo da capacidade de mobilização de certo contingente populacional, o que, segundo ela, só seria possível sob uma estrutura estatal. Seus principais argumentos são que os elementos arquitetônicos e culturais do Vale do Supe refletem uma complexidade funcional e uma hierarquia social definida. As pirâmides, as plataformas e os complexos residenciais são indicadores de uma sociedade organizada com investimentos significativos em construção e planejamento urbano. A diversidade morfológica, a distribuição das estruturas e a diferenciação no consumo de produtos alimentícios e artefatos sugerem um uso multifuncional dos centros urbanos e uma diferenciação social entre seus habitantes (Shady, 1997, 1999, 2005, 2006a, 2006b, 2014; Shady *et al.*, 2000; Shady; Leyva, 2003).

### 3.1.1 Shady e o Estado: conceito e argumentos

Shady não se aprofunda na discussão do termo, apenas apresenta uma definição geral. Diferentemente de outros autores que limitam o conceito de Estado ao modelo do Estado moderno europeu, ela defende que esse conceito pode ser entendido como uma forma de organização social complexa e autônoma, capaz de desenvolver suas próprias instituições políticas e econômicas, adaptadas às condições locais. Nas palavras da arqueóloga:

Identificamos a una entidad política como estatal cuando la sociedad que produce una economía excedentaria y sus integrantes están organizados en estratos sociales con estatus diferenciados y tienen, sobre la base de ellos, una participación, asimismo, distinta, en los beneficios del proceso productivo es conducida por autoridades, constituidas en forma permanente y con poder coercitivo para sustentar sus decisiones (Shady, 1999, p. 1).

Em outros momentos, ela complementa que não segue o modelo clássico, mas sim, “un modelo intermedio entre las ciudades-estado y el estado territorial. Este modelo de organización se extendería en el Perú Prehispánico y perduraría aún durante el imperio Inca” (Shady, 2005, p. 101). E menciona também que, ao início, “los asentamientos serían unidades

sociales autosuficientes y multifuncionales, donde se efectuaban actividades políticas, administrativas y religiosas”, mas que, por volta de 2600 AEC, eles teriam sido integrados a “un sistema económico complementario conducido por un Estado prístino” (Shady, 2005, p. 101).

A arqueóloga parece seguir um modelo intermediário entre as cidades-estado e um Estado territorial clássico, em que essa organização estatal teria desempenhado um papel na coordenação e gestão dos recursos econômicos nos assentamentos e conforme sua capacidade de influenciar e organizar não apenas um vale, como Supe, mas também outros próximos, como Pativilca e Fortaleza. E isso evidenciaria que o poder e a organização dessa instituição teriam se estendido por uma região mais ampla (Shady, 2005, 2006a, 2006b, 2014; Shady; Leyva, 2003).

Shady distingue cidade e Estado, embora considere que o surgimento do urbanismo andino esteja intrinsecamente ligado ao desenvolvimento estatal. De acordo com Flores (2006), o desenvolvimento urbano e estatal andino é visto como um fenômeno precoce e particular, que não segue necessariamente o padrão de outras áreas, como a mesopotâmica, de modo que deve ser entendido dentro do contexto cultural andino. Mas como Shady define uma cidade? Para ela, uma cidade pode ser definida como um:

establecimiento construido siguiendo un ordenamiento espacial, donde reside una población de cantidad apreciable y se realizan actividades diferentes a la directa producción alimentaria, es decir, de gobierno, religiosas, administrativas, comerciales. En esta clase de asentamiento, las edificaciones muestran distinciones entre sí en cuanto a tamaño y calidad constructiva, como expresiones del status social diferenciado de los habitantes y de su desigual participación en el excedente social producido (Shady, 1999, p. 1-2).

A teoria de Shady propõe que Caral e outros sítios do Vale do Supe eram centros urbanos altamente desenvolvidos em virtude de suas características arquitetônicas, urbanísticas e organizacionais. Os edifícios públicos e residenciais teriam sido construídos segundo um plano coordenado que dividia a cidade em setores específicos, dedicados a diferentes atividades sociais e cerimoniais. E esse planejamento é indicativo de uma estrutura urbana complexa típica de uma cidade, onde o espaço é organizado para facilitar a administração e a vida comunitária, surgido a partir de um processo de centralização e controle estatal, sendo a administração estatal responsável pela construção e remodelação permanente (Shady, 2005, 2006a, 2006b, 2014; Shady; Leyva, 2003).

Contudo, Piscitelli (2021) chama a atenção para o fato de que Shady apenas presume, mas não explica como as autoridades políticas do Vale do Supe obtiveram seu poder, já que

“o imenso investimento de mão de obra em edifícios monumentais e sua reforma permanente foram sustentados pela produção em outros vales da área, algo que as autoridades políticas de Supe *aprenderam a se apropriar de alguma forma*” (Shady, 2006a *apud* Piscitelle, 2021, p. 402, tradução nossa).

E, de fato, Shady não explica como, mas acredita que a posição privilegiada dessas autoridades se fundamentava na experiência ritual, sendo a religião o principal mecanismo de coesão social e ferramenta de controle político nos primórdios de formação da organização estatal (Shady, 2006a). Sendo assim, na ausência de fortificações e armas, a experiência ritual desempenhava um papel fundamental na sustentação da estrutura política nos Andes, desafiando a noção de que o poder coercitivo e a força física eram os únicos sustentáculos do Estado. Nesse sentido, a arqueóloga esclarece que:

Algunos investigadores consideran que un ejército o fuerza militar es un requisito previo para identificar un nivel estatal de organización política. Sin embargo, en la etapa inicial de la formación del estado, este control sobre la población era innecesario. La religión funcionaba como instrumento de cohesión y coerción, y era muy eficaz (Shady, 1999, p. 3).

Como a cultura material não forneceu, até então, evidências de controle pela força física, diante dessa “falta” a explicação de Shady se sustenta pelo fato de que, na ausência de um grupo ou força militar, “a ideologia promovida pelo estado Supe teria agido como um nexo de coesão entre os grupos sociais sob o domínio de seu governo centralizado” (Shady, 2006a, p. 57, tradução nossa).

Por outro lado, a mesma cultura material evidencia uma enorme quantidade de material cerimonial nas áreas de descarte ao lado dos edifícios, “com átrios e ladeiras contendo oferendas, possivelmente relacionadas a deuses e a um calendário de celebração” (Shady, 2006a, p. 57, tradução nossa). Contudo, por outro lado, não há evidências de murais na arquitetura monumental que represente divindades ou personagens de poder, ou então, “iconografia oficial em diferentes soportes como cerâmica, têxteis ou metais” (Haas; Creamer, 2012 *apud* Tantaléan, 2021, p. 115). O que se supõe é que “la misma arquitectura monumental (huacas) y los grandes pilares de piedra (huancas) podrían haber sido elementos suficientes para encarnar y demostrar el poder de los líderes de Caral” (Tantaléan, 2021, p. 113).

Levanta-se a hipótese que “los líderes en Caral desarrollaron una religión animista (*sensu* Allen 2025), en la cual no fue necesaria la representación de las fuerzas extrahumanas” (Allen, 2025 *apud* Tantalén, 2021, p. 113). Shady também concorda que a natureza, os astros, a terra, o mar e a água eram simbolizados de maneira específica, como nas flautas transversais

de Caral que apresentam representações de macacos e aves, na pictografia da lua em pedras, nos desenhos em espiral representados em gravuras de pedra, nas conchas e geoglifos ou na representação da *chakana* (cruz andina), representada em duas estruturas monumentais. Os instrumentos musicais, sobretudo os de sopro, como as flautas, as quenás e as antaras, encontrados em contexto de enterramento simbólico, também são considerados como parte da vida cultural e simbólica desses povos (Shady; Leyva, 2003; Shady, 2006b, 2014).

Em resumo, os argumentos de Shady atestam que Caral foi possivelmente o núcleo de um Estado prístino nos Andes e que os assentamentos do Vale do Supe, incluindo a própria cidade sagrada, desempenharam funções típicas de cidades, com complexidade social, econômica e política, que refletiam uma sociedade altamente organizada e avançada para a época. A disponibilidade de excedentes produtivos e o intercâmbio de bens teriam permitido a certo setor da população, com acesso ao poder social e político, dedicar-se a atividades especializadas, como a organização da força de trabalho, a administração de recursos e excedentes e o investimento em obras públicas. Por causa disso, poderiam ter criado um sistema de registro codificado, baseado em cordas e nós, conhecido como *quipu*, encontrado em contextos de oferenda e em formas pictográficas no edifício piramidal menor em Caral, embora ainda não tenha sido estudado sistematicamente (Shady; Leyva, 2003; Shady, 2006b, 2014).

### **3.1.2 Shady e a organização social e política**

Shady elabora a teoria da organização social e política apoiada em dados etno-históricos e etnográficos. Segundo ela, ao longo da etapa de formação da “civilização Caral”, entre 3000 e 1800 AEC, a população residia de forma nucleada em centros populacionais conhecidos como *pachacas*, que consistiam em assentamentos de diversos tamanhos distribuídos por grupos ao longo das quatro seções do vale, desde o litoral até o início da seção alta. “Los centros poblados controlaban sus respectivos territorios de producción y eran conducidos por sus propias autoridades” (Shady, 2014, p. 91) que representavam as linhagens ou os *ayllus* que compunham esses centros.

Os *ayllus* que formavam subconjuntos eram hierarquicamente distintos e organizados de acordo com seções distribuídas nas duas metades da cidade: a alta e a baixa. Já o conjunto dos *ayllus* no centro urbano constituía uma *pachaca* que se diferenciava das demais pelo nível de prosperidade de seus componentes sociais e autoridades (Shady, 2006b, 2014). As *pachacas* tinham “una economía autosuficiente, conducidas en los aspectos político y

administrativo por sus propias autoridades y que tenían sus dioses y prácticas religiosas en las que sustentaban su identidad” (Shady, 2006b, p. 81). Esses representantes da sociedade civil atuavam sob um sistema hierarquizado, organizado em duas metades, cada uma presidida por um *curaca* que exercia o governo político da *pachaca*:

Es posible que las pachacas funcionaran con autonomía durante los primeros siglos de ocupación del valle, pero, posteriormente, la necesidad de centralizar la administración de las aguas para la agricultura del valle y resolver los conflictos habría creado las condiciones para la formación de un Estado territorial mayor. En el ámbito del valle de Supe se observa la distribución de las pachacas en secciones y estas, asimismo, en dos mitades o sayas, una en cada margen del río, en cantidad similar. Así, cada saya estaba integrada por un número de asentamientos o pachacas, tanto en la margen izquierda como en la derecha (Shady, 2006b, p. 82).

Além das *sayas* (uma em cada margem do vale), havia uma autoridade central denominada *hunu*, que “representaba la unificación del valle y la identidad social de sus pobladores, conducía el gobierno del Estado general y residía en la ciudad capital” (Shady, 2006b, p. 82). Os governantes políticos locais das *pachacas*, integrados ao sistema político central, aplicavam normas para o manejo responsável dos recursos hídricos, incluindo o rio e os mananciais, por meio de uma rede de canais principais e secundários, administrada pelos *camachicos* dos respectivos *ayllus*. Logo, a sociedade foi conduzida sob esse sistema social e político-administrativo, que possibilitou, por sua vez, o intercâmbio de recursos, serviços e bens (Shady, 2006b, 2014).

Dessa forma, com base em elementos recorrentes, como a presença de edifícios piramidais e praças circulares, na agrupação dos centros populacionais por seções e na diferenciação entre os assentamentos a partir do Período Médio-Final (por volta de 2600 AEC):

se puede inferir que estas obras debieron ser ejecutadas bajo un ordenamiento planificado. Su diseño también estaba en relación con determinadas funciones generales pero el tamaño de cada edificio derivaba de la posición social de su linaje o ayllu integrante de la “pachaca”. El grupo de ayllus o linajes conformaba o era parte del sistema social de la comunidad, asentada en el centro urbano (Shady, 2014, p. 90-91).

Inferese também que o estilo piramidal dos edifícios e das praças circulares rebaixadas estava possivelmente relacionado a funções públicas próprias de um Estado centralizado:

Sin embargo, el poder político del señor del valle como el de los curacas de las sayas y secciones mantuvo descentralizadas las funciones de la pachaca en los ámbitos político, económico e ideológico; cada una tenía sus principales, especialistas, agricultores y servidores (Shady, 2006b, p. 82-83).

Na interpretação de Shady, essa inclusão social organizada era necessária para a sobrevivência adequada no território andino, tendo sido ampliada e fortalecida por meio de mecanismos religiosos e políticos. Nesse sentido, percebe-se que a religião desempenhava um papel fundamental na coesão social e manutenção do governo. A ideologia religiosa, sustentada inicialmente na ancestralidade dos *ayllus*, foi assumida e prestigiada pelo “Estado da civilização Caral”, atuando como o principal nexo de união entre os grupos sociais que compunham as *pachacas*, momento em que estas passaram a ser dominadas pelo governo centralizado (Shady, 2006b, 2014).

As *pachacas* compartilhavam deuses e representações simbólicas comuns, “conforme se evidencia em documentos coloniais que mencionam deuses como Huari, os quais, segundo a tradição, ensinavam a população a preparar a terra, traçar os canais, cultivar as plantas e proteger as propriedades” (Shady, 2006a, p. 60, tradução nossa). Os astros, a terra, o mar e a água eram simbolizados de maneira específica, de modo que era necessário realizar cultos, ritos propiciatórios e seguir um calendário cerimonial, associado aos trabalhos em edifícios públicos, que eram considerados a “terra dos deuses”. E também era preciso realizar cultos aos que eram seus intermediários (Shady, 2006a, 2006b, 2014), por meio de cerimônias periódicas:

en el marco de una visión integradora con participación de la sociedad civil, organizada por las autoridades de los ayllus y del Estado, pachacas, sayas y hunu. Todas conjuncionaron el reconocimiento a los ancestros y deidades con actividades productivas o sociales, ritos, música y danzas (Shady, 2014, p. 92).

### 3.1.3 Críticas ao modelo interpretativo de Shady e possibilidades de releitura

Tantaleán aponta que o modelo teórico de Shady é influenciado principalmente pelo marxismo, pelas ideias childeanas e pelas fontes etno-históricas referentes à época incaica, além do fato de que suas interpretações se fundamentam em “elementos del neoevolucionismo y la economía política procesualista” (Tantaleán, 2021, p. 109). Por outro lado, Makowski (2020) argumenta que ela utiliza um modelo evolutivo que associa o surgimento do urbanismo na Mesopotâmia à formação das cidades-estado, aplicando essa lógica às evidências arquitetônicas de Caral. Ele considera essa abordagem uma absorção das ideias marxistas de Lumbreras por Shady, especialmente o axioma que vincula o surgimento do Estado à Revolução Neolítica, demonstrando uma tentativa de adaptar essas teorias ao contexto específico dos Andes.

Makowski questiona a aplicabilidade desse modelo de urbanismo nos Andes, ao propor uma visão alternativa baseada na noção de assentamentos móveis e dispersos. Segundo ele, o ambiente andino, caracterizado por recursos limitados e dispersos, favoreceu o desenvolvimento de um sistema de assentamentos que ele descreve como “antiurbano”. Ao contrário de se consolidarem em grandes centros urbanos, as populações andinas desenvolveram uma forma de organização social adaptada às condições ambientais, sem a necessidade de cidades centralizadas.

O termo “cidade”, segundo ele, é inadequado para os assentamentos andinos, pois implica características como a centralização política, a especialização econômica e a existência de infraestrutura viária, não aplicáveis a esse contexto. Ao invés disso, os assentamentos no Vale do Supe, e em outras regiões andinas, se caracterizavam por uma arquitetura peculiar e uma organização social que refletiam uma resposta criativa às limitações ambientais.

Os argumentos de Makowski são elaborados com base na comparação entre o sítio arqueológico de Çatal Hüyük, na Anatólia, e os centros cerimoniais sem cerâmica dos Andes Centrais, como Caral. Sua tese principal sustenta que a característica desses assentamentos não justifica a classificação como “urbanos” no sentido tradicional, especialmente se esses assentamentos forem comparados aos aspectos urbanos da Mesopotâmia (Makowski, 2006, 2007, 2012, 2020).

Ao contrário de Shady, para Makowski, a monumentalidade arquitetônica não reflete necessariamente evidências de urbanismo ou de uma organização estatal centralizada. Um ponto central de sua crítica é a ausência de evidências de especialização em Caral, como a produção artesanal em tempo integral. Assim, enquanto Shady sugere a presença de bens de várias origens, como conchas de *Spondylus* e produtos marinhos, por exemplo, Makowski observa que “la existencia del comercio organizado (¿por el Estado?) en esta época no ha sido demostrada con argumentos empíricos convincentes” (Makowski, 2020, p. 37).

Em vez disso, ele propõe uma alternativa baseada em “composición de los basurales – que se ubican en la vecindad de espacios ceremoniales apropiados para banquetes y contienen evidencias de una dieta muy rica en las preciadas proteínas animales de mar y de tierra” (Makowski, 2020, p. 37). Esses vestígios podem ser vistos como um reflexo da realização de festas multitudinárias, e não como simples descartes domésticos. A presença de resíduos de banquetes e festas indicaria uma economia de subsistência com eventos cerimoniais, mas não necessariamente um comércio formalizado ou uma economia monetária.

Makowski, por um lado, pode estar certo em supor que a presença desses resíduos não indica um comércio formal, mas, por outro, se equivoca em afirmar que Shady toma esses vestígios como simples descartes domésticos. Isso porque ela e sua equipe têm estudado esses descartes em vários contextos, de monumentos a conjuntos residenciais ligados às pirâmides, indicando que há múltiplos tipos deles, desde cerimoniais a domésticos. Espinoza em sua tese (2004), por exemplo, ao definir as práticas sociais no subsetor I2 de Caral, revelou uma longa ocupação de 1200 anos no local, que contava com diversos tipos de descarte, em diferentes períodos, seja residencial ou cerimonial.

Para Makowski, é mais provável que os monumentos em Caral tenham servido, principalmente, para atividades rituais e cerimoniais, e não como centros administrativos ou governamentais. Ele questiona a natureza urbana dos centros como Caral devido à escassez de áreas domésticas em comparação com a monumentalidade dos edifícios públicos. A diversidade arquitetônica destacada por Shady, que inclui “plazas circulares hundidas, anfiteatros, recintos con nichos, altares circulares, *huancas*, galerías con nichos” (Makowski, 2020, p. 37), não demonstra evidências diretas de uma estrutura social hierárquica explícita, de modo que “resulta muy probable que cada edificio fuese construido y mantenido por una comunidad asentada en algún lugar del valle de Supe, no necesariamente cerca de Caral” (Makowski, 2020, p. 37). Ele tende a interpretar a organização espacial e social de Caral como reflexo de uma organização político-religiosa confederativa, similar ao centro cerimonial de Cahuachi proposto por Silverman (Silverman, 1993, 2002 *apud* Makowski, 2020, p. 37).

Na proposição de Silverman, diferentes grupos ou comunidades podem colaborar em um sistema descentralizado sem uma autoridade central clara, já que:

El trabajo corporativo mancomunado en la construcción y renovación de edificios de culto, y la organización de las fiestas religiosas periódicas emprendida en Caral y en otros sitios similares serviría, según esta propuesta, para cimentar lazos de parentesco real, consanguíneo y ritual. Gracias a múltiples lazos de parentesco, se habrían sustentado los derechos y obligaciones mutuos que facilitaban la movilidad, el trueque y el acceso a recursos en las zonas de control respectivo de cada grupo (Makowski, 2020, p. 37).

Por fim, o conceito de “cidade”, tal como é definido no Velho Mundo (como as cidades-estado mesopotâmicas ou as *polis* gregas), não se aplicaria aos Andes, resultando em um padrão de assentamento “antiurbano”. Segundo a proposta de Makowski, salvo algumas exceções de capitais regionais tardias, os Andes antigos não apresentaram populações

permanentes e um urbanismo organizado, mas sim, aglomerações temporárias centradas em atividades cerimoniais ou administrativas (Makowski, 2006, 2007, 2012, 2020).

Quanto à comparação entre Caral e Çatal Hüyük, Makowski menciona que essa comparação “es estimulante y productiva como punto de partida para la reflexión sobre el hipotético urbanismo precerámico en los Andes Centrales”. Nesse sentido, argumenta que, assim como Çatal Hüyük, Caral deve ser visto como um centro cerimonial e não como uma cidade no sentido tradicional. Essa comparação serve para reforçar sua tese de que a monumentalidade não equivale a urbanismo, contrariando a interpretação de Shady (Makowski, 2020).

A crítica da Makowski não passa despercebida. Gonzáles-García *et al.* (2021), por exemplo, salientam que o caráter urbano de centros populacionais como Caral não deve se basear exclusivamente na estrutura nucleada das áreas domésticas, pois “é evidente que centros urbanos dispersos ocorrem, especialmente em áreas tropicais” (Gonzáles-García *et al.*, 2021, p. 156, tradução nossa). Como exemplo, os autores citam os trabalhos desenvolvidos em sítios como Angkor, no Camboja, no intuito de ilustrar que os centros urbanos podem ter uma organização espacial mais dispersa do que o modelo urbano tradicionalmente concebido.

Flores (2006), por outro lado, menciona que Makowski:

[...] tiene razón en sostener que el concepto ‘ciudad’, tal como ha sido definida, implica un significado propio del proceso histórico de occidente, no es menos cierto que para el caso andino, así como para los otros focos civilizatorios (Mesoamérica, India, China), se debe redefinir el concepto ‘ciudad’ a partir de sus desarrollos socioculturales particulares (Flores, 2006, p. 70).

De acordo com Flores, seria “fácil” usar o termo quéchua *llacta*, que se refere a um centro populacional andino organizado cosmologicamente, e que distingue as “*llactas capitais*”, como Cusco, de população permanente, e as “*llactas regionais*”, que eram centros administrativos com uma população flutuante. No entanto, ele concorda com Renfrew e Bahn que, “al hablar sobre sociedades antiguas debemos utilizar palabras reconocidas, conceptos generales donde todos los científicos nos podamos entender, pero sin dejar de lado las especificaciones para cada realidad distinta” (Renfrew; Bahn, 1998 *apud* Flores, 2006, p. 71).

Flores comenta também que Makowski parece desconhecer a falta de dados claros sobre as pesquisas em áreas domésticas, assim como a escassez de pesquisas na área e a quantidade de sítios que se encontram em áreas de agricultura e urbanização recentes. E isso, somado à visão ocidentalista do autor, pode levar a uma interpretação equivocada sobre o urbanismo nos Andes. Logo:

cabe preguntarnos ¿qué porcentaje se ha excavado en área en sitios como Cahuachi, Huari, Cajamarquilla, y todos los mal llamados centros ceremoniales “vacíos” como Cardal, Paraíso, Florida, Garagay, etc.?, y de cada uno de ellos ¿qué porcentaje de nuestra excavación se ha centrado en sitios no monumentales, en áreas supuestamente vacías ó debajo de los cultivos, para poder reconocer las unidades habitacionales? (Flores, 2006, p. 71).

Flores defende que as recentes escavações em Caral, Miraya, Lurihuasi e Áspero demonstram a existência de uma população estável e de um planejamento urbano que incorpora tanto espaços sagrados quanto domésticos, diferenciando-se, de fato, de outras “civilizações”, mas que ainda assim constituem uma espécie de urbanismo. E conclui que a tese antiurbana de Makowski revela uma falta de compreensão adequada da história arqueológica andina, e que suas conclusões são baseadas em uma interpretação inadequada dos dados arqueológicos e em uma comparação infundada com o Velho Mundo.

Ao acrescentar outras perspectivas às implicações teóricas sobre a cidade, a teoria de Meneses (1996) não trata a morfologia como um simples aspecto visual, mas sim como algo integrado a significações sociais. Ele critica a fetichização da cidade, que é vista de forma isolada de suas dinâmicas sociais e históricas. A cidade é descrita como um artefato social, resultado de consequências econômicas, políticas e culturais, e não apenas como um conjunto de formas físicas. E é vista conforme três dimensões: cidade artefato, campo de forças e imagem simbólica (Meneses, 1996). Na abordagem de Shady, pelo menos duas das dimensões apontadas por Meneses podem ser identificadas: a cidade como imagem, mas especialmente a cidade como artefato.

Resumidamente, a teoria de Shady propõe que Caral e outros sítios do Vale do Supe eram centros urbanos altamente desenvolvidos, surgidos a partir de um processo de centralização e controle estatal, com a religião desempenhando um papel fundamental na coesão social. Caral era um centro sagrado e político, onde grandes estruturas monumentais, como pirâmides e templos, eram essenciais para a administração e a coesão social. Nessa perspectiva, a complexidade arquitetônica e a organização são tomadas como as principais evidências da formação de uma estrutura governamental centralizada (Shady; Leyva, 2003, Shady, 2006b, 2014).

A cidade como artefato pode ser identificada na ênfase de Shady aos aspectos materiais de Caral e outros sítios do Vale do Supe, com destaque para as estruturas monumentais, como as pirâmides, praças e templos. E também, às diferentes técnicas construtivas e de organização espacial dos sítios, que não ocorreram em um curto espaço de tempo, mas em longos períodos de ocupação. Percebe-se que Shady interpreta a

monumentalidade e a complexidade arquitetônica como o resultado de um processo civilizatório, com uma clara divisão laboral e uma elite capaz de coordenar grandes projetos de construção. Nesse sentido, sua análise se alinha à definição de Meneses de que a cidade é um produto histórico, moldada por práticas sociais, econômicas e políticas. As pirâmides e os espaços cerimoniais, por exemplo, podem ser reflexos da organização política e religiosa de Caral, conectados às práticas sociais da época.

A dimensão simbólica (cidade como imagem) pode ser vista principalmente em Caral, onde há evidências de um importante papel como centro religioso. As estruturas monumentais e os ritos associados a elas não são apenas práticas políticas ou administrativas, devido, sobretudo, ao seu valor simbólico, sendo consideradas representações físicas do poder e da ordem cósmica. A Pirâmide Maior de Caral, por exemplo, seria um centro religioso e político que consolidava o poder da elite e reforçava a coesão social por meio de rituais e cerimônias religiosas. Outro exemplo seria o ordenamento de sítios e monumentos que integravam as paisagens terrena e celeste (Shady; Leyva, 2003; Shady, 2006b, 2014; Gonzáles-García, 2021).

No entanto, embora Shady reconheça a dimensão simbólica, a abordagem de Meneses permitiria uma interpretação ainda mais ampla. A monumentalidade de Caral, como imagem, não seria apenas um símbolo de controle político ou religioso, mas também uma ferramenta de negociação social, onde diferentes grupos poderiam projetar identidades, legitimar poder ou contestar relações de subordinação. Essa dimensão possibilitaria um entendimento diferenciado de como a arquitetura não só reforçava a ordem, mas também refletia tensões sociais e mudanças nas estruturas de poder.

A dimensão mais difícil de identificar na análise de Shady diz respeito à cidade como um campo de forças, uma noção essencial para Meneses. Shady enfatiza uma visão de centralização e controle estatal, mas com pouca atenção às dinâmicas internas de disputa e negociação social. Sua perspectiva tende a ver Caral como um centro controlado por uma elite, onde a posição é clara e o poder é relativamente concentrado.

Em relação à perspectiva de Meneses, a arquitetura de Caral pode ser vista menos como o resultado de uma organização política centralizada e mais como um “campo de forças”, onde diferentes grupos sociais interagiam e negociavam objetivos comuns. A ideia de descentralização e cooperação entre as comunidades autônomas sugere que a sociedade de Caral era menos centralizada do que Shady propõe, com as estruturas servindo como pontos de convergência simbólica e interação, e não necessariamente como expressão de um controle central rígido.

Ao adotar a ideia da cidade como uma “imagem simbólica”, Meneses permite interpretar como os monumentos não apenas consolidaram o poder religioso, mas também refletiram e permitiram a interação social entre diferentes grupos. Nesse sentido, as estruturas cerimoniais podem ser vistas como “campos de forças” dinâmicos por permitirem que diferentes setores da sociedade pudessem negociar suas posições e papéis, em vez de serem controlados exclusivamente por uma elite. Assim, a função simbólica dos monumentos vai além de reforçar uma hierarquia fixa, sugerindo uma maior flexibilidade e interação entre os atores sociais.

Por outro lado, a ideia de “campo de forças” sugere que a economia de Caral pode ter sido mais descentralizada e baseada em interações locais e redes de troca entre comunidades relativamente autônomas, assim como propõem Vega-Centeno<sup>23</sup>. O controle de recursos e sua redistribuição poderiam ter ocorrido de maneira mais difusa, com diferentes comunidades mantendo suas próprias redes de troca, o que enfraqueceria a tese de Shady sobre uma economia controlada por elites sacerdotais.

A combinação das interpretações de Meneses, Shady e Makowski oferecem perspectivas diferenciadas acerca do urbanismo andino. Enquanto Shady e Makowski discutem a natureza da centralização e da diversidade, Meneses acrescenta uma dimensão que pode explicar como a complexidade urbana não se trata apenas do produto de processos políticos e econômicos, mas também de práticas simbólicas e ideológicas, permitindo outras leituras do Vale do Supe.

Outra visão alternativa sobre a urbanização e a complexidade das sociedades humanas e dos Estados é a teoria de Wengrow (2015), que explora a ideia de “Cidades sem Estado” e que sugere que alguns centros urbanos podem ter sido organizados de baixo para cima e baseados em princípios igualitários. Dentre os aspectos para identificar as “Cidades sem Estado” se incluem: a organização descentralizada, a integração social igualitária, a economia diversificada, a inovação e adaptação e a diversidade cultural (Wengrow, 2015).

Para Wengrow, essas “cidades” são frequentemente organizadas de forma que o poder e a tomada de decisões não fiquem concentrados em uma elite governante, mas que sejam distribuídos entre a população. Isso pode incluir formas de governança participativa ou comunitária que podem se sustentar através de modos de integração social que não dependem necessariamente de hierarquias ou de relações de dominação. E isso pode se manifestar em

---

<sup>23</sup> A perspectiva de Vega-Centeno é abordada nas seções seguintes.

práticas sociais e econômicas que promovam a cooperação e a solidariedade entre os habitantes (Wengrow, 2015).

Como consequência, as “Cidades sem Estado” tendem a ter economias que não são exclusivamente dependentes de um sistema de tributação ou de controle estatal. Em vez disso, podem envolver redes de troca, comércio local e práticas econômicas que não requerem a intervenção de um governo central. E, contrariando a tradição, ele defende que as inovações tecnológicas e sociais podem surgir de dentro da comunidade, em vez de serem medidas impostas por uma autoridade externa. Isso pode incluir práticas agrícolas, técnicas de construção e formas de organização social que podem se adaptar às necessidades locais (Wengrow, 2015).

Assim como a urbanização não depende necessariamente da organização estatal, Graeber e Wengrow (2021) desenvolvem uma visão crítica à ideia de que o surgimento do Estado está relacionado exclusivamente ao contexto de sedentarização e à complexificação social. Para tanto, propõem que diferentes formas de organização social e política podem emergir de contextos diversos e históricos específicos. O Estado não é um passo necessário para o desenvolvimento social, mas sim, uma construção histórica específica que pode surgir de várias formas. Nessa perspectiva, Caral poderia ter sido uma sociedade mais descentralizada do que aquela apresentada por Shady.

No debate sobre a natureza do Estado em Caral e no Vale do Supe, as primeiras críticas que Shady recebeu foram dos arqueólogos Haas e Creamer (2006), que escavaram partes do Norte Chico. Eles não concordam que Caral tenha sido a capital de um Estado prístino denominado Caral-Supe e não aceitam a definição de Estado de Shady. Para eles, a definição de Shady é excessivamente ampla e incluiria muitas “sociedades do tipo ‘chefia’ encontradas ao redor do mundo, como as do Havaí pré-contato e outras sociedades no Pacífico, vários sistemas políticos históricos do Caribe, e muitas chefias africanas” (Haas; Creamer, 2006, p. 752, tradução nossa). Além disso, “Shady não coloca sua discussão sobre o estado Caral-Supe no contexto da literatura mais ampla sobre a evolução do estado no Peru ou em outros lugares” (Haas; Creamer, 2006, p. 752, tradução nossa), o que torna suas afirmações sobre Caral menos fundamentadas.

Os autores reconhecem a existência de diferentes tipos de residência em Caral, indicando algum nível de estratificação social. No entanto, eles apontam que há falta de evidências claras sobre a distribuição desigual de recursos e bens, como alimentos ou bens suntuários. “Embora existam descrições gerais dos recursos alimentares consumidos em Caral, estes nunca são discriminados por unidade residencial”. Ressaltam também que

tampouco “há qualquer discussão sobre as possíveis diferenças nos tipos de artefatos encontrados em diferentes ambientes residenciais”, ou que “não há indicação de bens suntuários distribuídos de forma diferenciada, tais como joias elaboradas, roupas ou materiais comerciais exóticos” (Haas; Creamer, 2006, p. 752, tradução nossa). Essas diferenças são importantes para provar a existência de uma classe dominante que exerce o poder a partir de um estado centralizado. Além disso, Haas e Creamer destacam que:

Qualquer discussão sobre o exercício de poder coercitivo por uma elite detentora do poder em Caral também está ausente, e nenhuma evidência empírica foi apresentada de domínio ou ‘hegemonia’ política, econômica, militar ou religiosa sobre outros locais no Vale do Supe ou nos demais vales do Norte Chico (Haas; Creamer 2006, p. 752, tradução nossa).

Eles admitem que Caral trata-se de um “sítio grande e importante, mas simplesmente não há evidências físicas que sustentem a noção de que ele é, de alguma forma, a capital de uma política em nível estadual centrada no Vale do Supe” (Haas; Creamer, 2006, p. 753, tradução nossa), assim como as características arquitetônicas do local, como as plataformas e as praças circulares submersas, não são as únicas ou as mais grandiosas do que de outros sítios contemporâneos da região, como Miraya, Lurihuasi, Porvenir e Caballete. Essa similaridade enfraquece a tese de que Caral seria a capital de um sistema estatal (Haas; Creamer, 2006).

Os arqueólogos também questionam as datas de ocupação de Caral, ao argumentarem que o sítio não é o mais antigo da região, já que muitas estruturas cerimoniais e arquitetônicas similares são encontradas também em outros vales, o que contradiz a ideia de que Caral tenha sido o centro de uma hegemonia regional:

Caral, com datas publicadas de 2600-2020 AEC [...] também não é o sítio mais antigo da região. Existem datas publicadas anteriormente entre 2650 e 3100 AEC para Upaca e Punta y Suela, no Vale Pativilca, e Porvenir, Caballete e Huaricanga, no Vale Fortaleza (Haas; Creamer, 2006, p. 752, tradução nossa).

Por fim, Haas e Creamer sugerem que o conceito de “Estado” abordado por Shady pode estar sendo aplicado de maneira anacrônica e que as características observadas em Caral podem ser interpretadas como o resultado de formas de organização social menos centralizadas e mais cooperativas entre várias comunidades.

Contudo, Shady não parece estar preocupada em discutir o termo, pois, além da sucinta definição do termo<sup>24</sup>, ela menciona que, entre os autores, há duas tendências em

---

<sup>24</sup> “Identificamos a una entidad política como estatal cuando la sociedad que produce una economía excedentaria y sus integrantes están organizados en estratos sociales con estatus diferenciados y tienen, sobre la base de ellos,

reconhecer o Estado: a primeira diz respeito a autores que apenas reconhecem um Estado quando se deparam com estruturas visíveis de poder, como uma administração complexa, um exército poderoso e manifestações de grandeza, “esto es, cuando están ante un imperio, y, algunos, ni siquiera entonces” (Shady, 1999, p. 2). E complementa que esses autores, muitas vezes, não consideram a existência de um Estado em pequenos reinos ou cidades-estado, como as gregas, a menos que tenham acesso a documentos históricos que comprovem sua existência (Shady, 1999; Shady; Leyva, 2003); e a segunda classe de autores (da qual ela mais se aproxima) se refere àqueles que reconhecem que “hay diferentes niveles de complejidad en la organización de los Estados, [que] prefieren denominar a las primeras formas de Estado prístino como chiefdom, jefaturas o señoríos” (Shady, 1999, p. 2). Para esses estudiosos, o conceito de Estado não depende da extensão territorial, mas sim, da existência de hierarquias internas.

Em resumo, Haas e Creamer defendem a perspectiva de que o Vale do Supe não foi o único ou o maior centro de desenvolvimento social e monumental na região do Norte Chico, pois sugerem que outros centros contemporâneos também desempenharam papéis significativos durante o Arcaico Tardio. Além disso, o casal de arqueólogos não acredita que Caral tenha sido o centro dominante ou o mais antigo da região.

Piscitelli (2017) também levanta críticas a Shady, principalmente no que se refere à posição privilegiada de autoridades políticas do Vale de Supe, e ressalta que elas são presumidas sem explicar como obtiveram seu poder. Além disso, o arqueólogo questiona o argumento de Shady e de seus colegas ao afirmar que o Vale do Supe teria uma localização única e estratégica para a comunicação e a interação nos Andes Centrais. No intuito de rebater esse argumento, ele cita a pesquisa com modelagem GIS realizada por Carlson e Craig (2005), que demonstram que os caminhos entre os vales também existiam no Vale Fortaleza, sendo “altamente improvável que apenas os líderes do Vale do Supe pudessem estabelecer redes de intercâmbio entre diferentes zonas ecológicas” (Piscitelli, 2017, p. 402, tradução nossa). Contudo, o autor apenas menciona a referência, mas não apresenta os dados da pesquisa dos autores.

Na compreensão do conceito de “Estado Arcaico” no contexto andino, Tantaleán observa que, de modo geral, a maior parte das interpretações tradicionais associa a complexidade urbana à presença de um Estado centralizado. Ele problematiza a ideia da monumentalidade e da organização social, ao questionar se a urbanização monumental

---

una participación, asimismo, distinta, en los beneficios del proceso productivo es conducida por autoridades, constituidas en forma permanente y con poder coercitivo para sustentar sus decisiones (Shady, 1999, p. 1).

poderia, de fato, ter ocorrido em um contexto de maior igualdade e autonomia das comunidades, sem necessariamente depender de uma centralização política (Tantaleán, 2005, 2021). Nesse sentido, ele apresenta não só uma abordagem crítica em relação às concepções de Shady, mas também leva em consideração algumas de suas abordagens (Tantaleán, 2021).

Por um lado, Tantaleán reconhece a importância de Caral e a ideia de que a complexidade social exercida pela cidade pode ter sido significativa na região. Ele aceita a noção de que ela desempenhou um papel fundamental no desenvolvimento das sociedades do Norte Chico, assim como reconhece a importância dos centros cerimoniais e das práticas religiosas associadas ao local. No entanto, discorda de Shady em relação à interpretação do grau de centralização política (Tantaleán, 2021).

Em relação à interpretação de Haas e Creamer, Tantaleán consente com o fato de que o Vale do Supe não tenha sido o único centro de desenvolvimento na região e que outros lugares coexistiram e competiram com ele por meio de uma rede de centros inter-relacionados e de uma variedade de líderes e comunidades. No entanto, diverge dos autores ao argumentar que a presença de múltiplos centros implica necessariamente algum tipo de estrutura de poder centralizada (Tantaleán, 2021).

De modo geral, Tantaleán parece alinhar-se mais à proposta de Vega-Centeno ao sugerir que a organização social do Norte Chico, incluindo Caral, pode ser melhor descrita como uma rede de comunidades e líderes religiosos com autonomia regional, ao invés de um Estado centralizado ou uma estrutura de poder centralizada. Ele vê a possibilidade de uma “liga de *huacas*”, ou então, uma confederação de líderes religiosos, conforme a proposta de Vega-Centeno, como uma forma adequada de descrever a dinâmica política e social da região durante o período em questão. Tantaleán, portanto, apoia a visão de uma estrutura social complexa baseada na interação entre os centros de poder e os líderes regionais, e não em uma centralização rígida do poder, ajustando a análise de Caral para se encaixar mais nesse modelo de estrutura social descentralizada (Tantaleán, 2005, 2021).

Vega-Centeno oferece uma perspectiva alternativa acerca da organização social na região do Norte Chico, incluindo o Vale do Supe, que contrasta com as interpretações tradicionais propostas por pesquisadores como Haas e Shady. No lugar de uma estrutura hierárquica centralizada, Vega-Centeno sugere que a sociedade, durante o Período Arcaico Tardio, era caracterizada por comunidades autônomas que coexistiam e interagem dentro de uma rede descentralizada de poder (Vega-Centeno, 2017).

Ele não descarta completamente a presença de chefias ou lideranças regionais, mas propõe que essas chefias eram “relativamente limitadas” em sua autoridade. Sua hipótese é

que a organização social da época era mais polifônica, com várias comunidades coexistindo em uma rede de interações complexas, sem o domínio claro de uma única entidade sobre as demais (Vega-Centeno, 2004, 2005, 2017). Assim, ele reinterpreta a organização social como uma série de centros autônomos, cada um com sua própria autoridade, mas todos interligados em uma rede descentralizada.

A teoria de Vega-Centeno é elaborada, em parte, por sua pesquisa de escavação em Cerro Lampay, no Vale Fortaleza, e por outra, por uma ampla revisão dos sítios da região Centro-Norte peruana. Ao oferecer uma análise da organização social durante o Período Arcaico Tardio (Kaulicke; Dillehay, 1999)<sup>25</sup>, reinterpreta os dados a partir do conceito de *peer-polity interaction*, de Renfrew e Cherry (1986), e destaca, para tanto, a noção de uma autoridade “relativamente limitada”, que refletiria as características de uma sociedade em transição para uma maior complexidade social. Segundo ele, essa autoridade, ao invés de ser centralizada e hierárquica, era distribuída de forma mais equitativa, semelhante a uma “sociedade de trabalhadores” (Vega-Centeno, 2017).

A competição não se limitava ao interior das comunidades, mas também ocorria entre as comunidades vizinhas, conforme o modelo da dinâmica *peer-polity interaction* (Renfrew; Cherry, 1986). Ele argumenta que “las interacciones entre sus pobladores estarían llevando a formas de organización social y política crecientemente complejas donde los aspectos rituales estarían jugando un rol catalizador de estas dinámicas” (Vega-Centeno, 2017, p. 100-101). Essa perspectiva é ratificada por suas escavações em Cerro Lampay, onde ele identificou restos de banquetes que indicam que “o padrão de consumo seguido pela construção é consistente com o cenário de realização das festas laborais para o recrutamento de trabalhadores” (Vega-Centeno, 2005, p. 326, tradução nossa). Essas festas eram ritualísticas e “podemos assumir que o recrutamento e a organização do trabalho eram conduzidos dentro de atividades rituais para garantir que as tarefas de construção fossem cumpridas” (Vega-Centeno, 2005, p. 327, tradução nossa).

Segundo ele, evidências semelhantes foram encontradas em outros sítios como Áspero e Caral, levantando a possibilidade de que práticas rituais comparáveis tivessem sido realizadas para fins de construção. Entretanto, Vega-Centeno esclarece que, embora haja um padrão comportamental semelhante, “a escala e a natureza dos eventos de consumo e de construção podem ter variado” (Vega-Centeno, 2005), sendo que essas diferenciações nos modos de consumo poderiam indicar distintas formas de organização social e política, o que

---

<sup>25</sup> Vega-Centeno utiliza a periodização de Kaulicke (1998) e Kaulicke e Dillehay (1999). Cf. Tabela 1.

explica a necessidade de maiores investigações nesses sítios para uma melhor compreensão dessas variáveis.

Ao relacionar sua análise ao modelo *peer-polity interaction*, Vega-Centeno buscou mostrar que a construção de arquitetura pública em grande escala, tanto no Vale Fortaleza quanto no Vale do Supe, poderia ocorrer por meio da interação entre as comunidades politicamente autônomas, mas de complexidade comparável. Ele também observa que fenômenos semelhantes se desenvolveram em outras áreas, como no Vale de Casma durante o Período Formativo Inicial, e nos vales de Chancay, Chillón, Rímac e Lurín, durante os Períodos Formativo Inicial e Médio. Nessas áreas, as interações intensificadas entre as comunidades resultaram em “homologias arquitetônicas e estruturais, refletindo a competição, a emulação e o compartilhamento de sistemas simbólicos” (Vega-Centeno, 2004, 2005, 2017).

Por outro lado, Vega-Centeno adverte que essa complexidade arquitetônica não deve ser vista como uma evidência da autoridade centralizada, mas como o reflexo de “complexas interações sociais e políticas que moldaram essas comunidades emergentes” (Vega-Centeno, 2017, p. 45). Ele sugere que a construção intensiva de arquitetura pública em grande escala, ao invés de indicar uma centralização do poder, pode ser compreendida dentro da dinâmica *peer-polity*, onde diferentes comunidades competem e compartilham dentro de uma esfera política descentralizada (Vega-Centeno, 2017).

Para o Vale Fortaleza, Vega-Centeno considera dois cenários possíveis para a concentração ou dispersão das unidades arquitetônicas: um cenário de “agregação de diferentes comunidades em um único local, impulsionado por fatores sociais ou políticos específicos”, e outro de “crescimento gradual de uma entidade comunitária e o surgimento de ‘comunidades filhas’ que construíram seus próprios espaços rituais” (Vega-Centeno, 2007, p. 50). Ambos os cenários, que não são mutuamente exclusivos, exigem uma análise detalhada da cronologia e da história de cada sítio arqueológico.

Em contraposição à perspectiva de Haas e Shady, Vega-Centeno argumenta que a complexidade social e política do Norte Chico não deve ser entendida através de uma estrutura hierárquica evidente, mas sim, através das variações na escala e sofisticação das construções arquitetônicas em diferentes sítios. Ressalta também que essas variações podem indicar diferentes trajetórias de desenvolvimento, como períodos de ocupação mais longos ou curtos, ou então, por meio do crescimento interno das comunidades ou dos processos de agregação de novos grupos populacionais (Vega-Centeno, 2017).

Vega-Centeno sugere que a arquitetura pública em grande escala e os padrões arquitetônicos repetitivos na região resultam de práticas competitivas e de sincronismo

simbólico, onde “as comunidades compartilhavam padrões rituais materializados em suas construções” (Vega-Centeno, 2007, p. 55). Essas atividades rituais, frequentemente orientadas para fora, reforçavam a unidade comunitária e facilitavam a interação entre as entidades sociais, servindo como palco para o desenvolvimento de “alianças e compromissos intercomunitários” (Vega-Centeno, 2007, p. 57).

Para sustentar sua tese, ele apresenta uma série de exemplos das estruturas cerimoniais durante o Período Arcaico Tardio na região Central Andina, caracterizadas por uma diversidade de trajetórias sociopolíticas e arquitetônicas, sem uma clara hierarquia centralizada. Ele discute, por exemplo, os trabalhos realizados em sítios como Caral e Chupacigarro, que “revelan que los recintos-antesala, definidos por Shady como salones ceremoniales, suelen contar con un fogón ubicado en el eje central, cerca del ingreso delantero” (Vega-Centeno, 2017, p. 107). Esses espaços rituais eram geralmente restritos e contrastavam com outros espaços abertos, onde as práticas rituais possivelmente eram menos restritas (Vega-Centeno, 2017; Shady *et al.*, 2003).

Outro exemplo importante é o sítio de Ventarrón, na região de Lambayeque, onde “los trabajos en el sitio de Ventarrón han revelado una estructura de carácter ceremonial compuesta por una plataforma escalonada en cuya cima aparece un solo recinto” (Vega-Centeno, 2017, p. 110). A organização centralizada e a unidade do espaço ritual em Ventarrón são indícios de uma tradição cultural distinta das observadas mais ao sul, mostrando que, mesmo em um contexto de descentralização política, existia uma sofisticação na organização espacial que refletia diferentes formas de autoridade e controle social (Vega-Centeno, 2017).

No Vale de Tablachaca, Vega-Centeno destaca as semelhanças entre os sítios arqueológicos de La Galgada e Kotosh, que contam com montículos que outrora abrigavam recintos cerimoniais. Ele sugere que esses locais “insinúan la existencia de unidades sociopolíticas autónomas unas de otras, pero relacionadas de modo jerárquico” (Vega-Centeno, 2017, p. 111), enfatizando que o surgimento dessas organizações não deve ser visto como um desenvolvimento linear em direção ao Estado, mas como parte de uma ampla gama de formas sociopolíticas em evolução.

Por fim, Vega-Centeno propõe que as interações entre essas comunidades e a construção de espaços ritualísticos demonstram a existência de “autoridades limitadas, cuyas responsabilidades debían ser compartidas entre los habitantes de las comunidades” (Vega-Centeno, 2017, p. 113). Assim, ao invés de um controle centralizado, o que se observa é uma forma de organização social onde “la construcción de monumentos y los ritos públicos

actuaban como mecanismos que reforzaban la cooperación y la cohesión social” (Vega-Centeno, 2017, p. 115).

Matthew Piscitelli (2017) oferece uma crítica à interpretação de Vega-Centeno ao argumentar que, “embora o modelo *peer-polity* de Vega-Centeno considere adequadamente a densidade absoluta da arquitetura monumental, ela não explica como as diferenças de poder entre os líderes emergentes se desenvolveram” (Piscitelli, 2017, p. 403, tradução nossa). Além disso, Vega-Centeno não teria apresentado evidências acerca dos diferentes tipos de recursos disponíveis para as comunidades das distintas zonas ecológicas (Piscitelli, 2017). Para Piscitelli, embora Vega-Centeno sugira que os trabalhadores que haviam construído as estruturas públicas em Cerro Lampay participassem de festas, sua análise revela que os edifícios eram:

estruturas especializadas com acesso diferenciado, provavelmente reservadas para os líderes da comunidade. Assim, o modelo *peer-polity*, embora explique amplamente a ampla distribuição dos sítios do Arcaico Final, não lida satisfatoriamente com o conceito de poder (Piscitelli, 2017, p. 403, tradução nossa).

De acordo com Piscitelli (2017), Haas e Creamer apresentam uma explicação persuasiva para a ampla disseminação da arquitetura monumental ao longo da costa Centro-Norte e para as mudanças culturais associadas que perduraram por quase 1200 anos. Segundo Piscitelli:

Eles sugerem que as comunidades do Arcaico Tardio, na região do Norte Chico, participavam de uma esfera de interação regional na qual o *financiamento* básico ritualmente controlado permitia que os primeiros líderes convencessem outros a construir edifícios cerimoniais (Piscitelli, 2017, p. 401, tradução nossa).

Nessa esfera de integração regional, os primeiros líderes dessas comunidades utilizaram o financiamento básico ritualmente controlado como um meio para convencer outras pessoas a participar da construção de edifícios cerimoniais de grande escala. Nessa dinâmica, o poder e a influência dos líderes não se baseavam apenas na força ou coerção, mas também na capacidade de mobilizar recursos e mão de obra através de rituais e promessas de redistribuição. Dessa forma, a construção da arquitetura monumental servia como um indicador explícito da força e do poder dessas comunidades e seus líderes, criando uma rede de interação que sustentava as transformações culturais na região por mais de um milênio (Piscitelli, 2017).

Para Haas e Creamer, os produtos agrícolas, como o algodão e as plantas comestíveis, forneceram a base econômica necessária para o poder dos primeiros líderes. O

impulso econômico teria permitido que esses líderes atraíssem mão de obra das comunidades marítimas da costa do Pacífico e também das terras altas próximas (Haas; Creamer, 2006).

Segundo Tantaleán, a perspectiva de Haas e Creamer “es classicamente neoevolucionista, pero también incorporaron el modelo de *peer-polity interaction*)” (Tantaléan, 2021, p. 49). Esse modelo se reflete na densidade da arquitetura monumental na região do Norte Chico, onde as diferentes comunidades tentavam atrair participantes através da construção de montes-plataforma, vistos como “dispositivos de sinalização explícita que exibem uma medida da força, do poder e da grandeza das pessoas que construíram as plataformas e dos líderes que mandaram construí-las” (Haas; Creamer, 2012 *apud* Piscitelli, 2017, p. 405, tradução nossa).

É importante observar que, apesar das consideráveis críticas direcionadas a Shady, ela e sua equipe têm conduzido pesquisas sistemáticas no Vale do Supe por 30 anos, acumulando um volume significativo de material que ainda está por ser investigado. Mesmo que as críticas de Haas e Creamer sejam importantes e possam conduzir as pesquisas a novas perspectivas no Vale do Supe, eles desenvolvem sua interpretação baseados em análises de prospecções e evidências específicas (pólen e coprólitos) dos montes do Norte Chico. Já a quantidade de dados coletados por Shady e sua equipe pode oferecer novas perspectivas e possibilidades de interpretação à medida que mais informações são demonstradas ou pesquisadas. Assim, a continuidade e o aprofundamento das pesquisas no Vale do Supe são importantes para uma compreensão mais abrangente das dinâmicas sociopolíticas e culturais da região.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação entre a cidade e o Estado no Vale do Supe, entre o terceiro e o segundo milênio AEC, levanta uma questão fundamental para repensar os processos de formação estatal e urbana nas sociedades antigas. Ao investigar os sítios arqueológicos do Vale do Supe, especialmente Caral, o trabalho tensiona as noções eurocêtricas de civilização e urbanismo, que frequentemente associam o surgimento das cidades a uma organização estatal centralizada e evolutiva. A relevância desse tema reside na possibilidade de explorar formas alternativas de organização social e política que não se enquadram nos modelos tradicionais de desenvolvimento urbano e estatal.

Ao longo desta pesquisa, foram exploradas as características dos sítios arqueológicos da região, como a urbanização e a complexidade arquitetônica, e analisadas, em confronto com outras perspectivas, as implicações dessas características para a existência de uma estrutura governamental centralizada.

A análise crítica das teorias de Ruth Shady, que defende a existência de um “Estado prístino” em Caral, foi contraposta às abordagens de Haas, Creamer, Vega-Centeno, Tantaleán e Makowski, que propõem uma visão mais descentralizada e colaborativa das sociedades andinas do terceiro e segundo milênio AEC. Essas críticas revelam que, enquanto Shady vê a monumentalidade de Caral como um reflexo da organização estatal, outros autores argumentam que a cooperação comunitária e os rituais religiosos desempenharam um papel crucial na coordenação das construções monumentais, sem a necessidade de uma hierarquia rígida.

As análises bibliográficas realizadas ao longo do trabalho apontam que a formação de estruturas sociopolíticas no Vale do Supe ainda é muito discutida, embora já desafie as interpretações tradicionais sobre a emergência do Estado e da urbanização. A análise dos sítios arqueológicos revela que a monumentalidade arquitetônica, a centralidade dos espaços cerimoniais e a coordenação social eram essenciais para a formação dessas sociedades, mas sem a evidência clara de uma estrutura estatal centralizada nos moldes eurocêtricos.

Críticos como Haas, Creamer, Tantaleán e Vega-Centeno argumentam que os sítios do Vale do Supe representam uma fase de urbanização e complexidade social anterior à formação de um Estado formal. Embora os assentamentos apresentem uma organização monumental, não há evidências suficientes que comprovem a existência de um governo centralizado ou de instituições coercitivas. A falta de evidências materiais como muros, armas e enterramentos suntuosos também não corroboram essa perspectiva. O único enterramento

suntuoso de uma mulher no sítio de Áspero ainda está sendo analisado pela equipe, mas de qualquer modo também contraria a perspectiva tradicional de que instituições coercitivas estatais geralmente seriam representadas por homens.

Em contrapartida ao modelo teórico de Shady, a aplicação do modelo teórico *peer-polity interaction*, de Renfrew e Cherry (1986), por parte dos arqueólogos Haas, Creamer e Vega-Centeno, para sítios do mesmo período e vizinhos ao Vale do Supe, busca demonstrar que a construção de grandes montes e plataformas cerimoniais ou administrativas não implica necessariamente a existência de um Estado. Esses espaços parecem ter sido mantidos por mecanismos de cooperação intercomunitária e por uma liderança carismática, capaz de mobilizar mão de obra através de redes rituais, redistribuição e controle simbólico. Essa dinâmica, de acordo com a abordagem de Haas e Creamer, por exemplo, baseia-se na interação regional entre as diferentes comunidades que participaram de uma esfera de interação política e ritual. Por outro lado, Vega-Centeno tem demonstrado que a complexidade social e a monumentalidade podem ser frutos de organizações regionais colaborativas, sem uma centralização coercitiva.

Em relação ao desenvolvimento das cidades andinas do segundo e terceiro milênio AEC, é possível identificar que os debates teóricos acerca de Caral revelam diferentes interpretações sobre o urbanismo e a complexidade social nos Andes, refletindo as influências teóricas nas abordagens formais e organizacionais. Nesse contexto, é fundamental considerar as teorias de Shady, Makowski, Meneses, Graeber e Wengron que oferecem diferentes perspectivas sobre a formação e o desenvolvimento da cidade e do urbanismo.

A abordagem de Shady, marcada por influências marxistas e neoevolucionistas, propõe um modelo de desenvolvimento urbano ligado ao surgimento do Estado e à centralização política, onde a monumentalidade arquitetônica reflete a organização social e religiosa de uma sociedade hierarquizada. Por outro lado, críticos como Makowski oferecem uma leitura alternativa, que questiona a aplicação do conceito de “cidade” no contexto andino, defendendo que Caral não seria um centro urbano no sentido clássico, mas sim, um complexo cerimonial inserido em uma rede de assentamentos dispersos.

Essa divergência de interpretações não se limita à arquitetura monumental. Makowski propõe que os fragmentos encontrados em Caral parecem representar festas multitudinárias ao invés de um comércio formalizado, enquanto a tese de Shady e sua equipe sugere que existem dois contextos de vestígio, um que indica a evidência de uma economia organizada e residencial e outro que aponta para as festividades.

De fato, Makowski parece não concordar com nenhuma das teses de Shady e sua equipe, de modo que, ao compará-las, parece ignorar as evidências dos pesquisadores ligados ao projeto PEACS.

Contudo, as críticas de Makowski incorporadas às ideias de Graeber e Wengrow podem auxiliar a situar Caral dentro de uma discussão mais ampla acerca da origem das cidades e da formação política. Sua crítica aos modelos tradicionais de desenvolvimento urbano ajudou a interpretar Caral como uma forma de governança mais horizontalizada. Sua abordagem, ao contribuir significativamente para essa revisão crítica, pode oferecer uma visão alternativa às teorias clássicas de formação dos Estados e cidades, permitindo uma leitura mais plural e menos linear da história andina.

O conceito de “Cidades sem Estado”, de Wengrow (2015), sugere que os centros urbanos poderiam ter sido organizados de baixo para cima, por meio de formas de governança participativa, redes de troca descentralizadas e economia local autônoma, sem a dependência de uma elite controladora. Ao aplicar essa perspectiva a Caral, é lícito questionar as hipóteses de Shady sobre o controle centralizado por parte de uma elite sacerdotal. É possível que Caral tenha sido menos centralizada, com uma rede de interações e trocas entre as comunidades autônomas, no lugar de uma economia rigidamente controlada pelas elites. As estruturas monumentais, sob essa ótica, poderiam ser vistas não como símbolos de controle absoluto, mas como pontos de encontro e interação social, onde diferentes grupos negociavam poder e identidade. Essa crítica vai ao encontro da visão de Vega-Centeno, que propõe uma organização mais descentralizada e cooperativa no Vale do Supe.

Ao aplicar as três dimensões de Meneses (cidade artefato, campo de forças e imagem simbólica), constata-se que, na análise de Shady sobre Caral e o Vale do Supe, algumas dessas dimensões podem ser identificadas. A cidade como imagem simbólica é fortemente representada na ideia de Caral como um centro sagrado e religioso, onde as grandes estruturas monumentais, como as pirâmides e os templos, simbolizavam o poder político e a ordem cósmica. A dimensão da cidade como artefato, ou seja, a cidade como criadora e produto de dinâmicas sociais, pode ser vista também na ênfase de Shady acerca das construções monumentais, que seriam o resultado de longos processos históricos. Para Shady, a monumentalidade e a complexidade arquitetônica de Caral são evidências de um processo organizacional, com divisão de trabalho, posição social e uma elite que coordenava os projetos de construção. Já a terceira dimensão proposta por Meneses, da cidade como campo de forças, é menos visível na abordagem de Shady, pois, enquanto Meneses entende a cidade como um espaço de disputas, negociações e interações entre os diferentes grupos sociais,

Shady enfatiza uma visão mais centralizadora, com uma elite controlando os recursos e a organização social. A ideia de que Caral era um centro governado por uma elite religiosa, como propõe Shady, limita a noção de “campo de forças” de Meneses, que sugere uma cidade como um espaço interativo, onde as relações de poder eram constantemente negociadas entre os diferentes setores da sociedade.

Aqui, a interpretação de Meneses abre caminho para uma crítica à visão centralizadora de Shady. Ao incorporar uma noção de “campo de forças”, é possível imaginar que Caral não se tratava simplesmente de um centro controlado por uma elite, mas sim, de um espaço onde as relações de poder estavam em negociação constante. Ao invés de uma cidade rigidamente controlada, Caral poderia ser interpretada como um lugar de interações e disputas entre grupos sociais relativamente independentes, onde o poder era difuso e as construções monumentais serviam como locais de negociação e convergência simbólica.

A abordagem descentralizada de Wengrow e a visão crítica de Meneses oferecem uma interpretação alternativa à perspectiva tradicional de centralização proposta por Shady, ampliando o entendimento do urbanismo andino como uma característica multifacetada e interativa.

Em síntese, é possível definir que uma cidade andina nesse período, especialmente no caso do Vale do Supe e de Caral, parece emergir como um centro cerimonial e político, dotada de uma arquitetura monumental significativa, como montes-plataforma, praças afundadas e grandes edifícios públicos que se propagavam além do vale, mas sem apresentar características claras de uma administração estatal centralizada ou de uma divisão de classes rígida, como em outras sociedades contemporâneas. A arquitetura monumental parece ter servido não só como um local de integração comunitária, mas também como uma expressão de poder simbólico e social, com líderes mobilizando recursos e mão de obra por meio de rituais e trocas redistributivas, sem a necessidade de coerção formal. Além disso, essas cidades poderiam estar inseridas em redes de interação regional, nas quais a troca de recursos, como produtos agrícolas e pesqueiros, sustentava a vida urbana, embora essa questão ainda esteja em aberto.

A ausência de uma clara hierarquia estatal no Vale do Supe reforça a ideia de que as estruturas sociopolíticas podem ter surgido de forma descentralizada. O modelo da dinâmica *peer-polity interaction*, se aplicado ao Vale do Supe, poderia explicar como as comunidades teriam competido e colaborado ao mesmo tempo, promovendo construções monumentais sem a necessidade de um Estado formalizado.

A partir das evidências materiais, como as estatuetas, o enterramento feminino, a ausência de muralhas e armas e a economia diversificada de produtos marinhos e agrícolas é possível pensar em Caral e nos demais sítios do Vale do Supe como “Cidades sem Estado”, assim como propõe Wengron, mas essas e outras evidências carecem de estudo, merecendo uma maior atenção.

Apesar das críticas, é importante destacar que Shady e sua equipe têm realizado pesquisas sistemáticas no Vale do Supe por três décadas, acumulando um vasto volume de dados que ainda está em processo de análise. Esse esforço contínuo é fundamental para uma compreensão mais completa e precisa das dinâmicas sociopolíticas e culturais da região.

Em conclusão, o estudo do Vale do Supe e a investigação sobre a formação de um Estado na região andina revelam a complexidade da organização social e política das sociedades do terceiro e segundo milênio AEC. As diversas teorias e críticas abordadas neste trabalho destacam a necessidade de uma abordagem multidisciplinar e uma análise mais profunda acerca dos dados disponíveis para compreender as interações e as transformações socioculturais na região. A continuidade das pesquisas e a análise de novos dados serão essenciais para esclarecer as questões ainda em aberto e oferecer uma visão mais completa sobre o desenvolvimento dessas sociedades andinas no Peru.

## REFERÊNCIAS

- CANZIANI, J. **Ciudad y territorio en los Andes: contribuciones a la historia del urbanismo prehispánico**. Lima: PUCP, 2018.
- CANZIANI, J. Arquitectura y urbanismo del periodo Paracas en el valle de Chíncha. **Gaceta Arqueológica Andina**, 22, 87-117, 1992.
- CARLOTTO, C. *et al.* **Geología de la ciudad sagrada de Caral**. Lima: Instituto Geológico Minero y Metalúrgico, 2011. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12544/376>. Acesso em: 18 abr. 2023
- CHERRY, J. F.; RENFREW, C. **Peer Polity Interaction and Socio-political Change**. London: Cambridge University Press, 1986.
- CHILDE, V. G. The urban revolution. **Town planning review**, v. 21, n. 1, p. 3, 1950. Disponível em: <https://faculty.washington.edu/plape/citiesaut11/readings/Childe-urban%20revolution%201950.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2024.
- CONRAD, S. **O que é a História Global?** Lisboa: Edições 70, 2019.
- COWGILL, G. L. Origins and Development of Urbanism: Archaeological Perspectives. **Annual Review of Anthropology**, v. 33, p. 525-549, 2004. DOI: <https://doi.org/10.1146/annurev.anthro.32.061002.093248>. Acesso em: 13 maio 2023.
- CREAMER, W.; HAAS, J. Changing Complexity in the Norte Chico 3000-1800 cal BCE. In: PRIETO, G.; SANDWEISS, D. H. (Eds.). **Maritime communities of the ancient**. 4. ed. Gainesville: University Press of Florida, 2020. p. 131-164. Disponível em: <https://www.researchgate.net/scientific-contributions/Jonathan-Haas-34489636>. Acesso em: 23 fev. 2024.
- DEFRANCE, S. D.; GRAYSON, N.; WISE, K. Documenting 12,000 years of coastal occupation on the Osmore littoral, Peru. **Journal of Field Archaeology**, v. 34, n. 3, p. 227-246, 2009. Disponível em: [https://www.academia.edu/29036875/Documenting\\_12\\_000\\_Years\\_of\\_Coastal\\_Occupation\\_on\\_the\\_Osmore\\_Littoral\\_Peru](https://www.academia.edu/29036875/Documenting_12_000_Years_of_Coastal_Occupation_on_the_Osmore_Littoral_Peru). Acesso em: 21 mar. 2024.
- DIAS, A. S. **Sistemas de assentamento e estilo tecnológico: uma proposta interpretativa para a ocupação pré-colonial do Alto Vale do Rio dos Sinos, Rio Grande do Sul**. 2003. 401 p. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003. DOI: <https://doi.org/10.11606/T.8.2004.tde-21102004-162152>. Acesso em: 08 abr. 2024.
- DILLEHAY, T. D. *et al.* Simple technologies and diverse food strategies of the Late Pleistocene and Early Holocene at Huaca Prieta, Coastal Peru. **Science advances**, v. 3, n. 5, p. e1602778, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1126/sciadv.1602778>. Acesso em: 14 maio 2024.
- ESPINOZA, A. J. N. **Investigación arqueológica en un módulo arquitectónico del sector a de Caral, Valle de Supe, Perú**. 2004. Tesis de Grado (Arqueología) - Universidad Nacional Mayor de San Marcos, Lima, 2004. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12672/5797>. Acesso em: 13 abr. 2022.

FELDMAN, R. A. Preceramic Architectural and Subsistence Traditions. **Andean Past**, v. 3, n. 1, p. 67-86, 1992. Disponível em: [https://digitalcommons.library.umaine.edu/andean\\_past/vol3/iss1/8](https://digitalcommons.library.umaine.edu/andean_past/vol3/iss1/8). Acesso em: 10 abr. 2023.

FELDMAN, R. A. **Aspero, Peru**: Architecture, Subsistence Economy, and Other Artifacts of a Preceramic Maritime Chiefdom. 1980. Tese (Department of Anthropology), Harvard University, Massachusetts, 1980. Disponível em: [https://www.academia.edu/45360484/Aspero\\_Peru\\_Architecture\\_Subsistence\\_Economy\\_and\\_Other\\_Artifacts\\_of\\_a\\_Preceramic\\_Maritime\\_Chiefdom](https://www.academia.edu/45360484/Aspero_Peru_Architecture_Subsistence_Economy_and_Other_Artifacts_of_a_Preceramic_Maritime_Chiefdom). Acesso em: 10 abr. 2023.

FLANNERY, K. V. Culture v. cultural process: A debate in American archaeology. **Scientific American**, v. 217, n. 2, p. 119-122, 1967.

FLORES, L. A. B. **Estudio de unidades residenciales en el subsector I2 de Caral, Valle de Supe-Perú**. Tesis de Grado (Arqueología) - Universidad Nacional Mayor de San Marcos, Lima, 2006. Disponível em: [https://www.academia.edu/273026/Estudio\\_de\\_Unidades\\_Residenciales\\_en\\_el\\_Subsector\\_i2\\_de\\_Caral\\_valle\\_de\\_Supe\\_Peru](https://www.academia.edu/273026/Estudio_de_Unidades_Residenciales_en_el_Subsector_i2_de_Caral_valle_de_Supe_Peru). Acesso em: 08 abr. 2023.

GONZÁLEZ-GARCÍA, A. C. *et al.* The river and the sky: Astronomy and topography in Caral society, America's first urban centers. **Latin American Antiquity**, v. 32, n. 1, p. 154-172, 2021. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/350316283\\_The\\_River\\_and\\_the\\_Sky\\_Astronomy\\_and\\_Topography\\_in\\_Caral\\_Society\\_America's\\_First\\_Urban\\_Centers](https://www.researchgate.net/publication/350316283_The_River_and_the_Sky_Astronomy_and_Topography_in_Caral_Society_America's_First_Urban_Centers). Acesso em: 10 maio 2024.

GRAEBER, D.; WENGROW, D. **O despertar de tudo**: uma nova história. Trad. de Denise Buttman e Claudio Marcondes. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

GUARINELLO, N. L. Uma morfologia da história: as formas da história antiga. **Politeia - História e Sociedade**, v. 3, n. 1, p. 41-61, 2003. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/politeia/article/view/3935> Acesso em: 13 maio 2023.

HAAS, J. The exercise of power in early Andean state development. *In*: **The Origins and Development of the Andean State**. New York: Cambridge University Press, 1997. p. 31-35.

HAAS, J.; CREAMER, W. Crucible of Andean Civilization: The Peruvian Coast from 3000 to 1800 BC. **Current Anthropology**, v. 47, n. 5, p. 745-775, 2006. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/249179932\\_Crucible\\_of\\_Andean\\_Civilization\\_The\\_Peruvian\\_Coast\\_from\\_3000\\_to\\_1800\\_BC](https://www.researchgate.net/publication/249179932_Crucible_of_Andean_Civilization_The_Peruvian_Coast_from_3000_to_1800_BC). Acesso em: 23 fev. 2024.

HAAS, J.; CREAMER, W.; RUIZ, A. Power and the Emergence of Complex Polities in the Peruvian Preceramic. **American Anthropological Association**, n. 14, p. 37-52, 2005. Disponível em: <https://archive.org/details/foundationsofpow0000amer/page/4/mode/2up>. Acesso em: 23 fev. 2023.

ITIER, C. “Huaca”, un concepto andino mal entendido. **Chungará**, v. 53, n. 3, p. 480-490, 2021.

KAULICKE, P.; DILLEHAY, T. D. Introducción: ¿por qué estudiar el Periodo Arcaico en el Perú? **Boletín de Arqueología PUCP**, n. 3, p. 9-17, 1999. DOI: <https://doi.org/10.18800/boletindearqueologiapucp.199901.001>. Acceso em: 05 set. 2023.

KAULICKE, P.; ONUKI, Y. **Las Cronologías del Formativo: 50 años de investigaciones japonesas en perspectiva**. Lima: Fondo Editorial PUCP, 2010. Disponible em: <https://repositorio.pucp.edu.pe/index/handle/123456789/173140>. Acceso em: 05 set. 2023.

KAULICKE, P. Max Uhle (1856-1944): Viajes en busca de un pasado americano. **Revista Brasileira de Linguística Antropológica**, v. 6, n. 2, p. 377-395, 2015. DOI: <https://doi.org/10.26512/rbla.v6i2.16277>. Acceso em: 05 set. 2023.

LUMBRERAS, L. G. **Arqueología de la América andina**. Lima: Milla Batres, 1981.

LUMBRERAS, L. G. Childe y la tesis de la revolución urbana: la experiencia central andina. *In: Coloquio V. Gordon Childe. Estudios sobre la revolución neolítica y la revolución urbana*. Mexico: Universidad Nacional Autónoma de México, 1988. p. 349-366.

LUMBRERAS, L. G. **Pueblos y cultura del Perú Antiguo**. Lima: Petróperu, 2020.

MACHACUAI, R. M. **El Edificio N° 9 del asentamiento Chupacigarro, Supe**: identificación de un edificio público ceremonial no monumental del arcaico tardío a través de su secuencia arquitectónica. 2008. Tesis de Grado (Arqueología) - Universidad Nacional Mayor de San Marcos, Lima, 2008. Disponible em: <https://hdl.handle.net/20.500.12672/831>. Acceso em: 10 abr. 2023.

MAKOWSKI, K. La ciudad y el origen de la civilización en los Andes. Sobre el imperativo y los límites de la comparación en la prehistoria. **Estudios Latinoamericanos**, v. 17, p. 63-88, 1996. DOI: <https://doi.org/10.36447/Estudios1996.v17.art2>. Acceso em: 01 jun. 2024.

MAKOWSKI, K. La arquitectura pública del Periodo Precerámico Tardío y el reto conceptual del urbanismo andino. **Boletín de Arqueología PUCP**, n. 10, p. 167-199, 2006.

MAKOWSKI, K. La ciudad y el origen de la civilización en los andes (sobre el imperativo y los límites de la comparación en la prehistoria). **Summa Humanitatis**, p. 7-37, 2007.

Disponible em:

<https://repositorio.pucp.edu.pe/index/bitstream/handle/123456789/179761/Texto%20completo.pdf?sequence=1>. Acceso em: 03 mar. 2022.

MAKOWSKI, K. Andean urbanism. *In: The handbook of South American Archaeology*. New York: Springer New York, 2008. p. 633-657. Disponible em:

[https://www.researchgate.net/profile/Krzysztof-Makowski-4/publication/227054372\\_Andean\\_Urbanism/links/5f6e1f1e299bf1b53ef1bdce/Andean-Urbanism.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Krzysztof-Makowski-4/publication/227054372_Andean_Urbanism/links/5f6e1f1e299bf1b53ef1bdce/Andean-Urbanism.pdf). Acceso em: 03 mar. 2022.

MAKOWSKI, K. **Urbanismo Andino: Centro ceremonial y ciudad en el Perú prehispánico**. Lima: Apus, 2020.

MARCUS, J.; STANISH, C. Michael E. Moseley and the Foundations of Andean Civilization. *In: MARCUS, J.; WILLIAMS, P. R. (Eds.). Andean Civilization: A Tribute to*

Michael E. Moseley. Los Angeles: Cotsen Institute of Archaeology Press at UCLA, 2009. Disponível em: <https://escholarship.org/uc/item/4g65x10n>. Acesso em: 20 ago. 2023.

MENESES, U. B. Morfologia das cidades brasileiras: introdução ao estudo histórico da iconografia urbana. **Revista USP**, n. 30, p. 142-155, ago.1996. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i30p142-155>. Acesso em: 13 abr. 2023.

NEVES, E. G. Índios antes de Cabral: arqueologia e história indígena no Brasil. *In: **Temática indígena na escola: novos subsídios para professores de primeiro e segundo graus***. São Paulo: Editora Global, 1995.

ORTLOFF, C. R. Caral, South America's Oldest City (2600-1600 BC): ENSO Environmental Changes Influencing the Late Archaic Period Site on the North Central Coast of Peru. **Water**, v. 14, n. 9, p. 1403, 2022. DOI: <https://doi.org/10.3390/w14091403>. Acesso em: 01 jun. 2024.

PEZO-LANFRANCO, L.; COLONESE, A. C. The role of farming and fishing in the rise of social complexity in the Central Andes: a stable isotope perspective. **Scientific Reports**, n. 14, 2024.

PHILLIPS, P.; WILLEY, G. R. Method and theory in American archeology: An operational basis for culture-historical integration. **American Anthropologist**, v. 55, n. 5, p. 615-633, 1953.

PISCITELLI, M. Pathways to Social Complexity in the Norte Chico Region of Peru. *In: CHACON, R.; MENDOZA, R. et al. (Eds.). **Feast, Famine or Fighting?*** Cham: Springer Nature, 2017.

QUILTER, J.; STOCKER, T. Subsistence Economies and the Origins of Andean Complex Societies. **American Anthropological Association**, v. 85, n. 3, p. 545-562, 1983. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/678659>. Acesso em: 13 maio 2023.

RADEMAKER, K. *et al.* Paleoindian settlement of the high-altitude Peruvian Andes. **Science**, v. 346, n. 6208, p. 466-469, 2014. Disponível em: <https://www.science.org/doi/abs/10.1126/science.1258260>. Acesso em: 04 mar. 2024.

ROWE, J. H. Max Uhle, 1856-1944: A Memoir of the Father of Peruvian Archaeology. **American Archaeology and Ethnology**, v. 46, n. 1, p.134, 1954. Disponível em: <https://digitalassets.lib.berkeley.edu/anthpubs/ucb/text/ucp046-001.pdf>. Acesso em: 05 set. 2023.

ROWE, J. H. Urban Settlements in Ancient Peru, Ñawpa Pacha. **Journal of Andean Archaeology**, v. 1, p. 1-27, 1963. Disponível em: [https://ira.pucp.edu.pe/wp-content/uploads/2020/06/Nawpa\\_pacha.pdf](https://ira.pucp.edu.pe/wp-content/uploads/2020/06/Nawpa_pacha.pdf). Acesso em: 20 ago. 2023.

SANDWEISS, D. H. *et al.* Environmental change and economic development in coastal Peru between 5,800 and 3,600 years ago. **Proceedings of the National Academy of Sciences**, v. 106, n. 5, p. 1359-1363, 2009.

SANDWEISS, D. H. *et al.* Variation in Holocene El Niño frequencies: Climate records and cultural consequences in ancient Peru. **Geology**, v. 29, n. 7, p. 603-606, 2001. Disponível em:

[https://www.researchgate.net/publication/248303248\\_Variation\\_in\\_Holocene\\_El\\_Nino\\_frequencies\\_Climate\\_records\\_and\\_cultural\\_consequences\\_in\\_ancient\\_Peru](https://www.researchgate.net/publication/248303248_Variation_in_Holocene_El_Nino_frequencies_Climate_records_and_cultural_consequences_in_ancient_Peru). Acesso em: 17 maio 2024.

SANDWEISS, D. H. Terminal Pleistocene through Mid-Holocene archaeological sites as paleoclimatic archives for the Peruvian coast. **Palaeogeography, Palaeoclimatology, Palaeoecology**, v. 194, n. 1-3, p. 23-40, 2003. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/204180030\\_Terminal\\_Pleistocene\\_through\\_Mid-Holocene\\_Archaeological\\_Sites\\_as\\_Paleoclimatic\\_Archives\\_for\\_the\\_Peruvian\\_coast](https://www.researchgate.net/publication/204180030_Terminal_Pleistocene_through_Mid-Holocene_Archaeological_Sites_as_Paleoclimatic_Archives_for_the_Peruvian_coast). Acesso em: 17 maio 2024.

SANDWEISS, D. H.; PRIETO, G. **Maritime Communities of the Ancient Andes: Gender, Nation, and Popular Culture**. 1. ed. Gainesville: University Press of Florida, 2019.

SANDWEISS, D. H.; RICHARDSON III, J. B. Central Andean Environments. *In: The Handbook of South American Archaeology*. New York: Springer, 2008. p. 93-104. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/226747201\\_Central\\_Andean\\_Environments](https://www.researchgate.net/publication/226747201_Central_Andean_Environments). Acesso em: 17 maio 2024.

SCHAEDEL, R. The City and the Origin of the State in America. *In: SCHAEDEL, R. et al. Urbanization in the Americas from its Beginning to the Present*. The Hague: Mouton, 1972. p. 31-50.

SCHIFFER, M. B. Archaeological context and systemic context. **American antiquity**, v. 37, n. 2, p. 156-165, 1972.

SHADY, R. **La Ciudad Sagrada de Caral-Supe: Supe en los arboles de la civilización en el Perú**. Lima: UNMSM, Fondo Editorial, 1997.

SHADY, R. TRUJILLO, S. L. Ritual de enterramiento de un recinto en el Sector Residencial A en Caral-Supe. **Boletín de Arqueología PUCP**, n. 3, p. 187-212, 1999. DOI: <https://doi.org/10.18800/boletindearqueologiapucp.199901.010>. Acesso em 12 abr. 2022.

SHADY, R.

SHADY, R. Sustento socioeconómico del Estado Prístino de Supe-Perú: Las evidências de caral-supe. **Arqueología y Sociedad**, n. 13, p. 49-66, dez. 2000. DOI: <https://doi.org/10.15381/arqueolsoc.2000n13.e.e12746>. Acesso em: 12 abr. 2022

SHADY, R.; DOLORIER, T.; MONTESINOS, F.; CASAS, S. Los orígenes de la Civilización en el Perú: el área norcentral y el valle de supe durante el Arcaico Tardío. **Arqueología y Sociedad**, n. 13, p. 11-48, dez. 2000. DOI: <https://doi.org/10.15381/arqueolsoc.2000n13.e12745>. Acesso em: 12 abr. 2022.

SHADY, R.; MACHACUAY, M.; ROCÍO, A. La Plaza Circular del Templo Mayor de Caral: Su Presencia en Supe y en el Área Norcentral del Perú. **Boletín del Museo de Arqueología y Antropología**, v. 3, n. 8, 2000. Disponível em:

[http://sbweb/bibvirtualdata/publicaciones/antropologia/2000\\_n08/a01.pdf](http://sbweb/bibvirtualdata/publicaciones/antropologia/2000_n08/a01.pdf). Acceso em: 04 jun. 2022.

SHADY, R.; HAAS, J.; CREAMER, W. Dating Caral a Preceramic site in the Supe Valley on the Central Coast of Peru. *Science*, v. 292, n. 5517, p. 723-726, 2001. DOI: <https://doi.org/10.1126/science.1059519>. Acceso em: 19 abr. 2023.

SHADY, R.; LEYVA, C. **La Ciudad Sagrada de Caral-Supe**: Los orígenes de la civilización andina y la formación del Estado Prístino en el antiguo Perú. Lima: Proyecto Especial Arqueológico Caral-Supe, 2003. Disponível em: [https://www.zonacaral.gob.pe/publicaciones/2003\\_ciudad\\_sagrada\\_caral\\_supe\\_los\\_origenes\\_de\\_la\\_civilizacion.html](https://www.zonacaral.gob.pe/publicaciones/2003_ciudad_sagrada_caral_supe_los_origenes_de_la_civilizacion.html) . Acceso em: 02 jan. 2023.

SHADY, R. Caral-Supe y su entorno natural y social en los orígenes de la civilización. *Investigaciones Sociales*, v. 9, n. 14, p. 89-120, 2005.

SHADY, R. America's first city? The case of Late Archaic Caral. *In: Andean Archaeology III: North and South*. Boston: Springer, 2006. p. 28-66.

SHADY, R. La Civilización Caral: Sistema social y manejo del territorio y sus recursos. Su trascendencia en el proceso cultural andino. *Boletín de Arqueología PUCP*, n. 10, p. 59-89, 2006. DOI: <https://doi.org/10.18800/boletindearqueologiapucp.200601.004>. Acceso em: 13 jun. 2023.

SHADY, R.; QUISPE, E.; MACHACUAY, M.; NOVOA, P. **Lurihuasi**: Asentamiento monumental en la zona capital de la civilización Caral. Lima: Editora Zona Arqueológica Caral, 2013.

SHADY, R.; QUISPE, E.; MACHACUAY, M.; NOVOA, P. **Miraya**: Asentamiento monumental en la zona capital de la civilización Caral. Lima: Editora Zona Arqueológica Caral, 2013.

SHADY, R. La civilización Caral: Paisaje cultural y sistema social. *Senri ethnological studies*, v. 89, p. 51-103, 2014. DOI: <https://doi.org/10.15021/00002369>. Acceso em: 12 abr. 2023.

SHADY, R.; MACHACUAY, M.; NOVOA, P.; PALOMINO, D. **Áspero, ciudad pesquera de la civilización Caral, 5000 años de ciencia y tecnología pesquera**. Lima: Editora Zona Arqueológica Caral, 2015.

SHADY, R.; NOVOA, P.; QUISPE, E. Los valores de la Civilización Caral: Reflexiones para el "Buen Vivir". Lima: Editora Zona Arqueológica Caral, 2019.

SHADY, R.; MACHACUAY, M.; NOVOA, P.; QUISPE, E.; LEYVA, C. **Centros urbanos de la civilización Caral**: 21 años recuperando la historia sobre el sistema social. Lima: Editora Zona Arqueológica Caral, 2022.

STANISH, C. The origin of state societies in South America. *Annual Review of Anthropology*, v. 30, p. 41-64, 2001. DOI: <https://doi.org/10.1146/annurev.anthro.30.1.4>. Acceso em: 13 maio 2023.

TANTALEÁN, H. **Arqueología de la formación del estado**: El caso de la cuenca norte del Títicaca. Lima: Avqi Ediciones, 2005.

TANTALEÁN, H. **Los antiguos estados andinos**: Una arqueología de las formaciones políticas del Perú prehispánico. Lima: IEP, 2021.

TRIGGER, B. G. **História do pensamento arqueológico**. Trad. de Ordep Trindade Serra. São Paulo: Odysseus, 2004.

VARILLAS, E. P. R. Cambio de paisajes de la costa norte peruana desde una perspectiva histórica y geográfica. **Historia 2.0: Conocimiento Histórico en Clave Digital**, n. 8, p. 47-73, 2014.

VEGA-CENTENO, R. Arquitectura pública del Arcaico Tardío en el valle de Fortaleza. Reflexiones sobre las sociedades complejas tempranas en la Costa Nor-Central. **Arqueología y Sociedad**, n. 15, p. 33-60, 2004.

VEGA-CENTENO, R. **Ritual and Architecture in a Context of Emergent Complexity**. A Perspective from Cerro Lampay, a Late Archaic Site in the Central Andes. 2005. Thesis (Department of Anthropology) - The University of Arizona, Tucson, 2005.

VEGA-CENTENO, R. El periodo Arcaico Tardío en perspectiva regional. Nuevos aportes. *In: Repensar el antiguo Perú, aportes desde la arqueología*. Lima: Fondo Editorial de la Pontificia Universidad Católica del Perú/Instituto de Estudios Peruanos, 2017. p. 87-121.

VIZCONDE GARCÍA, C. E. **Arquitectura residencial en el Sector B de Caral Valle de Supe**. Tesis (Departamento en Arqueología) - Universidad Nacional Mayor de San Marcos, Lima, 2004. Disponible em: <https://hdl.handle.net/20.500.12672/2571>. Acceso em: 13 abr. 2022

VIZCONDE GARCÍA, C. E. **Una residencia de élite en Caral - Supe y sus cambios a través del tiempo**. Tesis (Departamento en Arqueología) - Universidad Nacional Mayor de San Marcos, Lima, 2019. Disponible em: <https://hdl.handle.net/20.500.12672/10470>. Acceso em: 13 abr. 2022

WATSON, P. J. Processualism and after. *In: Handbook of Archaeological Theories*. Lanham: Rowman & Littlefield, 2008. p. 29-38.

WENGROW, D. **Cities before the State in Early Eurasia**. Goody Lecture 2015. Max Planck Institute for Social Anthropology. Department 'Resilience and Transformation in Eurasia'. IMPRESS, Halle/Saale, 2015.

YSEKI, M.; PEZO-LANFRANCO, L.; MACHACUAY, M. *et al.* Analysis of starch grains trapped in human dental calculus in Áspero, Peru during the Initial Formative Period (3000-1800 BCE). **Scientific Reports**, n. 13, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1038/s41598-023-41015-6>.